



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA**

**FERNANDA JAIME ANDRADE**

**O DIÁRIO ÍNTIMO E ESCRITA DE SI COMO MULHER  
(CASTANHAL, 1992-1996)**

**BELÉM/PA  
2016**

**FERNANDA JAIME ANDRADE**

**O DIÁRIO ÍNTIMO E ESCRITA DE SI COMO MULHER  
(CASTANHAL, 1992-1996)**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial para a aprovação no Exame de Defesa, orientado pelo Prof. Dr. Márcio Couto Henrique.

**BELÉM/PA  
2016**

A553d  
Andrade, Fernanda Jaime.  
O diário íntimo e a escrita de si como mulher (Castanhal, 1992-1996).  
/ Fernanda Jaime Andrade. – Belém - PA, 2016.  
121 f. il.  
  
Orientador: Prof. Dr. Márcio Couto Henrique.  
  
Dissertação de Mestrado (Mestrado em História Social da Amazônia).  
– Universidade Federal do Pará - UFPA, 2016.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Miracy da Silva Maia CRB-2/1321

**FERNANDA JAIME ANDRADE**

**O DIÁRIO ÍNTIMO E ESCRITA DE SI COMO MULHER  
(CASTANHAL, 1992-1996)**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial para a aprovação no Exame de Defesa.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Márcio Couto Henrique  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

---

Membro Externo: Prof. Dr<sup>a</sup>. Valéria Augusti  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

---

Membro Interno: Dr<sup>a</sup>. Cristina Donza Cancela  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Conceito: \_\_\_\_\_

Belém, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2015.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará, na figura da professora Dr<sup>a</sup> Cristina Donza Cancela, pelo suporte acadêmico que orientou toda esta dissertação. Ainda agradeço à professora por aceitar o convite para compor a banca avaliadora dessa pesquisa. Igualmente agradeço a professora Dr<sup>a</sup>. Valéria Augusti, que desde a qualificação se interessou por este trabalho. Confesso minha alegria em poder usufruir das contribuições intelectuais de cada uma para o melhoramento dessa dissertação.

Ao professor Dr. Márcio Couto Henrique, orientador desta dissertação, a quem sempre agradeço a disposição, a compreensão, os rumos e as valiosas direções sobre a metodologia de pesquisa, as referências bibliográficas tão fundamentais para a escrita da dissertação. Tua generosidade e gentileza foram importantes para a conclusão dessa pesquisa. Sou muito grata por tudo!

Aos professores que contribuíram academicamente na ampliação de meus conceitos historiográficos, bem como no meu entendimento sobre o que é ser professora. São eles: Leila Mourão, Pere Petit, José Alves Júnior, Jose Peinado e ao professor Karl Heinz, com quem também aprendi sobre elegância, firmeza e coerência.

À Marley Silva, mulher admirável em muitas características, incentivadora de ânimos, intelectual competente e inspiradora, que me acompanhou, por meio de inúmeras conversas e desabafos, durante a trajetória desses dois anos de mestrado, de maneira incansável e muito amorosa. Minha amiga querida, obrigada pela cumplicidade!

Aos meus amados amigos, cujos nomes pouparei nesse agradecimento, porque cada um deles já sabe o tamanho de minha gratidão e afeto por todos aqueles que me deram as mãos. Sou imensamente grata à acolhida de todos!

À minha família, suporte de todos os momentos, de todos os meus passos e escolhas, todo meu amor a vocês!

Ao meu filho Fernando, meu amigo e companheiro das muitas emoções e exigências vividas nestes dois anos. Meu parceiro impulsor da minha fé e persistência. Meu amor total e maior!

## RESUMO

A análise historiográfica foi pautada na Escola dos *Annales*, no que diz respeito a conceitos como memória, tempo, subjetividade e identidade. A fonte principal da pesquisa consistiu nos diários íntimos de uma adolescente da cidade de Castanhal, estado do Pará, durante os primeiros anos da década de 1990. *Lucy I*, por ser admiradora da banda *The Beatles*, teve seu codinome escolhido em referência a música *Lucy in the sky with Diamonds*, uma das preferidas dela. Ela escreveu oito diários entre os anos de 1992 e 2003. Os diários escritos entre os anos de 1992 a 1996, foram mais relevantes, portanto escolhidos para a dissertação. A partir da escola dos *Annales*, a historiografia passou a considerar variadas formas de investigação. O sujeito também era o foco da observação, contrariando o método positivista fixador das grandes estruturas, grandes acontecimentos e dos grandes homens. Essa dissertação pretende dar voz às pessoas comuns, enfatizando histórias de vida, permitindo narrativas culturais capazes de induzir a percepção do leitor, ao abrir espaço para a biografia, viabilizando a relação dialética entre sujeito e o meio no qual está inserido.

Palavras – chave: Diários íntimos; Escrita de si; Escola dos Annales; Memória; Identidade

## ABSTRACT

This work is ruled by the concepts of *Annales School*, memory, time, subjectivity and identity. The major source of this research, are intimal diaries of a teenager, from Castanhal, Pará state. Her diaries started on the first years of 90's. *Lucy 1* is a big fã of the band *The Beatles*. Her codename was chosen in reference of *Lucy in the sky with Diamonds*, one of hers favorites. She wrote eight diaries between 1992 and 2003. For this work, we choose four diaries wroted between 1992 and 1996 because of relevance. Based on *Annales School*, this historiography considered several forms of investigation. The subject also was a focus, opposing the positivist method, which the focus in on great structures, great events and great people. This work intends to give voice to common people emphasizing histories of life, allowing cultural narratives capable to increase the reader perception, opening space to biography, making possible the dialectical relationship between the person and the place where it is inserted.

Keywords: Intimal diaries; Self writing; Annales school; Memory; Identity

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Diário de Lucy, 1993, p. 1. ....	21
Figura 2: Diário de Lucy, 1993, p. 2-3. ....	27
Figura 3: Diário de Lucy, 1993, p. 2-3. ....	30
Figura 4: Diários de Lucy, 1993 a 2003 .....	33
Figura 5: Diários de Lucy 1992-1996 .....	34
Figura 6: Diário de Lucy, 1993 .....	35
Figura 7: Diário de Lucy, 1993. Visão lateral do diário .....	36
Figura 8: Coleções de Papéis de carta dos anos 90 .....	36
Figura 9: Diário de Lucy, 1993 .....	37
Figura 10: Diários de Lucy, 1992-1993 .....	38
Figura 11: Diários de Lucy, 1992-1993 .....	38
Figura 12: Diários de Lucy, 1994-1996 .....	39
Figura 13: Diários de Lucy, 1994-1996 .....	39
Figura 14: Diário de Lucy, 1993, p. 146 .....	40
Figura 15: Diário de Lucy, 1992, p. 188 .....	42
Figura 16: Diário de Lucy, 1992, p. 52 .....	47
Figura 17: Diário de Lucy, 1992, p. 7 .....	50
Figura 18: Diário de Lucy, 1993, p. 120 .....	51
Figura 19: Diário de Lucy, 199, p. 38 .....	52
Figura 20: Diário de Lucy, 1992, p. 79 .....	54
Figura 21: Diário de Lucy, 1993 .....	55
Figura 22: Diário de Lucy, 1993, p. 179 .....	57
Figura 23: Clips para papel em material plástico .....	59
Figura 24: Estojos automáticos .....	59
Figura 25: Canetas para colorir .....	59
Figura 26: Estojo de desenho e pintura .....	60

Figura 27: Diário de Lucy, 1992, p. 5 .....	62
Figura 28: Diário de Lucy, 1922, p. 2 .....	63
Figura 29: Diário de Lucy, 1922, p. 102-103 .....	65
Figura 30: Diário de Lucy, 1992, p. 86-102 .....	66
Figura 31: Diário de Lucy, 1992, p. 111 .....	67
Figura 32: Diário de Lucy, 1993, p. 306 .....	68
Figura 33: Diário de Lucy, 1993, p. 223 .....	70
Figura 34: Diário de Lucy. Folha avulsa .....	71
Figura 35: Diário de Lucy, 1993, p. 129 .....	72
Figura 36: Diário de Lucy, 1992, p. 216-217 .....	74
Figura 37: diário de Lucy, 1992, p. 203 .....	76
Figura 38: Chamada sobre o debate entre os candidatos à Presidência .....	76
Figura 39: Diário de Lucy, 1993. Folha avulsa .....	85
Figura 40: Diário de Lucy, 1993, p. 39 .....	88
Figura 41: Diário de Lucy, 1993, p. 40 .....	89
Figura 42: Diário de Lucy, 1993, p. 55 .....	90
Figura 43': Diário de Lucy, 1993, p. 314 .....	92
Figura 44: Diário de Lucy 1993, p. 262 .....	93
Figura 45: Boneca Fofolete. Indústria Estrela .....	101
Figura 46: Diário de Lucy, 1992, p. 74 .....	102
Figura 47: Diário de Lucy, 1992, p. 74 .....	103
Figura 48: Diário de Lucy, 1992, p. 26 .....	104
Figura 49: Diário de Lucy, 1992, p. 100 .....	104
Figura 50: Diário de Lucy, 1992, p. 84-85 .....	105
Figura 51: Capa da revista Claudia, nº 349, outubro de 1990. Editora Abril .....	107
Figura 52: Secção “Vida a dois”. Revista Cláudia, outubro de 1990 .....	107
Figura 53: Secção “Vida a dois”, revista Cláudia, outubro 1990 .....	108

Figura 54: Secção “Vida a dois”, revista Cláudia, outubro 1990 .....	109
Figura 55: Diário de Lucy, 1992, p. 29 .....	110
Figura 56: Diário de Lucy, 1993, p 86-87; p. 94 .....	110
Tabela 1 – Temas encontrados no diário de Lucy .....	32

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 ESCRITA DE SI: uma construção da identidade .....</b>	<b>18</b>
1.1 Autobiografia: a escrita de si como fonte de pesquisa histórica .....	18
1.2 O diário como fonte de pesquisa histórica no Brasil .....	22
1.3 It's my life: a apresentação de Lucy nas páginas dos diários .....	26
<b>2 OS DIÁRIOS QUANTO SUA ESTRUTURA: análise da editoração e dos</b>	
conteúdos dos diários .....	32
2.1 Dados pessoais, planejamentos, calendário, telefones: A estrutura física	
dos diários .....	32
2.2 “Não gosto de fazer – conversar besteira”: A estrutura subjetiva do diário .....	46
2.3 “Fique por dentro!”: edição de si nas páginas dos diários .....	57
<b>3 “ADESTRAMENTO DE SI”: a construção da identidade como mulher no</b>	
contexto da década de 1990 .....	78
3.1 Revistas femininas: o perfil de mulher formado nas páginas de revistas .....	78
3.2 Se amanhã todas as mulheres acordassem amando seus corpos, quantas	
empresas iriam falir?: análise sobre padrão de beleza, sobre padrão de identidade,	
sobre como o sucesso feminino depende do casamento .....	82
3.2.1 “A galera do CSJ”: o ambiente escolar como espaço de construção de	
Identidade .....	83
3.2.2 “Que seja infinito enquanto dure”: A beleza e o casamento como idealização	
de sucesso e realização femininas .....	94
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>117</b>

## INTRODUÇÃO

É do campo da história a investigação dos sujeitos a partir do contexto temporal; para isso utiliza fontes das quais se considera as ações e estruturas desses indivíduos num âmbito social, no que tange os deveres políticos, econômicos e culturais. Neste sentido, as trajetórias individuais dos sujeitos históricos são o ponto de interesse da historiografia, bem como as narrativas históricas e seus muitos desdobramentos.

Assim, na variedade de fontes das quais a História se debruça em investigações, escolhi para esta pesquisa como foco as narrativas biográficas. Os próximos parágrafos pretendem analisar como a História utiliza fontes biográficas para estudo, também, explicitar a expansão das análises, em variadas áreas de conhecimento, de diários como fonte de pesquisa. A partir disso, demonstrar como diários de pessoas comuns, assim como aqueles que tratam de períodos e pessoas que ficaram mais conhecidas, são fontes ricas de informações sobre a mentalidade de uma época.

O enfoque pretendido para os diários dessa pesquisa partiu dos trabalhos do historiador francês Philippe Lejeune (2008), no sentido de pensar de que maneira os diários de uma pessoa desconhecida pode nos oferecer uma fração do meio social e cultural no qual o indivíduo está ou estava inserido. Como também da renovação da própria pesquisa histórica, a partir da Escola dos *Annales*<sup>1</sup>, que sustentou a ideia de que “tudo o que, pertenceu ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (LE GOFF, 1990, p. 540).

Ratifico a possibilidade de ter diários íntimos como fonte da investigação histórica, sobretudo porque os diários, apesar de conter grande carga de subjetividade, como qualquer documento, nos possibilitam outro olhar sobre o passado, portanto, são documentos históricos.

Para isso, a referência desse trabalho no campo de análise historiográfica será pautada na Escola dos *Annales*, no que diz respeito a conceitos como memória, tempo, subjetividade e identidade, tendo como fonte principal de pesquisa os diários íntimos de uma

---

<sup>1</sup> Revista francesa, em 1929, fundou uma nova geração de historiadores, *École des Annales*. Defendiam uma concepção de análise histórica diferente da hegemonia da história política do positivismo, pautada no elitismo, no individualismo, no factualismo, nas grandes estruturas. Para saber mais: *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. Peter Burke. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997; José Carlos Reis. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

adolescente da cidade de Castanhal, nordeste paraense, durante os primeiros anos da década de 1990.

Logo, foram escolhidos para essa dissertação quatro diários, de um total de oito, escritos por uma adolescente que vivia em Castanhal, a 65 quilômetros da capital do estado. Lucy<sup>2</sup>, por ser admiradora da banda *The Beatles*, teve seu codinome escolhido em referência a música *Lucy in the sky with Diamonds*, uma das preferidas dela. Escreveu oito diários entre os anos de 1992 e 2003. Desses, os que compreendem os anos de 1992 a 1996 chamaram mais a atenção para as análises desse trabalho. Os diários foram escritos, em sua maioria, em agendas, com exceção do diário de 1994, cuja aparência é a de um caderninho de anotações para meninas.

As agendas são bem preservadas, pois Lucy parecia manter um cuidado atencioso com elas. Seis possuem capas plastificadas com material bem resistente e são encadernadas em estilo brochura, duas possuem encadernação em espiral e capa de papelão. As páginas de quatro das agendas foram organizadas pela editora a fim de dar a elas espaços para anotações de compromissos, denotando seu uso mais adequado às tarefas de escritórios. Além de calendários e quadros para o controle dos gastos financeiros do mês.

Os quatro outros suportes foram elaborados por editoras de cadernos, portanto, são agendas escolares, voltadas para o uso adolescente, já que nas páginas existem espaços e configurações próprias para anotações sobre datas de provas, notas escolares, preferências por músicas, teatro, jogos, brincadeiras, algo que não aparece, por exemplo, nas agendas de uso de escritório, que apresentam uma diagramação mais formal.

A pesquisa desses diários estimulou muitas lembranças de uma década que também vivi, e agora, na posição de pesquisadora dela, pude perceber como os hábitos, as tessituras de uma época marcam a construção da identidade, deixando rastros escritos na memória e em fontes como as agendas, num arcabouço de objetos curiosos que traduzem a década de 1990.

O interesse por esses suportes se deu por conta de uma aula no curso de especialização *latu sensu* para a educação das relações étnicorraciais, em 2010, na Universidade Federal do Pará, na qual o Dr. Márcio Couto Henrique apresentava seu recente livro *Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887)*,

---

<sup>2</sup> É o pseudônimo da autora dos diários, que no ato da doação dos suportes para o professor Márcio Couto Henrique (responsável pela guarda atual do material) assinou um termo de posse diante do qual se requere a preservação da identidade do nome das pessoas citadas nos diários. Gostaria de reiterar que essa dissertação não pretende ser uma biografia de Lucy; é, antes, um estudo sobre o comportamento feminino e a construção de identidade como mulher de uma adolescente do interior do estado, nos anos de 1990.

originário de sua tese de doutoramento sobre o diário de bordo do general Couto de Magalhães.

O professor, na ocasião da aula, explicou como o diário íntimo pode ser explorado como fonte de pesquisa histórica e de que maneira se debruçou a analisar o diário de bordo do século XXI. Desde então meu interesse por diários íntimos levou-me às diversas leituras sobre o tema, bem como oportunizou-me o exame dos diários dessa pesquisa, os quais serão observados quanto à sua estrutura física, sua estrutura editorial, sua estrutura de conteúdo, e, também, o quanto a narrativa íntima revela aspectos culturais e sociais da época de quem o vive.

Sendo assim, os diários de Lucy contribuirão para pensarmos as declarações de uma adolescente de classe média branca de uma da região amazônica e como o seu arcabouço social, religioso, afetivo, financeiro, político e cultural são construções históricas que, por mais pessoais que sejam, contudo são heranças ideológicas marcadas por uma época que influenciam a construção da identidade pessoal, a partir da sustentação de perfis de comportamentos impostos midiaticamente, socialmente, politicamente, que não necessariamente representam quem a pessoa é, ou pretende ser.

A escrita de si muda de acordo com as estruturas sociais e tecnológicas de seu tempo, portanto é passível de modificações a cada avanço alcançado, mudando inclusive formas de comportamento. A construção da identidade, neste viés, também sofre modificações, até porque o eu não é fixo, estagnado, ao contrário, é dinâmico; portanto, o indivíduo constrói seu molde como lhe convém à vida.

Para Lejeune (2013), a autobiografia surge na Renascença, dentro de uma civilização burguesa, mercantilista e que havia sido apresentada à imprensa a um tempo recente. O surgimento da imprensa favoreceu o avanço da tecnologia da comunicação, tornando o contato entre as pessoas cada vez mais rápido e instantâneo. Assim sendo, já no século XX, o surgimento da internet provocou verdadeira revolução na maneira de se comunicar. Os blogs, por exemplo, surgem num contraponto entre o instantâneo e o longo prazo, neutraliza a oposição ao diário e à correspondência.

Vê-se, portanto, uma mudança de comportamento a partir das novas tecnologias de comunicação: o tempo encurtou e vive apressado. A evolução de novas tecnologias de comunicação acentuou duas características importantes: a fusão e a rapidez, segundo Lejeune. O acontecimento da internet favoreceu formas de comunicação que possibilitou inovações em sons e imagens que fundia a escrita na interação entre elas. A rapidez da troca de contatos

mostra que pesquisa e criação são únicas no processo de escrita virtual. Neste sentido, a relação com o tempo muda, a própria vida muda.

Hoje em dia tudo acontece tão depressa que nossa identidade não pode mais apoiar-se na permanência do mundo que nos circunda. O passado desmonetizado entra em colapso, o porvir desaparece porque o amanhã já é hoje. Perdemos os laços a longo prazo, o enraizamento no passado, a projeção no futuro, que nos permitem construir uma identidade narrativa. Patinamos a toda velocidade num presente que mata o passado e nega o futuro. (LEJEUNE, 2013, p. 4).

O mundo pós-moderno contribuiu para pensarmos se a memória autobiográfica estaria ameaçada. Antes da grande industrialização, na sociedade pré-moderna, gerações de famílias não mudavam tanto seus hábitos uma pra outra; assim, o mundo do avô não mudava tanto em relação ao mundo do neto. Na contínua modernidade, as tecnologias mudam numa velocidade tão considerável que nem mesmo o pai nem a mãe, atualmente, são capazes de acompanhar as mudanças das filhas e filhos. “O presente se encolhe, foge, e nosso sentimento de realidade, de identidade, diminui num mesmo movimento” (LEJEUNE, 2013, p. 5).

O progresso projetado pela modernidade prometeu liberdade para as pessoas sobre a opressão política e a material; nesse sentido, o indivíduo pode ser livre para escolher e autodeterminar seu caminho. Contudo, a busca pelo sucesso pessoal, profissional, social apressa a sociedade, de modo a não ter tempo de refletir ou ter vontade de mudar seu caminho.

Assim, a escrita íntima, seja em diários, em blogs, nas redes sociais, possibilita, na modernidade, a construção de identidades narrativas que permitem o relato de histórias que garantem, ao menos ali na escrita, a vida de sucesso que a modernidade exige; é o que vemos acontecer na rede social *Facebook*, no *Instagram*, no *Twitter* e tantas outras. A identidade se baseia agora a partir daquilo que você produz, do tempo destinado ao trabalho, à produção, não mais ao tempo de si, de se pensar, de refletir diante da vida.

Podemos perguntar-nos se estes gritos de alerta não seriam excessivos, se a identidade narrativa, cuja função é justamente harmonizar o passado e o presente, não tem mais outra carta na manga. Mas podemos perguntar-nos também, com toda honestidade, se não há um pouco de verdade nisso – verdade que simplesmente não se manifestará senão numa geração, quando os ativos de hoje chegarem à idade da aposentadoria e das memórias (LEJEUNE, 2013, p. 6.).

No final da década de 90, século XX, Lejeune pesquisou as mudanças na escrita de diários a partir do surgimento da internet. De acordo com a pesquisa, surgiram novas formas de relacionamentos. Uma nova organização relacional na qual se fazia amizade com

desconhecidos que se escolhiam pelos diários que escreviam virtualmente. Lejeune declara parte dessa experiência no trecho abaixo.

Eu começara com preconceitos negativos, em quinze dias voltei atrás. Foi a experiência apaixonante de uma conversão e o começo de relações de amizade. Rapidamente compreendi que era *diferente*. Chamei a isto de “intimidade em rede”. A técnica deu oportunidades a uma nova configuração relacional, um novo tipo de amizade entre desconhecidos, que se reconhecem e se escolhem por seus diários. Naturalmente, esta sociabilidade íntima é bem diferente da expressão frequentemente menos preparada, talvez mais sincera, do diário solitário: há muito mais autocontrole, um cuidado constante para se apresentar bem e seduzir, a obrigação de escrever regularmente sob a pena de perder seu público, o diálogo direto ou indireto com outros diários, a constituição de pequenos círculos ou comunidades. (LEJEUNE, 2013, p. 7).

Neste viés, Lejeune afirma que, com o uso da internet, os diários tornaram-se *on line*, dentro de uma linguagem “retrocronológica”, segundo o termo do autor, isto é, o passado fica sob si, flutua na superfície. Desse modo, “o texto não tem seu passado atrás de si, mas à frente, ou melhor, *sob* si, ele flutua na superfície, prestes a ser ele mesmo empurrado para baixo pela entrada seguinte” (LEJEUNE, 2016, p. 7).

O tempo modifica tão aceleradamente a ponto do presente vir antes do passado e emerge, posteriormente, em direção a nada, isto é, “o tempo não corre mais, flutua e afunda. O presente vem antes do passado e emerge em direção a nada. O diário *on-line* propõe assim uma nova construção social da identidade e uma nova construção do tempo.” (LEJEUNE, 2016. p. 7).

Nessa construção comunicativa, as redes sociais imprimem uma maneira nova de existir: virtualmente. Sendo assim, à medida que o tempo avança novas formas de sociabilidade surgem numa constância difícil de ser mantida. Todos podem ser vistos na rede social, e precisam, pois a ausência nesse espaço/tempo pode possibilitar a marginalização do indivíduo perante o grupo.

Ainda assim, com toda a tecnologia possível de contato com o outro, o surgimento de sites e blogs não diminuiu o uso do diário íntimo. Segundo pesquisa da APA (*Association Pour L'autobiographie*, fundada em 1992 pelo autor), as mulheres continuam sendo as usuárias mais comuns, entre a adolescência e o período de faculdade. E o uso do papel continua em alta, pois a maioria dos usuários de diários utilizam cadernos para a escrita. O uso do papel ainda é recorrente, mesmo com o avanço da internet.

Os escreventes que se mantiveram fiéis ao papel são mais frequentemente mulheres e constituem um grupo com mais idade e menos escolarizado que os outros. Esta escolha se explica, sobretudo, pelo fato de alguns deles não possuírem computador, mas o fato de que dois terços deles sejam internautas mostra claramente que se trata

na maior parte dos casos de uma verdadeira preferência pelo papel, ao menos para certas formas de escrita. (LEJEUNE, 2013. p. 8

Sobre a correspondência em papel, os hábitos que ainda resistem podem se justificar, segundo Lejeune, pelo gosto por papel, gosto pela tinta, pelos envelopes, pelos selos, pode ainda ser explicado pelo gosto por escrever para pessoas amadas, por usar a caixa de sapatos como gavetas que guardarão a memória. Ainda assim, o telefone segue intacto na preferência do uso para a comunicação, pois ele dá possibilidade de ouvir a voz do outro, por isso resiste. Possibilita o contato muito imediato, especialmente com o desenvolvimento de *smartphones*, que permitem o uso das redes sociais no próprio aparelho telefônico.

Não se confia sentimentos mais íntimos numa escrita e os envia por e-mail, escreve-se no papel as muitas linhas que declaram emoções. Na configuração desse quadro, a autobiografia resiste à internet. Na internet os textos são curtos, em fragmentos. A leitura longa permanece sob o domínio do papel. Construir sua biografia é também construir personagens que se integrem ao universo de quem escreve, tomado por uma ilusão em dar sentido à vida, a ilusão biográfica, portanto, é necessária, já que o desejo humano pauta-se na construção de si mesmo.

Para March Bloch, em *Apologia da história ou o ofício do historiador*, os homens são sujeitos da história e, por natureza, objeto de análise histórica. Nesse sentido, o tempo histórico, por natureza, é continuum, então, entender os fatos ao longo dele requer estabelecer a relação de causa e efeito. Há críticas à busca desesperada dos tradicionalistas pela origem dos fatos.

O estudo das origens assumiu espontaneamente um lugar preponderante, porque parecia fornecer um critério para o próprio valor do objeto de estudo. Assim, o passado foi, comumente, empregado tão ativamente para explicar o presente no desígnio do melhor justificar ou condená-lo.

O inimigo da verdade histórica, segundo Bloch, é a mania do julgamento. Nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento. Isso é verdade para todas as etapas da evolução. Tanto daquela em que vivemos como das outras.

Na linguagem corrente, presente quer dizer passado recente, então, a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas, talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente.

Para compreender o tempo, é necessário contrapor passado e presente, de acordo com Jaques Le Goff (1990). Isto não ocorre de forma natural, segundo o autor, é antes de tudo uma construção. “Com efeito, o interesse do passado está em esclarecer o presente; o passado

é atingido a partir do presente” (LE GOFF, 1990, p. 14). No processo de entendimento do tempo, a cronologia é fundamental, por isso não se pode ignorar o calendário, signo “temporal do funcionamento da sociedade”. Ele representa o desejo humano em “domesticar o tempo natural”.

O calendário é o produto e expressão da história: está ligado às origens míticas e religiosas da humanidade (festas), aos progressos tecnológicos e científicos (medida do tempo), à evolução econômica, social e cultural (tempo do trabalho e tempo de lazer). Ele manifesta o esforço das sociedades humanas para transformar o tempo cíclico da natureza e dos mitos, do eterno retorno (...). (LE GOFF, 1990, p. 13).

Essa vontade de domesticação do tempo retrata a experiência individual e coletiva da noção de duração, de tempo vivido, que através do tempo histórico depara-se com o tempo da memória. Nesse sentido, por meio da escrita de si, a memória, a lembrança, ficam marcadas neste “tempo cíclico”, do calendário, da agenda, dos dias marcados em palavras confessadas pela recordação, que ali documentadas – nos diários, nas cartas, nos bilhetes, nas agendas – , permite um “eterno retorno” a si.

O mundo da escrita é distinguido pela troca de bilhetes, cartas, textos e livros; essas correspondências trocam informações, ideias, opiniões, seja pelo correio tradicional, seja pelo correio eletrônico. A teia de correspondências possibilita vislumbrar a tessitura de uma rede pessoal e profissional, e, por meio disso, é possível caracterizar as práticas de intercâmbio de ideias, de trocas, de divulgação de suas opiniões e sentimentos.

Portanto, através da escrita é possível esboçar a rede de sociabilidade do missivista, então, permite-se a “(re) inserção de suas ideias em seu ambiente social e cultural, o que é um meio eficaz para se compreender os papéis que tanto a amizade e a solidariedade quanto a hostilidade e a rivalidade desempenharam na sua produção” (VENÂNCIO, 2004. p. 114).

Como bem escreve Lucy em suas agendas, elas seriam sua vida, a tradução de si; ‘It’s my life’ é uma narrativa histórica sobre os costumes e mentalidade da década de 1990, documentada nos diários íntimos de uma adolescente do interior do Pará, cujos registros marcados por sua escrita, e edição de si, destacam relações familiares, o papel da mulher no contexto histórico da década de 90, a construção da identidade de uma adolescente em transição de percepção de si e do mundo no qual agia como sujeita ativa e dinâmica da história.

Por mais que houvesse frequência na escrita de Lucy, existem também silêncios, especialmente àqueles relacionados a desejos mais íntimos, aqueles que não poderiam ser

declarados de forma mais nítida. Nesse caso, às vezes, por meio de códigos, deduzo que ela escrevia seus desejos menos confessáveis. Os diários não possuíam uso diário, eram objetos preservados por Lucy nos quais guardava o que tinha de mais valioso para si: ela mesma. A narrativa de Lucy dá a forma física da história, mostra a intimidade dos acontecimentos com historicidade.

Por este caminho, a análise dos diários de Lucy pode contribuir para observação do comportamento histórico social das mulheres na região amazônica, no início da década de 1990. Daí a importância de seu estudo e preservação de suas análises historiográficas para a posteridade.

## 1 ESCRITA DE SI: uma construção da identidade

*“É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando [...]”  
(Philippe Lejune).*

### 1.1 Autobiografia: a escrita de si como fonte de pesquisa histórica

A partir da escola dos *Annales*, a historiografia passou a considerar variadas formas de investigação, nas quais o sujeito também era o foco da observação, contrariando o método positivista fixador das grandes estruturas, grandes acontecimentos e dos grandes homens. A História Cultural permitiu dar a voz às pessoas comuns, enfatizando histórias de vida vistas de baixo, permitindo narrativas culturais capazes de induzir a percepção do leitor, no sentido de, ao abrir espaço para a biografia, permitir à história a percepção da ação humana e das estruturas sociais, viabilizando a relação dialética entre sujeito e o meio no qual está inserido.

Para Roger Chartier, nesse ponto de vista, o objeto da história deixa de ser as estruturas e mecanismos reguladores a fim de oportunizar análises cujo “olhar se desviou das regras impostas para as suas aplicações inventivas, das condutas forçadas para as ações permitidas pelos recursos próprios de cada um: seu poder social, seu poder econômico, seu acesso à informação.” (CHARTIER, 1994, p. 98).

A biografia pode ser entendida como um estudo dos fatos abordado de forma mais abrangente, no qual o indivíduo pressupõe uma construção de estruturas para além dele, ou seja, ele não deve ser visto como problema, mas como o exemplo de suas ações no contexto temporal onde está inserido. Por esse ângulo, o sujeito social é único, no que diz respeito às outras pessoas, e multifacetado no que tange à sua postura na sociedade e desejos mais íntimos.

Carlo Ginzburg (1989) afirma que as ações pessoais, individuais, não se opõem ao sistema social, uma vez que todo o funcionamento desse sistema se dá por conta das ações de indivíduos que estão imbricadas as de outros. Nesse viés, a análise da escrita de si, feita pelo historiador, precisa percorrer múltiplos espaços e tempos inscritos nas páginas biografadas.

A “escrita de si” constitui ramo de pesquisa sobre registros íntimos que englobam todo tipo de suporte caracterizado como tal, como diários íntimos, cartas, bilhetes, arquivos pessoais ou de famílias e demais formas de registros individuais (CUNHA, 2001, p. 253). Todos são fontes de pesquisa que subsidiam obras nas áreas de Antropologia, Sociologia,

Filosofia, História, Educação, Letras e Psicologia, especialmente nas últimas três áreas que, na atualidade, têm apresentado maior incidência de trabalhos<sup>3</sup>.

A escrita de si ganha cada vez mais adeptos no mundo todo; além disso, passa a ser analisada em diversas áreas do conhecimento. Na História, como foi afirmado anteriormente, o diário íntimo passou a ser considerado importante fonte a partir da renovação da pesquisa histórica com a Escola dos *Annales*, como possibilidade de “compreender práticas culturais de uma época, ressaltar elementos para o entendimento de vidas comuns e/ou entrecruzar fatos e tempos e analisar os diferentes sentidos que os marcaram” (CUNHA, 2001, p. 52). Segundo Cunha (2001, p. 52), apesar dos diários íntimos serem fontes denominadas de “escritas ordinárias”<sup>4</sup>, permite “aos historiadores rastrear muitas das maneiras de viver e de pensar de determinada época, dadas a ver, no tempo presente”.

E justamente, a partir da Escola dos *Annales*, novas abordagens históricas passaram a utilizar o diário íntimo como fonte de pesquisa. Segundo a pesquisadora, os registros “ordinários” podem abranger hoje os campos de saber da História Cultural; História da Sensibilidade; História do Presente; História dos Costumes e História da Mentalidade<sup>5</sup>.

As razões para a escrita de um diário pessoal são inúmeras. Manuel Alberca (2000, p. 258) identificou três principais funções: terapêuticas, éticas e estéticas. Nesta direção, Philippe Lejeune (2008) aponta também três pilares para aquilo que ele denominou de pacto biográfico, ou seja, toda a estrutura que compõe a escrita biográfica estrutura-se em pacto autobiográfico, pacto referencial e pacto de leitura. Neles a tríade autor-narrador-personagem é fundamental para o entendimento da escrita autobiográfica, pois, segundo o autor, a autenticidade do relato importa mais do que a verdade nele; portanto, “honrar a

<sup>3</sup> Eis algumas dessas obras: em Antropologia, a tese de doutorado *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*. Diana Irene Klinger, 2006. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Instituto de Letras. Na área de Educação, o artigo de Ana Chrystina Venancio Mignot e Alexandra Lima da Silva. *Tão longe, tão perto: escrita de si em relatórios de viagens*. Revista Educação. 2011, vol. 27, n.1, pp.435-458. Em Psicologia, a dissertação de mestrado *A escrita de um corpo sem órgãos*, de Catarina Resende. Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

<sup>4</sup> Escritas ordinárias são aquelas realizadas por pessoas comuns, ao contrário dos escritos prestigiados, elaborados com vontade específica de “fazer uma obra” para ser impressa (Fabre *apud* Cunha, 2001, p. 252).

<sup>5</sup> Sugiro alguns exemplos de trabalhos que utilizam diários íntimos como fonte de pesquisa histórica: no campo da História da Mentalidade, *O Diário Íntimo de Altino Arantes (1916 – 1918)*, lançado pela Paco Editorial, em 2015. Pesquisa dos historiadores Robson Mendonça Pereira (UEG) e Sônia Maria de Magalhães (UFG), que, durante anos, pesquisaram os escritos do político paulista Altino Arantes, presidente do Estado de São Paulo entre maio de 1916 e maio de 1920. No âmbito da História da Sensibilidade, por Mônica Pimenta Velloso, *Razão e sensibilidade: o tema da amizade na escrita modernista*, artigo publicado na revista *III Journée d'histoire des sensibilités*. Jornada de Estudios de Historia de las Sensibilidades – coord. Frédérique Langue, em 10 de março de 2006. Já na História da Mentalidade, o artigo *Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (décadas de 60 a 70 do século xx)*, de Maria Teresa Santos Cunha, na revista *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013. Editora UFPR.

assinatura”, isto é, garantir a veracidade daquilo que está escrito, é característica comum da questão da identidade, imbricada na tríade de uma única pessoa multifacetada num âmbito coletivo.

Isto porque, na autobiografia, a identidade da narração está entre autor, narrador e personagens; então, para o autor, a escrita de si é “narrativa retrospectiva em prosa que alguém faz de sua própria existência, de maneira a acentuar sua vida individual, em particular sobre a história de sua personalidade” (LEJUNE, 2008. p. 14). Nesse sentido, os estudiosos da biografia apontam o trabalho feito pela memória na escrita de si e de seleção dos fatos considerados importantes, a fim de guardar à posteridade, não esquecendo que o trabalho da lembrança é um processo seletivo no qual não se guarda tudo, mas se escreve de forma consciente de si.

À vista disso, adequar os fatos à realidade que eles dizem pertencer, de acordo com o filósofo francês Georges Gusdorf (1991), é voltar para dentro de si mesmo através da escrita, ou seja, a autobiografia é a escolha de escrever sobre sua identidade. Por isso mesmo a escrita de si torna-se um “tribunal da escrita”, no qual o julgamento sobre si, o exame sobre a verdade de si pode gerar certa angústia, uma vez que o indivíduo se “põe à prova” diante dele mesmo e do outro.

A filósofa brasileira Carla Damião (2006) ratifica essa ideia afirmando que a filosofia crítica a autobiografia na questão do estilo de escrita por provocar desconforto, tensão, já que essa escrita é a “afirmação de si diante do outro”; nesse sentido, o julgamento de si torna-se coletivo por meio da documentação na escrita, assim como a questão da verdade. Por isso, Damião assegura que a identidade da autobiografia, não apenas como representacional e cognitiva, é, também, contratual (DAMIÃO, 2006. p. 38). Sendo assim, a recepção estética da narração autobiográfica depende do contexto histórico que representa.

Contudo, seja qual for a função escolhida pelo autor, o diário pessoal consente visualizar, através do registro produzido individualmente, traços culturais de um capital de vivências da época de quem o escreveu (CUNHA, 2001, p. 259). Ainda permite a “metamorfose de si próprio no tempo”, a autocriação, a autoinvenção, a possibilidade, ao escrever, de se produzir (HENRIQUE, 2009, p. 51). Nesse viés, é possível notar nos diários que Lucy escolheu usar seus escritos para se autocriar; por isso, já na apresentação da primeira página do diário de 1993, a adolescente imprime a função do diário como lugar de encontro consigo mesma, de reflexão, de criação; tanto é assim que esse diário é o mais volumoso em conteúdos e espessura, em colagens, poesias, em fotos e declarações. Abaixo, a imagem da contra capa da agenda/diário<sup>6</sup> de Lucy<sup>7</sup>; nela é possível perceber a metamorfose que ela pretende apresentar nas próximas páginas.

<sup>6</sup> Mais adiante, explico por que o uso da agenda, nos anos 90, como diário íntimo.

<sup>7</sup> Lucy (pseudônimo da autora dos diários, a fim de preservar a identidade dela. Por ser admiradora da banda The Beatles, escolhi o nome Lucy em referência à música *Lucy in the sky with Diamonds*, uma das preferidas da autora) é a autora dos diários desta pesquisa. Ela escreveu dez diários entre os anos de 1992 e 2003. Desses, os de 1992 e 1993 chamaram mais atenção para as análises do trabalho. Sobre os diários e Lucy, descreverei com mais detalhes nas páginas seguintes.



Figura 1: Diário de Lucy, 1993, p. 1.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

*It's my life*, “É minha vida”, é título de uma música composta pelo nigeriano Alban Nwapa, em 1992, cujo álbum *One Love* vendeu 1,6 milhões de cópias<sup>8</sup>. A música *It's my life* foi single do comercial do produto feminino Tampax, o que certamente aproximou o público adolescente da época, posto que a propaganda se tratava do absorvente íntimo interno voltado para um perfil de mulher considerada mais livre, mais resolvida, sem amarras, bem como fala a letra da música:

*“It's my life do you understand?/ I live the way I want to live/ I make decisions day and night/ Show me signs and good examples/ Stop telling me how to run your business/ Take a trip to east and West/ You find that you don't know anything/ Every's getting tired of you/ Sometimes you have to look and listen/ You can even learn from me/ Little knowledge is dangerous”*

Tradução: “Esta é minha vida, você compreende?/ Eu vivo à maneira que eu quero viver/Eu tomo decisões dia e noite/ Mostre-me sinais e bons exemplos/ Pare de me dizer como funciona seu negócio/ Dê um passeio a leste e a oeste/ Você acha que você não sabe qualquer coisa/ Tudo está ficando cansado de você/ Às vezes você tem que olhar e escutar/ Você pode mesmo aprender comigo/ Pouco conhecimento é perigoso”

A tradução da música revela uma afirmação do eu. A fim de deixar bem marcado que ninguém deve se intrometer na vida de ninguém, pois cada um sabe o melhor pra si. Certamente algo que identificava Lucy, uma vez que, ao longo das páginas dos diários, ela aponta sua vontade de se construir; a partir disso, editar a capa desta maneira indica uma apresentação do que está por vir, mostrando ao leitor “sua responsabilidade” diante de si, de se autocriar, de se editar na vida. Bem como se observa na colagem que diz “tudo é diferente de tudo porque nada é igual a nada”, destacando a crença na

<sup>8</sup> Para saber mais sobre o compositor e sua produção, indico o site: <http://www.dr Alban.net/biography>.

singularidade do eu. Na agenda, a frase demonstra uma mensagem, uma maneira de se pensar ou pensar a vida que ela destacou de forma única, coadunando com o título da música.

Portanto, consideremos que estamos lidando com uma linguagem cuja frase traduz uma maneira de pensar de determinada época. O que importa é que fez sentido à diarista, apontando parte daquilo que ela ainda revelará. A interpretação da frase destacada na agenda de Lucy indica que estamos sempre sujeitos à dinâmica da vida e do envolvimento com variados grupos, variados comportamentos que nos reúnem em grupos sociais de trocas, narrativas e vivências múltiplas capazes de fortalecer a identidade que se pretende dar vida por meio das páginas dos diários.

Essa afirmação de identidade pode ser observada na frase “Esta é uma”, colada na contracapa da agenda, que tanto pode estar se referindo à menininha da imagem<sup>9</sup> – talvez uma auto representação – quanto pode referir-se à frase *My life*, deixando claro que o diário é de uma menina cuja vida será anunciada por meio dos conteúdos das páginas seguintes, marcando de maneira bem pessoal, bem editada, bem firme, a vontade de produção de si.

## 1.2 O diário como fonte de pesquisa histórica no Brasil

O ramo de pesquisa denominado “escrita de si” ainda é recente no Brasil, sobretudo na História, na qual a produção com esse tipo de fonte ainda é incipiente, porém, tão crescente a ponto de ser encontrada numa série de capítulos de livros nos quais se discute as fontes históricas, por exemplo, *Escrita de si, escrita da história* (GOMES, 2004), *O historiador e suas fontes* (PINSKI; LUCA, 2009).

Os primeiros trabalhos utilizando diários íntimos como fonte de pesquisa no Brasil fizeram uso de diários de pessoas famosas e influentes socialmente como o de D. Pedro II (LAPA, 1976), do presidente Getúlio Vargas (VARGAS, 1995), do general Couto de Magalhães (MAGALHÃES, 1998), o diário de Bernardina, filha do presidente Benjamin Constant (CASTRO, 2004), do cronista e compositor dos anos 1950 Antônio Maria (MARIA, 2002), entre outros. Para Lejeune (2008, p. 101), os diários de pessoas famosas acabam sendo publicados “por serem documentos interessantes para a história dos costumes e das mentalidades”; outros, em geral, são publicados para fins de atender a curiosidade do público.

O estudo de diários íntimos no Brasil tem adeptos. Na atualidade existem muitos diários publicados e estudos em diversas áreas de conhecimento que têm os diários íntimos – de pessoas conhecidas ou de pessoas anônimas – como principal foco de discussão e investigação. Tanto na área de História, como em Antropologia, em Psicologia, em Letras, existem trabalhos que utilizam os diários como principal fonte de investigação. Exemplo disto é a obra de Marina Maluf (1995), sobre os diários de duas mulheres do século XIX do interior paulista e a tese de doutorado de Márcio Couto Henrique (2008), na área de Antropologia, sobre o diário íntimo do general Couto de Magalhães (publicada em 2009 pela editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro).

---

<sup>9</sup> A imagem é um adesivo que se referia a umas meninas vampiras de bom comportamento e caráter, como ela afirma em outra página do diário, através de outro adesivo bem parecido com este da imagem acima. Pode ser um adesivo de chiclete ou de álbuns de figurinhas, tão comum nos anos 90, no Brasil. Infelizmente não consegui identificar o personagem, como também sua origem.

Gomes e Henrique (2004, p. 11; 2009, p. 27) afirmam ter sido no século XVII, na Inglaterra, o surgimento das palavras biografia e autobiografia. Os conceitos atravessaram séculos, alcançando o apogeu no século XIX, o qual ofereceu o aparecimento da literatura e do romance moderno, período no qual cenários importantes se configuravam, mostrando um novo homem, cidadão conhecedor de seus direitos civis e políticos (GOMES, 2004, p. 11). Certamente, um tempo para olhar pra si.

Se torna mais evidente a progressiva relevância do ato biográfico, expresso na necessidade do indivíduo moderno de constituir uma identidade para si por meio de seus documentos. A partir de então, cada vez mais a memória se encarna nos objetos, acompanhando a exacerbação do individualismo ocidental ocorrido em fins do século XVIII. (HENRIQUE, 2009, P. 27).

A modernidade do século XX contribuiu para o surgimento de inúmeras transformações, principalmente às relacionadas a produção de si, de acordo com Gomes (2004, p. 11). “O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) tem de certa forma o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência narrada e, implicitamente, de qualquer existência” (BOURDIEU, 2005, p.184.), em outras palavras, o relato autobiográfico sustenta-se, normalmente, no cuidado em dar sentido, em construir uma constância e consistência de maneira inteligível. Bem como nos afirma Foucault, o exercício da escrita é um “adestramento de si para si mesmo” (FOUCAULT, 1992, p. 132).

O ato de escrever para si é antigo<sup>10</sup>, comportando abstinências, memorizações, exames de consciência, meditação, silêncio e escuta de si. Estendendo-se até hoje num *continuum* da modernidade construtora de um sujeito voltado para si, que, nos dias de hoje, constrói-se por meio de diários virtuais públicos dentro das redes sociais, logo, ampliando sua epistemologia dentro de um mundo, que apesar de coletivo e comunitário, é, também, individual e íntimo.

Contudo, a grande maioria dos diários publicados e utilizados em pesquisas ainda são os diários de pessoas famosas ou personalidades, sendo que os diários íntimos de pessoas comuns ainda estão na margem dos estudos, sobretudo, em História. Um dos trabalhos mais recentemente publicados no Brasil foi o resultado da pesquisa de Vania Grim Thies e Eliane Peres (2009), em Educação, sobre os diários de um agricultor, na qual abordam a partir dos registros de uma pessoa comum questões relativas à educação no campo.

Com a renovação da pesquisa de diários íntimos, ocorrida na França, os diários de pessoas desconhecidas passaram a servir de fonte para pesquisas históricas. Lejeune (1989) iniciou as primeiras pesquisas com esse tipo de diários, buscando trazer a vista, aqueles

---

<sup>10</sup> Desde os filósofos clássicos gregos essa prática já era comum. Ver Foucault, 1992. p. 140.

suportes que eram esquecidos em sótãos e armários. Para o estudioso do diarismo, estes alfarrábios possuem grande valor de pesquisa, pois neles estão, além de uma infinidade de outros temas,

Impressões pessoais sobre fatos diversos, registros de momentos de êxitos e fracassos diante de crises, arquivos de histórias para auxiliar em uma futura narrativa memorialística, amores contabilizados, bens materiais, livros lidos, ensaios de pretensões literárias, relatos de aventuras de viagens, a educação dos filhos (...) (BARCELLOS, 2007, p. 49).

Lucy nos apresenta algumas dessas impressões, ao abordar seu sentimento em relação à nova escola, na qual se sentia excluída em classe: “É horrível ser detestada pelos colegas de sala” (Diário de Lucy, 1993. p. 39). Segundo Sandra Pesavento (2006, p. 253), “a sensibilidade está no cerne de discussões da História Cultural, haja vista, que propõe a trabalhar com as formas pelas quais os homens representam a si e o mundo”, ou seja, diários íntimos “capturam as sensibilidades do passado” (LEJUNE, 2008), atravessados pelos dilemas do mundo em que se inserem.

Para Hayden White (1994), a história poderia ser definida como uma área situada entre uma narrativa teórica e uma interpretação literária e até certo ponto mítica do passado. O relato histórico fica marcado por um conjunto de acontecimentos que consistem em passagens, calendários, comemorações, derrotas, rememorações, “(...) em suma, numa teoria do relato, relato de historiador ou romancista, indiscerníveis sob esse aspecto, notadamente biografia ou autobiografia”, segundo Bourdieu (2005, p. 184).

A memória, para White (1994), está circunscrita ao saber histórico, é, na verdade, uma seleção de fatos, uma construção do passado que espelha uma leitura particularizada do que foi preservado pelas fontes. Nesse sentido, pode ser comparada a uma ficção de cunho literário, embora não deixe de ser uma narração de fatos críveis, expostos através de um estilo pessoal de narrativa. Apesar da necessidade de informações documentais que forneçam sustentação à memória seletiva da história, para além do problema que engloba a veracidade das fontes, não se pode esquecer que o conhecimento histórico, para fazer-se inteligível, necessita fazer uso de uma narrativa. Desta forma a história se aproxima do gosto popular e conserva seu compromisso em narrar o passado.

White ainda afirma que a História e a Literatura refletem a memória, rememoram o passado por meio de uma narração que mais se aproxime da verdade, possibilitando, portanto, uma releitura do presente. A literatura utiliza o aspecto imaginativo para interagir o passado com o presente, já a História procura cientificamente legitimar a verdade através de uma narrativa mais verídica do que verossímil.

A memória quando recordada pela História, é um exercício imaginativo do historiador que tenta construir uma representação do passado, à medida que não pode voltar a ser aquilo que já foi e, ao mesmo tempo, não é precisamente o que passou, mas sim uma interpretação do que se imagina ter sido. Sob esse viés, a escrita de si é observada como uma construção de identidade de si, a partir da vivência do coletivo/social.

Assim, cabe ao historiador, na análise dos diários íntimos, tentar recriar o passado em uma narrativa que, primando pela verossimilhança e cientificidade, utiliza obrigatoriamente o elemento imaginativo, uma vez que sendo a memória uma construção do passado, produz um conhecimento flexível entre emoções e vivências, nas quais a história se debruça numa análise crítica, como compreende Marieta Moraes Ferreira, em *História, tempo presente e história oral* (2002, p. 321).

Consequentemente, entendo esta pesquisa como mais uma possibilidade de análise para as discussões acerca do estudo de diários e a produção historiográfica da região Norte, haja vista que as pesquisas em História na região, pouco têm utilizado este tipo de fonte para produzir trabalhos. Através de questionamentos pretendo ratificar que o trato com fontes produzidas na esfera da subjetividade pode apresentar ricas informações do passado ou até mesmo proporcionar uma releitura de determinado acontecimento ou momento histórico. Até porque os próprios elementos considerados como componentes da subjetividade também são delimitados socialmente.

### 1.3 *It's my life*: a apresentação de Lucy nas páginas dos diários

“Declarar” deriva do infinitivo latino *declarare*, significa “tonar conhecido, dar a saber, expressar, dizer”; esse subcapítulo pretende apresentar Lucy e os conteúdos dos diários. Por isso, a seguir, é importante atentar à linguagem das primeiras páginas do diário de 1993. Nelas, Lucy se mostra listando seus gostos, opiniões, amigos, entre outras coisas, num estilo “bate papo”, comum em entrevistas com famosos em revistas e programas de TV da época. Lucy declara quem é (“Nome: Lucy”), o que pretende (“ideal: vencer”), o que pensa (“Não gosta de fazer: conversar besteira”), como se vê (“Pior coisa em mim: ...” - não há resposta). O que contribuiu muito para pensar o diário como editor de si, uma vez que, ao declarar e tornar conhecido quem se é, prova-se que o diário não tem um caráter secreto, escondido, guardado. Ao contrário, pelas páginas, o que se tem de mais íntimo e pessoal em alguém pode ser percebido. Lucy declara-se, apresenta-se, diz-se construindo ao longo da escrita uma narrativa de sua vida, num reconhecimento documentado pela memória. A ver:

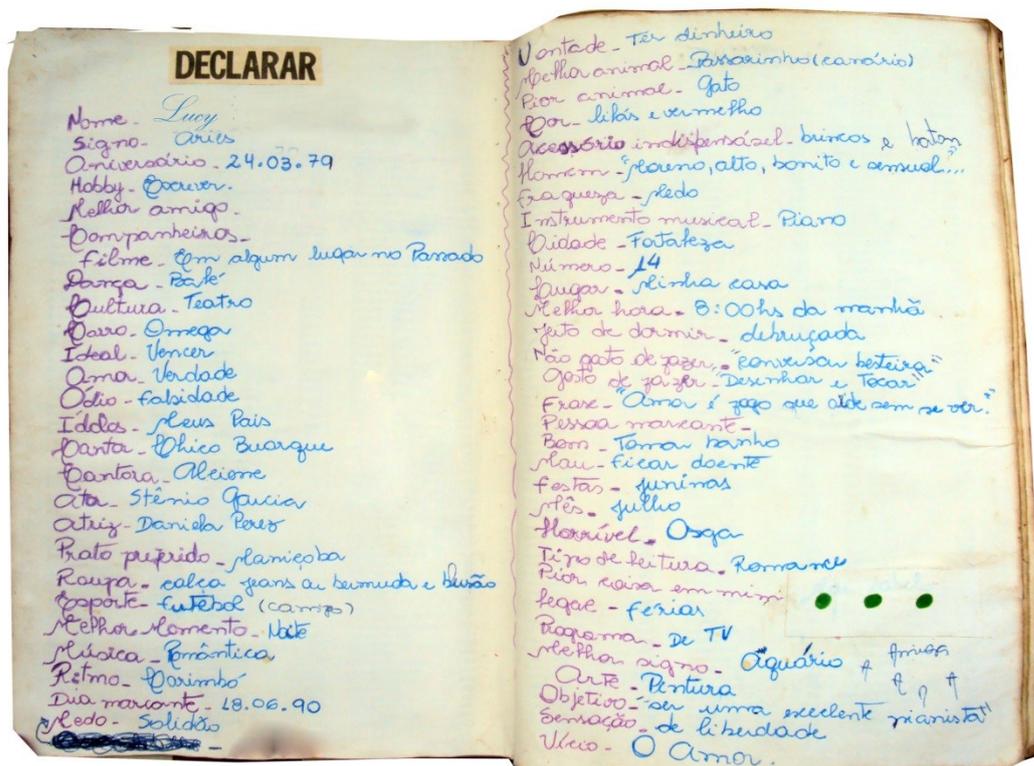


Figura 2: Diário de Lucy, 1993, p. 2-3.  
 Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique

Gostaria de atentar para a organização, a estruturação dos pontos que Lucy escolheu para apresentar seus gostos, preferências, vontades, desejos, planos. Isso era muito comum de encontrar nas revistas femininas dos anos 90, especialmente as voltadas ao público adolescente<sup>11</sup>, as quais se valiam de uma série de maneiras de atrair a atenção da mulher jovem dos anos 90. Jogos de comunicação, que aqui chamarei de “bate papo”<sup>12</sup>, permitiam saber da vida de pessoas famosas, como vemos nessa página por meio da lista “nome”, “signo”, “aniversário”, “hobby”, “dança”, “cultura”. Dessa forma, a maneira de Lucy fazer a apresentação de suas manias, seus gostos, suas músicas preferidas e seus sonhos entendo como um sinal de “boas vindas”, uma permissão de entrada das declarações que estão por vir nas páginas seguintes do diário.

<sup>11</sup> Sobre as revistas femininas de 1990, abordarei com mais ênfase a relação delas com os diários de Lucy no segundo capítulo.

<sup>12</sup> Nos anos 90, uma série de revistas femininas circularam pelas bancas do país. Eram voltadas para um público de mulheres que consumiam o conteúdo das revistas a fim de informar-se sobre moda, comportamento, trabalho, sexo, famosos. Nas revistas cujas consumidoras eram adolescentes, entrevistas com famosos tornava-se a matéria principal, portanto, era comum traçar um perfil sobre a personalidade a partir de perguntas rápidas ou jogos de comunicação no qual uma palavra é dita pelo entrevistador e o entrevistado, por sua vez, responde com outra palavra ou frase curta a fim de dinamizar o encontro. Algumas revistas chamavam de “bate papo”, outras de “ping pong”, ou então “rapidinha”. Nos diários era muito normal encontrar nas primeiras páginas um resumo de sua autora entre as adolescentes dos anos 90.

Lucy é uma adolescente que residiu na cidade de Castanhal, escritora de oito diários ao longo da época em que tinha entre 13 e 20 anos de idade. De uma família composta pelos pais e irmãs, estudou em tradicional escola religiosa católica, Centro Educacional João XXIII, pelo tempo em que residiu no município, a 65 km de Belém, a capital do estado do Pará. A cidade na qual viveu sua infância e início da adolescência, geograficamente corta a rodovia federal BR-316, estrategicamente localizada na via de escoamento do estado. Fundada em 28 de janeiro de 1932, seu desenvolvimento econômico ascendeu desde sua fundação, sendo via de exportação de produtos agrícolas para todo o país. População de pouco mais de 159 mil habitantes<sup>13</sup>. Culturalmente, absorveu os sertanejos nordestinos, já que boa parte da população provém de cidades do nordeste do Brasil. Depois a família mudou-se para Belém, em 1994, provocando muitas outras transformações na vida da autora.

A vida escolar da adolescente proporcionava seus encontros sociais, pois todas as atividades dela estavam ligadas a escola. Estudava piano, gostava da banda *The Beatles*, lia poesia, era preocupada com os problemas políticos, econômicos e sociais da época. Adorava música, teatro, dança, qualquer atividade que estivesse ligada às ações culturais. Uma adolescente de classe média da cidade, muito crítica consigo mesma, sempre estava em busca de ser alguém melhor.

Os personagens que mais aparecem na narrativa de Lucy são sua família nuclear constituída por pai, mãe, duas irmãs. Moravam juntos em Castanhal e Belém. O pai não é figura mencionada ou presente em seus textos, enquanto que a mãe, as irmãs, primas e tias aparecem com muita frequência nos seus dizeres. Não consegui identificar a profissão do pai nos diários de Lucy, por outro lado, a mãe era bancária, militante do Partido dos Trabalhadores, muito religiosa e presente na vida de Lucy. As irmãs, uma mais velha e outra mais nova que Lucy, com diferença de idade de 2 anos para a mais velha e sete anos para a mais nova. As primas são muito citadas e se visitam com frequência ao longo da escrita de todos os diários, bem como as visitas nas casas das tias e tios, o avô e a avó, maternos.

Quanto aos amigos, se concentravam basicamente na escola dela. Encontravam-se com muita frequência em eventos sociais na cidade ou religiosos, ou mesmo em aniversários e reuniões informais na casa de algum deles. Seus primos e primas também faziam parte desse ciclo de amizades.

---

<sup>13</sup>Para saber mais sobre a história da cidade recomendo o site: <http://www.castanhal.pa.gov.br/nova2016/index.html>. E também o artigo de Maria Lúcia Bahia e Rodrigo Fraga Garvão, *Castanhal-PA: Um Estudo Avaliativo Da 'Cidade Modelo' No Nordeste Paraense, Brasil*. Publicado em: <https://www.ecodebate.com.br/2014/09/09/castanhal-pa-um-estudo-avaliativo-da-cidade-modelo-no-nordeste-paraense-brasil-artigo-de-maria-lucia-bahia-e-rodriigo-fraga-garvao/>. Publicado em 09/09/2014.

Além da escola regular e obrigatória, praticava piano na escola de música, em 1992, e estudava teatro, quando já morava em Belém, em 1996. Gostava de desenhar. Fã declarada da banda inglesa *The Beatles*, admiradora de música popular brasileira e sertanejo, músicas com temática amorosa e sociais compõem as páginas dos diários de Lucy. Passeava bastante com a mãe e as irmãs. Sempre visitavam parentes em festas de aniversário e datas comemorativas. Viajava em férias com a família e fazia passeios religiosos. Gostava de música, poesia, teatro e leitura. Entre estas, cita frequentemente os poetas: Vinicius de Moraes, Fernando Pessoa, Marina Colassant, Cecília Meireles. Todas essas particularidades, os lazeres, os estudos, as pessoas que cercam Lucy marcam o comportamento de uma época que pode ser traduzida sob um olhar historiográfico.

A partir da imagem acima, nota-se que Lucy escreve seu diário de uma forma bem editada, muito parecida com a edição das revistas femininas dos anos 1990. Tem seus ídolos, as mulheres que serviam como ideal de beleza, suas paixões, predileções musicais, entre outros signos que marcam a época em que Lucy está ambientada.

Os diários eram o refúgio das inquietações existenciais de Lucy. Como afirma Henrique (2009, p. 38), ao analisar as *Confissões* de Rousseau, o indivíduo, no ato autobiográfico, mais do que conhecer a si, pretende ser reconhecido pelo outro. Nos diários de Lucy, em várias páginas, ela deixa clara essa confirmação de si no âmbito social. Os temas que mais se repetem ao longo da escrita são sua preocupação com seu aspecto físico, a escola e sua construção como mulher. A constância na repetição de temas marca uma trajetória de construção de si, uma forma de se ver e entender no mundo, como diz Ângela Gomes,

É exatamente porque o “eu” do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de uma certa estabilidade e permanência através do tempo (2004, p. 13).

Como se vê na imagem abaixo.



Figura 3: Diário de Lucy, 1993, p. 2-3.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique

Nesse diário, Lucy cursa a primeira série do ensino médio, na qual o currículo escolar já se volta para os preparativos para o concurso de vestibular, via para o ingresso na universidade. Além disso, passava por uma fase de transformações e descobertas, de inquietações e dúvidas transmitidas através dos dois trevos de quatro folhas - dito um sinal de bom presságio pela cultura popular, apoiados pela frase: “será que me dará sorte?”. Além da frase recortada e colada de maneira horizontal “nada resiste à fé da lógica apoiada pela lógica da fé”, essa fase de mudanças na qual deseja liberdade, já que sente ter pouca privacidade ou liberdade, como sugere o recorte, dita pela frase “pra mim tudo é proibido”.

A partir da imagem do cigarro, talvez se deduza que Lucy quisesse prazeres que lhe eram inalcançáveis àquela idade, mas acredito, pela análise de outras páginas do diário, que o adesivo é mera ilustração daquilo que ela adora fazer nos diários: editar. Penso que ela apenas queria mostrar, por símbolos, a ideia de proibição, pois esses adesivos, comparados a outros em outras páginas do diário, indicam que se tratava de alguma campanha pró-saúde e pró-natureza, comum nos diários da adolescente.

Noutra página, a pintura desenhada num tecido (possivelmente desenho dela) pode representar a esperança de dias melhores; pela reclamação de tédio da volta às aulas: “De volta às aulas aquele tédio! (rasurado) As mesmas caras as mesmas brincadeiras as mesmas redações sobre as férias... A MESMISSE DE SEMPRE”. Observe esta frase em destaque, bem marcada em caixa alta, traduzindo sua insatisfação com a escola e a metodologia aplicada na época. A margem criada em volta da frase “Que seja eterno enquanto dure”<sup>14</sup> pode estar se referindo à volta às aulas, o que também explicaria a falta de sorte reclamada por ela, bem como a pouca paciência na escola.

A leitura dos diários proporciona uma apresentação de Lucy, que ora esconde suas pretensões, ora revela muito de suas emoções, “como se no interior do indivíduo ocorresse uma luta íntima entre o desejo de auto-ocultação e o desejo de autorrevelação” (HENRIQUE, 2009, p. 66).

A maioria dos diários foi escrito em agendas, onde quase diariamente ela escrevia. O diário de Lucy de 1992, foi produzido em uma agenda anual e, apesar da impressão inicial, por ser uma agenda, Lucy teria escrito todos os dias; subitamente tal impressão é desconstruída, pois logo se percebe que, em alguns dias, a escrita é suprimida, apesar de Lucy utilizar quase todas as páginas. Nesse sentido, muitas vezes, para a escrita de um dia específico, as lembranças irradiam pelas páginas posteriores, caracterizando uma escrita não linear com tempo marcado graficamente na agenda, numa “domesticação” do tempo diferente da do calendário geralmente imposta na agenda. Isto porque o tempo de Lucy, e sua cronologia, quem marca é ela, ou melhor, sua memória.

Para Foucault (1992), a escrita é um exercício do pensamento que pode ser feito de maneira linear ou circular. De forma linear, esse exercício do pensamento se faz pela meditação e escrita. Isto é, o trabalho teria como base de ação a tríade pensamento/escrita/realidade; à medida que a memória é documentada na escrita, a fluidez do pensamento ocorre numa constância, numa linearidade. A maneira circular compreende a meditação que precede notas, a releitura e a meditação novamente. No caso de Lucy, as duas formas acontecem concomitantemente, pois algumas lembranças são marcadas numa constância de tempo, numa cronologia, por mais que noutras páginas se perceba uma circularidade na lembrança e na escrita dela.

---

<sup>14</sup> Trecho aludindo esse: “que seja infinito enquanto dure”, do “Soneto da fidelidade”, de Vinicius de Moraes. Em *Antologia Poética*, Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1960, página 96.

## 2 OS DIÁRIOS QUANTO À SUA ESTRUTURA: análise da editoração e dos conteúdos dos diários

*“Os leitores são viajantes, circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escrevem”. Michel de Certeau. A invenção do Cotidiano, 1994.*

### 2.1 Dados pessoais, planejamentos, calendário, telefones: a estrutura física dos diários

Todos os diários apresentam essa inquietação da autora em se auto afirmar no mundo em que vive, além disso, inúmeros outros temas, assuntos e vivências constituem a escrita dos seus diários. A análise de diários íntimos revela alguns pontos que devem ser avaliados, como elementos fixadores do eu presentes nos temas mais constantes na escrita, na repetição de assuntos significantes para o missivista. Nesse sentido, para Gomes,

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. Um tipo de discurso que produz uma espécie de “excesso de sentido do real pelo vivido”, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza (2004, p. 15).

A partir disso, na leitura dos diários de Lucy, foi possível verificar tópicos comuns entre as agendas, dos quais reuni na tabela abaixo.

**Tabela 1 – Temas encontrados no diário de Lucy**

<b>Ano/ idade da autora</b>	<b>Temáticas predominantes</b>	<b>Síntese do conteúdo</b>
Diário de 1992 (01 jan. a 31 dez.) 13 anos	Memória; meio ambiente; religião; escola; família.	O primeiro diário é uma “coleção de si”, feita pela autora, registra acontecimentos importantes, tanto íntimos como coletivos, bem como greves de bancos e acontecimentos políticos
Diário de 1993 (01 jan. a 10 dez.) 14 anos	Paixões adolescentes; escola; família; amigos.	O segundo diário é uma agenda que a adolescente permanentemente carrega consigo, registrando compromissos. Este é o suporte em que mais foram encontrados colagens, desenhos, fotografias, e pequenos objetos.

<p>Diário de 1994 (01 jan. a 31 dez.) 15 anos</p>	<p>Cotidiano; escola; amigos; namorado; crises existencialistas; conflitos adolescentes; medos; planos.</p>	<p>O terceiro diário é escrito em suporte apropriado, onde a autora demonstra mais maturidade; agora com 15 anos, é perceptível os problemas da fase adolescente, como medos, angústias, conflitos são presentes.</p>
<p>Diário de 1996 (01 jan. a 31 dez.) 17 anos</p>	<p>Crises existencialistas; namorado; escola; mudanças de cidade.</p>	<p>Também escrito em suporte apropriado. Aqui se vê claramente as mudanças e permanências da autora. Alguns temas mudam, contudo, a escola e os amigos ainda são assuntos que predominam nos registros.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

É interessante perceber a dimensão dos conteúdos dos diários, que simboliza as temáticas registradas por ela. A seguir é possível entender isso na reunião de todos os diários escritos por Lucy. Datam desde o ano de 1992 a 2003, totalizando oito diários, com uma frequência de escrita constante, que é observada pelos períodos assinalados nas etiquetas das agendas.



Figura 4: Diários de Lucy, 1993 a 2003

Fonte: Acervo do Prof. Márcio Couto Henrique

Para esta dissertação, os diários selecionados são os que abrangem os anos de 1992 a 1996, respectivamente organizados na imagem a seguir. O diário de 1995 não faz parte do acervo doado pela autora.



Figura 5: Diários de Lucy 1992-1996  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique

Impressiona o volume da escrita. O diário mais utilizado da adolescente é o do ano de 1993, época em que Lucy contava seus 14 anos de idade. É o ano em que a família muda de cidade, também. Nesse diário, ela apresenta uma vida social mais efervescente e, também, mais segurança para lidar com questões cotidianas. Nele, é notável o amadurecimento da visão dela sobre o mundo; como é uma fase transitória repleta de novidades, muitas confissões são feitas nas páginas desse diário.

A julgar pela espessura dele, pelo aspecto usado, gasto, a missivista deve ter se debruçado muitas vezes pelas linhas do diário. A capa foi alterada, transgredindo o uso pretendido pela editora. A imagem é de um papel de carta, produto comum nas papelarias da década de 1990. Ornado com uma variedade quase interminável de desenhos, esses papéis serviam para escrever cartas de amor, para enfeitar capas de cadernos e livros, para escrever para amigos. Mas o que era mais comum de se ver entre as coisas das meninas dos anos 90 era a coleção desses papéis, que favoreciam depois a troca deles entre elas. Sendo um suporte que fala da missivista por meio da escrita, a capa foi alterada num movimento de demarcar, já na apresentação do suporte, quem ela é.



Figura 6: Diário de Lucy, 1993.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique



Figura 7: Diário de Lucy, 1993. Visão lateral do diário.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

A figura dos dois gatinhos se dando às mãos envoltos de corações vermelhos brilhantes demonstra a característica romântica da autora, incentivada muito provavelmente pelos temas dos papéis de carta que utilizava nas agendas.

Os desenhos e pinturas que atraem as leitoras são em sua grande maioria infantilizados em figuras de animais pequenos e graciosos, ou então, em desenhos de bordas de páginas bem estilizados num tom romantizado em cores claras e rosáceas, indicando o perfil de público que as editoras gostariam de alcançar e estimular: meninas, adolescentes, discretas, sonhadoras, cuidadosas, romantizadas, tal como se pode ver na imagem abaixo, retirada do blog *Piece of my Heart*, de Izabella Niquito, na publicação de 23 de janeiro de 2013, intitula a postagem de “Eu amava: papel de carta”. Viveu nos anos 90 e fala rapidamente da febre entre adolescentes na troca e posse desse material. O uso desses papéis tornou-se assunto de encontros entre adolescentes dos anos 90, pois se marcava reuniões para a troca deles. Nas imagens abaixo, Izabella mostra coleções inteiras guardadas em pastas, para a conservação do material.



Figura 8: Coleções de Papéis de carta dos anos 90.  
Fonte: <http://izabellaniquito.blogspot.com.br/2013/01/esse-eu-amava-papel-de-carta.htm>. Acesso em: 09/10/2016.

A partir da imagem, nota-se que os papéis de carta de Lucy também pertenciam à “febre” de coleção desse material, como se vê nas imagens abaixo, do diário de 1992.



Figura 9: Diário de Lucy, 1993.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

Na página de março, dia do aniversário de Lucy, ela guarda um cartão de aniversário que se assemelha aos temas escolhidos para enfeitarem os papéis de carta, revelando uma indústria de cartões, papéis, agendas e cadernos, voltada para meninas dentro de um perfil romantizado e recatado, herança da mentalidade colonial religiosa brasileira. Lucy é uma adolescente que retrata os costumes de seu tempo, mas também imprime sua personalidade e produção de si de maneira autêntica e original, como os diários demonstram num volume bem considerável. Dentre os objetos guardados por ela, muitas cartas para amigos e de amigos avolumam os diários.

As cartas são um meio de comunicação bastante usado no Brasil desde o século XIX. Tipo de texto que produz trocas afetivas, profissionais e intelectuais entre as pessoas. É um arquivo, um documento, um testemunho. Possuem variados usos, podendo ser colecionadas, ou servir de fonte de informação. Assim a carta pode caracteriza-se pelo “espaço e momento: espaço de construção identitária, de troca de idéias e sentimentos, de estabelecimento de relações, momentos de reflexão sobre si ou sobre qualquer outra coisa que em um instante é e, logo depois, pode não ser” (GONTIJO, 200, p. 166).

Para efeito de comparação, é possível observar a diferença entre os diários de 1992 e 1993, no que diz respeito à espessura entre ambos, o que reflete, também, o volume de transformações vividas pelas autora, como já informado.



Figura 10: Diários de Lucy, 1992-1993.  
Fonte: Acervo do Prof. Márcio Couto Henrique.

A quantidade de clips da agenda ao lado direito, a de 1993, informa a marcação de lembranças que ocupam um lugar de destaque. Esse volume todo de memórias também pode ser explicado pela quantidade de objetos dentro do diário. A imagem a seguir demonstra isso:



Figura 11: Diários de Lucy, 1992-1993.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

Abaixo, os diários de 1994 e 1996 também podem representar a frequência do manuseio, através da diferença de volume entre eles.



Figura 12: Diários de Lucy, 1994-1996.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

A imagem dos diários na ordem lateral demonstra que a espacialidade das páginas foi transgredida pela autora, especialmente no diário de 1994, à esquerda. Nesse ano Lucy cursava o segundo ano do ensino médio e já havia mudado para Belém. Na nova cidade Lucy fez novos amigos e sua vida social tornou-se mais agitada, portanto, o diário ganha mais histórias e vivências, ganhando novos clips e momentos a serem guardados nas linhas dessas páginas. O diário à direita é o do ano de 1996, no qual Lucy já cursava a Faculdade de odontologia. É o suporte com menos frequência de uso e o menos modificado pela autora. Nele pude perceber anotações de compromissos acadêmicos e tarefas a serem realizadas, existem poucas declarações sobre si. O que demonstra o quanto Lucy editava seus diários à sua moda, pois, ao que parece, o suporte que mais se caracteriza fisicamente como a “ideia de diário”, serviu mais como agenda para a missivista.



Figura 13: Diários de Lucy, 1994-1996.  
Fonte: Acervo do Prof. Márcio Couto Henrique.



Figura 14: Diário de Lucy, 1993, p. 146.  
 Fonte: Acervo do Prof. Márcio Couto Henrique.

Pedras, colheres de pau de sorvete, muitas embalagens de bombons e chocolates, vários recortes de revistas, cartas, horário de aulas, fotos, cordas, absorventes, tudo era pedaços de lembranças que aumentam o valor do diário e seu tamanho. A página em destaque revela presentes que comumente a missivista recebia de amigos, parentes e pretendentes. 28 de maio foi um passeio com amigas na sorveteria, onde recebeu de uma delas a lembrancinha

de aniversário embalada num tecido em grade. Normalmente o agrado era um sabonete pequeno ou produtos perfumados para odorizar ambientes.

O diário, por ser um arquivador da própria vida, pode ser considerado um reflexo tanto da imagem íntima de si quanto da imagem social, funcionando como “[...] uma prática de construção de si mesmo e de resistência”, de acordo com o apontamento de Philippe Artières (ARTIÈRES *apud* HENRIQUE, 2009, p. 45). É preciso atentar que os alfarrábios apresentam constantemente uma invenção e reinvenção de si, portanto, ele não “expressa qualquer ‘essência’ anterior ao próprio sujeito que escreve”, ou seja, “o sujeito é um efeito do próprio texto” (HENRIQUE, 2009, p. 45).

Nesse sentido, observemos a página a seguir, do dia 6 de setembro de 1992, onde a adolescente escreve: “Tente ser original/ você é único no mundo. Você é capaz. Repetição (imitação...) é feio./ Tudo que tem em você é seu, ninguém tasca” (DIÁRIO DE LUCY, 1992, p. 198.). Frases, poesias, músicas que incentivam a autoestima são muito comuns nas escritas de Lucy. Ela, constantemente, mostra-se como uma pessoa confiante e segura. Porém, nas inúmeras outras páginas desse diário, percebemos uma menina cheia de dúvidas de si, insegura quanto à sua importância para outras pessoas, além de se pensar como alguém bastante incapaz de atingir seus desejos e sonhos, como qualquer adolescente da época, vivendo seus conflitos internos quanto à sua identidade pública e privada.

Contudo, nos textos, ela se projeta como uma mulher bem resolvida em relação à vida, dona de si, como sugere o recorte no meio da página. Este aponta que o mais importante na vida é a capacidade em se doar para o outro, para a família, como se lê no trecho do lado esquerdo inferior da página: “O verdadeiro capital de que a família precisa é o amor que eu doava e, desempregado ou não, eu podia continuar a doá-lo!” (a identificação do autor deste pequeno trecho de texto não pôde ser feita, a não ser pela sigla L. R). Esses trechos, ora de poesias, ora de música, ora de textos literários, comumente vistos nos diários, eram fundamentais para a autora selecionar o que escreveria sobre si. Há constantemente relação entre eles e o humor da adolescente.

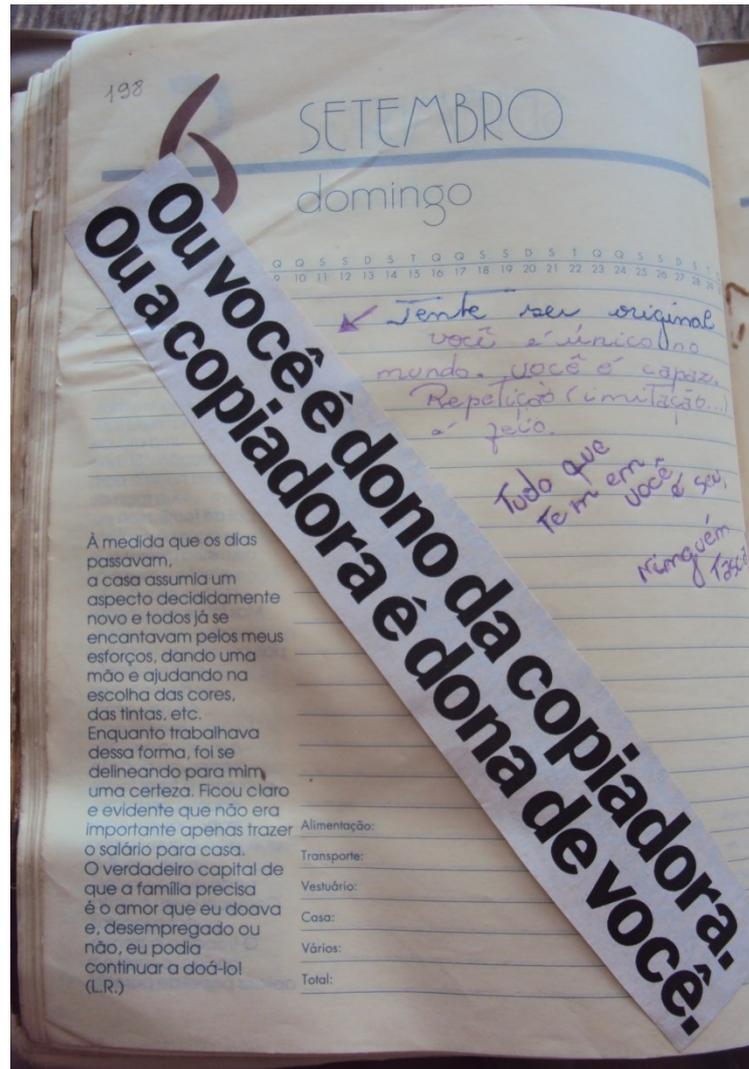


Figura 15: Diário de Lucy, 1992, p. 188.

Fonte: Acervo do Prof. Márcio Couto Henrique.

Essa página evidencia o fato de que a ordenação espacial da agenda pela editora foi transgredida pela aparente desordem que a autora impôs à página. A horizontalidade do texto impresso dá lugar à transversalidade da colagem, que pertence ao mundo do impresso, mas que foi extraída de sua fonte primeira e apropriada, servindo a um novo uso e produzindo um novo significado. Fazer outro uso da agenda que não apenas para anotar compromissos, parecia divertido para Lucy, pois a grande maioria das páginas e capas dos diários é transgredida. Digo isso, porque a horizontalidade do texto impresso compactua com a transversalidade da colagem, que pertence ao mundo impresso, visivelmente alterada de sua forma original e apropriada, produzindo um novo significado a partir do novo uso imposto pela autora. As frases da página, sejam impressas ou caligrafadas por Lucy conversam entre si, as mensagens se complementam, formando um texto no qual o valor moral da pessoa é o

que realmente conta, quanto mais honesto, quanto mais sincero, mais verdadeiro é o sujeito. Deixando sua marca pessoal.

Fica evidente que Lucy edita seus diários com sua própria personalidade. As agendas foram bastante modificadas por Lucy, mas antes, possuíam uma estrutura pensada pela editora, como destaque abaixo:

a) Marca das agendas:

1992: Recriar/agendas/ed. Ave maria Ltda/SP

1993: Agenda permanente/Souza reis indústria e comércio/SP

1994: Artefinal/cadernos/SP

1996: Charme/Tilibra/SP

b) Editoração<sup>15</sup>:

1992: Na página destinada ao editor, é explicado o objetivo do projeto da agenda Recriar: “a agenda Recriar 1992 procura oferecer reflexões sobre este tema [modelos econômicos de sociedade], dentro de seu estilo, com sua proposta de ‘recriar a economia’. É sua linguagem, seu anúncio, com os quais pretende entrar em diálogo com o usuário”

1993: A agenda foi completamente modificada pela autora, não possuindo página de apresentação da editora, mas sim de Lucy. A julgar pela frase “It’s my life” a ideia da diarista era compartilhar sua vida com o leitor. Não possui frase de reflexão, desenhos ou dizeres nas páginas disponíveis.

1994: A agenda foi produzida para o uso adolescente escolar. De editora de cadernos, tem linguagem na faixa etária de escolarização. É em espiral e não colada como as outras. Na capa tem um desenho com linguagem bem jovial através do desenho de um entregador de correspondências bem jovem e atrapalhado na entrega, chamando alguém num grito dentro de um balãozinho de quadrinhos “É pra você!”. Não é possível saber os objetivos dos editores.

1996: É um diário em brochura colada. Elaborado por editora de cadernos e matérias escolares. Não é possível saber o objetivo da editora por escrito, mas a julgar pela linguagem estética é voltado para o uso feminino, pois é todo desenhado com flores pequenas e em tons de rosa, tanto a capa quanto as páginas.

---

<sup>15</sup> Diagrama (grid) são os caracteres do projeto gráfico, que busca uma unidade e, também, refletir a personalidade pretendida pela editora.

c) Diagramação<sup>16</sup>:

1992: As páginas posteriores à apresentação seguem divididas em: telefones úteis; dados pessoais; calendário; planejamentos; objetos emprestados, objetos recebidos; início de mês sempre com um desenho acompanhado de dizer religioso, versículos da bíblia; pra lembrar esse mês; páginas com os dias referentes ao mês, estabelecendo o mês, a data e o dia; no canto da página mensagens para refletir que variam entre citações de líderes pacifistas, citações religiosas, músicas, poemas; balanço do mês; endereços pessoais; ddd/cep; calendário 93; planejamento 93; uma página de avaliação, recortável, da editora pedindo a opinião do usuário.

1993: É a agenda mais modificada pela autora, tanto que é visível que algumas páginas foram arrancadas dela. A capa de papelão está coberta por outra de plástico fosco na cor cinza. Talvez modificação da autora. Na frente foi colado um papel de cartas com dois gatinhos numa cerca rodeados de corações. A página de apresentação já está modificada pela autora com dizeres recortados “it’s my life”. A página de “dados pessoais” foi feita por ela, na qual destaca suas preferências culturais e características pessoais. Deixou as páginas originais da agenda destinadas aos ddd/ddi do país, bem como os CEPS de cada região. As páginas estividades da igreja católica. Tem caráter pouco formal.

1994: As páginas das agendas seguem na seguinte ordem: dados pessoais; medidas pessoais; secção mil coisas [uma paixão, um segredo, um ídolo, um filme, uma música...]; secção econômica; secção VVV: vai e volta voando; festas e aniversários; horário de aula; notas e faltas; provas e trabalhos; calendário 94/95; telefones legais divididos em colunas ele e ela; páginas dos mês sem anúncio prévio dele, dividida em duas colunas de linhas retas cada uma com dois dias seguintes do mês. Não existe marcação do dia da semana, apenas do mês e as datas dele. Cada mês apresenta fontes diferentes. Não possui desenhos ou frases de reflexões; a última página é a do último dia do ano.

1996: O diário tem páginas na cor rosa e muitas flores desenhadas nas bordas das páginas, que seguem a seguinte ordem: capa de plástico com flores e rosas em tons rosas. Seguida de calendário 1996 e 1997; páginas dos dias do mês sem apresentação prévia do mês seguinte; a página possui o mês impresso, assim como a data dele e dias da semana com os anos de 95-97 disponíveis para serem marcados, o que indica o uso como diário, já que serviria para três anos consecutivos. Possui rodapé com desenhos de rosas na cor rosa com linhas retas anteriores. As últimas páginas são agenda de telefones.

---

<sup>16</sup> É o espaço da página, assim como o número de colunas e as margens.

d) Capa<sup>17</sup>:

1992: Capa dura revestida por outra de plástico em cor bege. Talvez modificada pela autora. A capa dura está na cor preta com dizeres coloridos com o nome da agenda.

1993: Capa dura de papelão revestida por uma capa de plástico fosco na cor cinza. Modificada totalmente pela autora.

1994: Capa dura com desenho/pintura com linguagem jovial.

1996: Capa dura plastificada num material consistente e cor rosada com marcador de página em cetim rosa. Possui desenhos de flores, com borda desenhada. Agenda toda em cor de rosa claro. Existe uma inscrição na agenda “charme”.

e) Imagens<sup>18</sup>:

1992: As ilustrações foram feitas com o arquivo da ed. Cidade Nova e desenhos de Gilda Ignácio

1993: Não possui nenhum desenho ou imagens, sequer dizeres ou frases de reflexão.

1994: Não possui imagens ou desenhos, a não ser na capa bem colorida e com linguagem adolescente.

1996: Não possui imagens nem dizeres, apenas desenhos de flores e rosas em cor rosa claro.

## f) Função das agendas e parara quem se destinava:

1992: A agenda desse ano foi elaborada por editora religiosa, portanto suas características são repletas de mensagens de caridade, amor ao próximo, projetos sociais. Tem páginas organizadas para marcações de compromissos religiosos, marcados pelas datas de dias de santos e festividades da igreja católica. Tem caráter pouco formal.

1993: A agenda desse ano está completamente modificada pela diarista. Ela modificou a capa, as páginas iniciais que normalmente apresentam a função da agenda, manteve as páginas originais da agenda no que se referia aos códigos postais do Brasil e CEPS, normalmente originais de agendas de escritório, com caráter mais objetivo e formal de anotações de compromissos. Talvez por isso, Lucy deve ter modificado tanto o material, porque precisa imprimir algo que a representasse, como acontece noutras agendas. As páginas

---

<sup>17</sup> É o medidor de interesse e afeto que a revista é capaz de atingir no leitor

<sup>18</sup> Traduzem a pontuação, a descrição, a estética, a narrativa, a mensagem simbólica e lúdica da revista

têm opções de marcações dos dias da semana, não está determinado na página, a não ser a data do mês e a indicação a que mês pertencia.

1994: A agenda desse ano tem caráter mais juvenil, porque trata-se de uma editora de cadernos escolares, com linguagem mais adaptada ao público que ainda frequenta a escola, tanto é assim que Lucy pouco modificou a estrutura do material, porque de certa forma a escola da capa representa ela de alguma forma. As páginas trazem marcações de compromissos escolares, portanto têm espaço para anotações sobre dias de provas, notas escolares, melhores amigos, paixões. E as páginas não têm layout em formato de escritório. É informal na disposição de suas páginas, servindo também como caderninho de anotações sentimentais.

1996: O material desse ano é um diário. Produzido pela editora Tilibra, marca de materiais escolares voltada ao público adolescente. O diário não sofreu transformações muitas por parte da autora, algo que traduz sua identificação no que diz respeito à edição do diário.

## 2.2 “Não gosto de fazer – conversar besteira”<sup>19</sup>: a estrutura subjetiva do diário

Sobre a análise feita por Philippe Ariès (1991), como já explicitado, no que tange ao isolamento da escrita, o ato de conhecer a si mesmo, proporcionado pela escrita íntima, demonstra como o diário serve de companheiro num momento de solidão. No dia 24 de setembro de 1992, Lucy desabafa o quanto é incompreendida pelas irmãs, o quanto não se sente amada e gostaria de um “amigo” que a entendesse. Mesmo tendo colado um aviso, onde afirma que o desabafo era segredo, é perceptível a vontade de compartilhar suas angústias, o que possibilita a análise de se ter o diário como um amigo íntimo, como ela escreve: “Parece que sou só. Parece que não tenho ninguém. Não posso contar com ninguém. Tento conversar, mas ninguém me ouve”.

---

<sup>19</sup> Lucy, sobre ela mesma na apresentação do diário de 1993, p. 3.

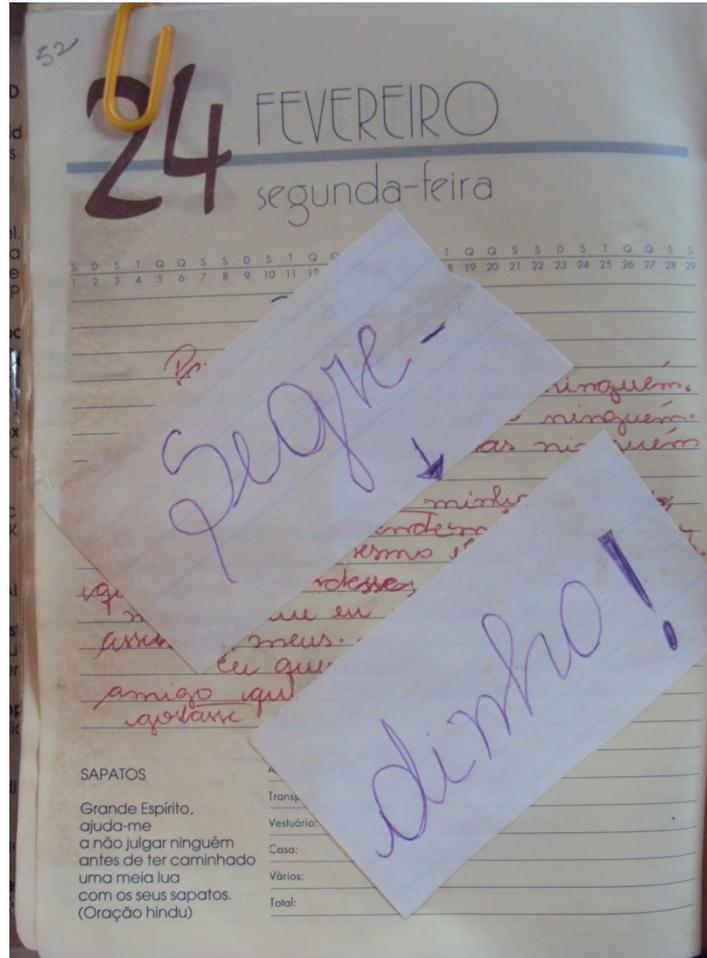


Figura 16: Diário de Lucy, 1992, p. 52.  
 Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.  
 Transcrição: Desabafo.

[...] Parece que sou só. Parece que não tenho ninguém. Não posso contar com ninguém. Tento conversar mas ninguém me ouve. Converso com minhas irmãs, mas elas não me entendem. Queria mesmo era um amor que me entendesse, que gostasse de mim. Que pudesse falar de assuntos meus... eu queria, de verdade, alguém amigo que me entendesse, que gostasse de mim...[...]

O texto manuscrito, não apagado pela autora, mas incompreendido pela colagem que diz “segredinho!”, nos mostra, mais uma vez, que os diários de Lucy não são secretos, são íntimos e ela convida para sua intimidade pessoas que escolhe compartilhar desejos, paixões, amores, dores, angustias. Porém, mesmo convidados por ela a saber de sua vida, alguns acontecimentos são privados, então penso que se ela vivesse no século XXI, provavelmente usaria uma senha para proteger o arquivo pessoal, evitando ser lido por outros. No que diz respeito à interpretação do texto, cabe a pergunta: o que é segredo? A solidão? A incompreensão? Por ser um suporte bem marcado pela subjetividade, nem sempre é possível entender sua mensagem. Acontece que a memória tece rastro contra esquecimentos, como se fosse um abrigo contra a indiferença do silêncio (GAGNEBIN, 2002, p. 129), sendo assim, alguns assuntos, algumas ideias são recorrentes nos diários, direcionando para uma narrativa

intimista que tenta sustentar sua autoridade, mesmo no campo subjetivo, dando legitimidade às “provas”, os “rastros” que apresenta na escrita, como descrevo nos itens abaixo sobre os temas mais tratados por Lucy em sua produção como missivista.

Nesse sentido, as narrativas de si proporcionam a busca de uma revelação do que se oculta numa consciência afligida, visam à decifração de um eu, supostamente alojado no coração, questionam a força e os modos da linguagem estabelecida social e culturalmente. Focalizamos, então, esses relatos autobiográficos como “escritas de si”, na chave aberta por Foucault (1994), como aberturas para o outro e para si, como espaços intersubjetivos em que se buscam a constituição de subjetividades éticas e a transformação social.

O reconhecimento do outro é um passo importante para se sentir afirmado num grupo, o que favorece a construção de si. Estar sozinha no ato da escrita do diário garantia uma conversa consigo mesma, uma reflexão de quem se é. Atualmente, o ato solitário da escrita não é mais individual. O diário íntimo passa a ser mais virtual, antes em agendas ou diários ou cartas, agora em redes sociais que permitem um encontro consigo de maneira pública também, uma vez que os recursos de comunicação tornam-se cada vez mais “acompanhantes”; então, aquele encontro consigo mesmo de outrora dá espaço para encontros em grupos virtuais em variadas esferas de comunicação. E, geralmente, o olhar lançado pelo outro, diante da exposição de si, nem sempre é de alteridade. Não significa também que o relato da intimidade seja sincero desde que o reconhecimento coletivo aconteça.

Portanto, a despeito da necessidade de informações documentais que forneçam sustentação à memória seletiva da história, para além do problema que engloba a veracidade das fontes, não é possível esquecer que o conhecimento histórico, para fazer-se inteligível, necessita fazer uso de uma narrativa.

Lejune (2008) ratifica esse discurso ao afirmar que o caráter de verdade na escrita autobiográfica deve ser questionado, pois o missivista pretende ser aquilo que não é, normalmente, ou seja, há uma projeção de si nas escritas íntimas que pode fazer o leitor confundir autobiografia com ficção. Nesse sentido, a memória é, na verdade, uma seleção de fatos, uma construção do passado que espelha uma leitura particularizada do que foi preservado pelas fontes. Assim, pode ser comparada a uma ficção de cunho literário, embora não deixe de ser uma narração de fatos críveis, expostos através de um estilo pessoal de narrativa.

Lucy relatou no diário de 1992 que este seria a sua “agenda”, uma analogia com a agenda anual utilizada para tal fim. Ela descreve a sua intenção com o uso da agenda como confessora de sua vida, e registra no primeiro dia do ano de 1992: “Aqui começo a escrever na minha AGENDA. Espero que ela me seja útil. Quero que ela me traga muitas lembranças, saudades, alegrias, amizades, enfim, tudo de bom ou de sentimentos para não esquecer de nada” (DIÁRIO DE LUCY, p. 01).

O suporte utilizado pela missivista não só servia como organizador de suas tarefas cotidianas, como também, de sua vida amorosa, seus questionamentos existenciais, suas relações de amizades, ou seja, mostra a tessitura de uma vida cotidiana que nem sempre as fontes ditas “oficiais” são capazes de revelar. Nesse sentido, Le Goff (1990) faz reflexões sobre a possibilidade de utilizar diários íntimos como fonte de pesquisa, o que enriquece a investigação histórica, pois, além de estar impresso o ponto de vista de quem escreve, os registros podem revelar fragmentos do cotidiano, consciente ou inconsciente, bem como a história da época em que foi escrito e elementos da sociedade que o produziu.

É possível perceber nos diários muito além de experiências individuais: compreendem-se vivências que estão de acordo com tempo e espaço de quem registra, como é perceptível nos registros de Lucy na imagem a seguir:

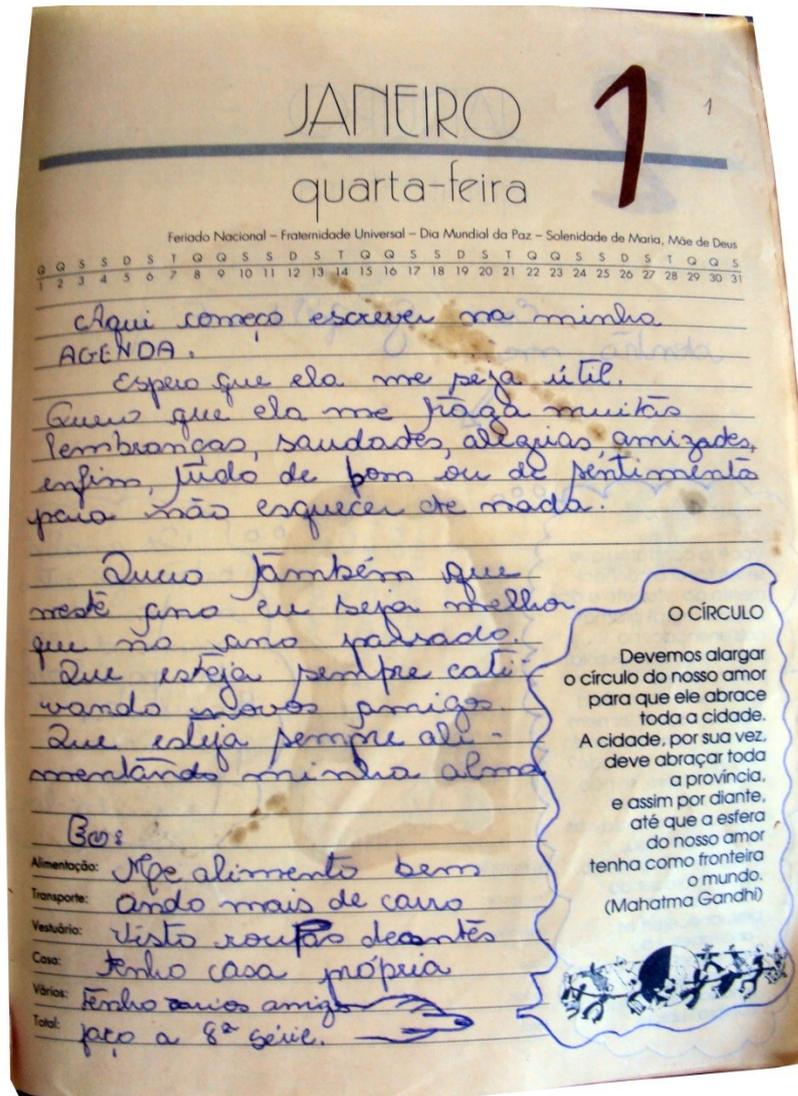


Figura 17: Diário de Lucy, 1992, p. 7.  
Fonte: Acervo do Prof. Márcio Couto Henrique

Nessa página do diário de 1992, aos treze anos de idade, Lucy confirma sua posição social e econômica confortáveis, ao responder na agenda que se alimentava bem, andava de carro, possuía casa própria, possuía muitos amigos e cursava a oitava série do Ensino Fundamental. Além disso, os dizeres do ativista indiano Mahatma Gandhi destacados na página, confirmam a vontade de ser uma pessoa melhor com alma alimentada, sempre “alargando o círculo” do amor por si, bem como, do amor pelos amigos e família. Veja que mesmo possuindo vários amigos com os quais “poderia” confessar suas angústias, paixões e questionamentos, a agenda seria útil para guardar suas lembranças, “pra não esquecer de nada”, ratificando a importância da escrita na construção do “eu”.

Nesta construção de si a autora vai editando a vida pelas páginas dos diários. Veja na imagem acima que o texto manuscrito dialoga com o impresso. Isto é reafirmado com o

desenho do “dedo” que aponta as palavras do pacifista Mahatma Gandhi, envoltas numa margem que a própria autora criou, pois ela se utiliza da agenda de maneira inesperada, como também altera a programação visual do material, criando uma margem inexistente originalmente. Na linguagem atual, o “dedo” poderia representar um *link* para uma possível página virtual onde se acessaria as palavras de Gandhi.

A peculiaridade de escrever em agendas – provavelmente sem intenção alguma por parte da autora – caracteriza o que Ramos (2000, p. 192, 194) assinala no seu artigo, de nova versão dos diários íntimos: “as agendas modernas”. Esse tipo de suporte, até então utilizado para registrar compromissos, tornou-se “um espaço de autobiografia em potencial”. Isso é percebido nos diários desta pesquisa, pois ao mesmo tempo em que a autora registra compromissos, data de provas, aniversários de amigos e familiares, também revela sentimentos, pensamentos, desejos, angústias, paixões, mesmo de forma fragmentada. Vejamos:

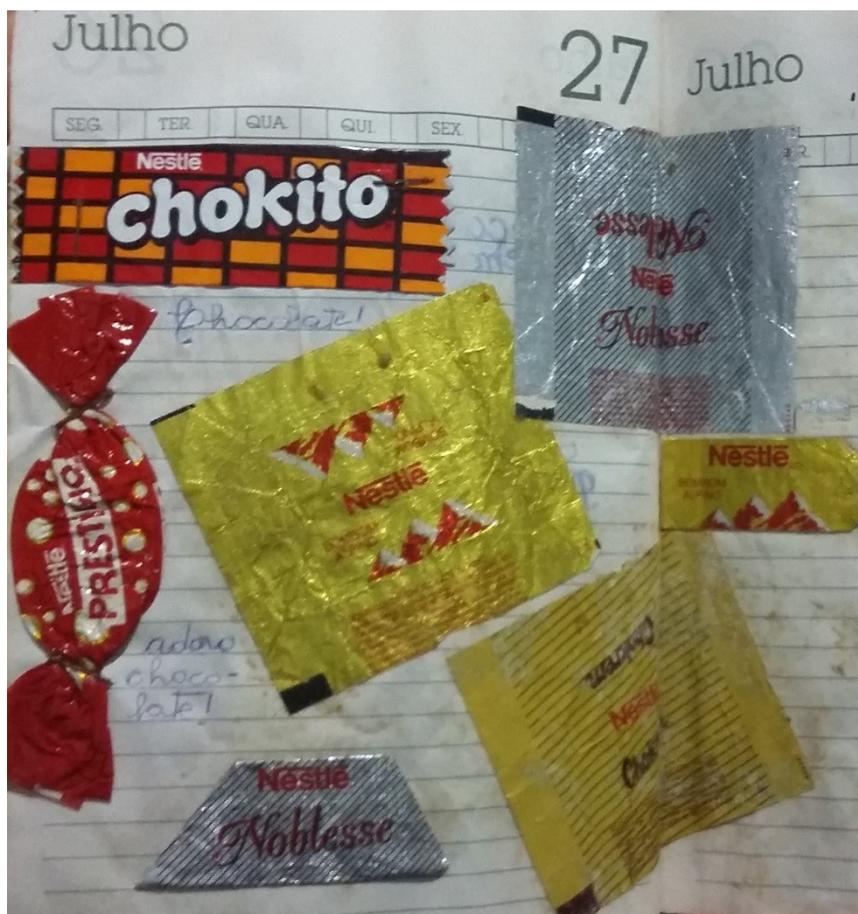


Figura18: Diário de Lucy, 1993, p. 120.  
Fonte: Acervo do Prof. Márcio Couto Henrique.

Perceba a quantidade de embalagens de bombons da marca Garoto, a preferida da autora, na página acima. Em muitas outras páginas de todos os diários, bombons e recortes de revistas e jornais trazem lembranças de momentos fomentadores de inúmeras emoções. Recordações felizes, tristes, vexatórias, engraçadas, enfim, um número considerável de reações afetivas. Nesse tipo peculiar de moderno suporte de registro do dia-a-dia encontramos pequenos textos e registro de compromissos, além de grande quantidade de colagens, desenhos, pinturas, poesias, músicas, fotos, embalagens de bombons, etiqueta de roupas e códigos pessoais. Toda essa linguagem escrita e ilustrativa contribui para entender a constituição do eu escritor e suas vivências (RAMOS, 2000, p. 195). A rememoração dos fatos é guiada pelo ponto de vista do narrador no ato da escrita, posto que recordar é dar à memória recortes de emoções.



Figura 19: Diário de Lucy, 199, p. 38.

Fonte: Acervo do Prof. Márcio Couto Henrique.

Lucy gostava muito de personagens de desenhos animados, histórias em quadrinhos. Como se vê acima, adesivos de chicletes dos personagens *Simpsons* era comum nas páginas. Esses personagens viraram sucesso na década de 90, por conta da irreverência das críticas sociais que em alguns episódios existiam. “Bart” era o preferido de Lucy. Além

deles, personagens em quadrinhos povoam as linhas de Lucy, por vezes faz suas próprias histórias a partir de recortes com eles. Outras vezes recorta e cola para deixar uma mensagem ou apenas para efeito estético.

Resguardando-nos das possíveis armadilhas que fontes autobiográficas podem apresentar, como a demasiada subjetividade e o efeito de verdade<sup>20</sup>, essas fontes podem nos remeter a uma espécie de registro histórico, onde é comentado – com ou sem intencionalidade – através da conversa que o escritor estabelece consigo mesmo, elementos da sociedade e do tempo em que vive (HENRIQUE, 2009, p. 93).

Em outras palavras, ao narrar, nossa imaginação se expressa e, para imaginar, visualizamos outras narrativas que não a nossa, foram imaginadas por outros. Nesse viés, na análise de diários íntimos, Lejune (2008) afirma que o caráter de verdade na escrita autobiográfica deve ser questionado, pois o missivista pretende ser aquilo que não é, normalmente. Ou seja, há uma projeção de si nas escritas íntimas que pode fazer o leitor confundir autobiografia com ficção. De acordo com Marieta Ferreira,

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história possibilitou uma abertura para a aceitação do valor dos testemunhos diretos, ao neutralizar as tradicionais críticas e reconhecer que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa (2002, p. 321).

A escrita autobiográfica é a possibilidade de afirmação da identidade, do eu. É a identidade de consciência de si, a relação com a própria existência, sendo ela, individual e coletiva. A veracidade dos fatos não é o objetivo da análise de escritas íntimas, mas saber se a identidade do missivista é real. Por isso, a assinatura, o nome, o signo da identidade é fundamental para quem escreve biografia. Verifica-se o quanto o relato é autêntico e não sua veracidade.

Isto caracteriza o Pacto Referencial a que se refere Lejune; o conceito trata dos fatos adequados à realidade, que é entendida através da narrativa, que, a partir do texto, da verdade que ele apresenta, permite verificar a autenticidade dos fatos. O que importa é a autenticidade do relato e não a fidelidade que ele pode apresentar.

Para Bourdieu (2005), o nome próprio é como um “designador rígido”, isto é, um ponto fixo num mundo que se move, ou seja, sendo o nome próprio a identidade social, a assinatura passa a caracterizar esse indivíduo num âmbito comunitário. Nesse sentido, apesar

---

<sup>20</sup> O efeito de verdade é uma categoria de análise trabalhada por Contardo Calligaris (1998) no texto *Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos*, no qual Calligaris utiliza a ideia de pensar o autor do diário como um “editor” de sua própria vida, que ordena, rearranja e significa o trajeto de uma vida no suporte do texto. Portanto, no diário íntimo não encontramos a verdade sobre alguém, mas uma construção, intencional ou não, de um indivíduo.

de todas as mudanças e transformações em âmbito natural, social, biológico, político que uma pessoa possa estar vulnerável, o nome próprio garante a identidade do sujeito, uma “constância nominal”, em outras palavras, o nome é o “atestado visível” da identidade do indivíduo, comporta deveres – como o nome de família que imprime bastante responsabilidade a qualquer um, sendo a família o núcleo social primeiro com o qual temos, como humanos, contato no aprendizado político, afetivo, cultural, moral, íntimo mais nuclear. Percebe-se isso na imagem seguinte, na qual Lucy escreve seu nome verticalmente, de modo que as iniciais dele dão início a outras palavras ou frases. Nesta imagem específica ela afirma no texto ser legal, risonha e ter amigos em quem confiar.

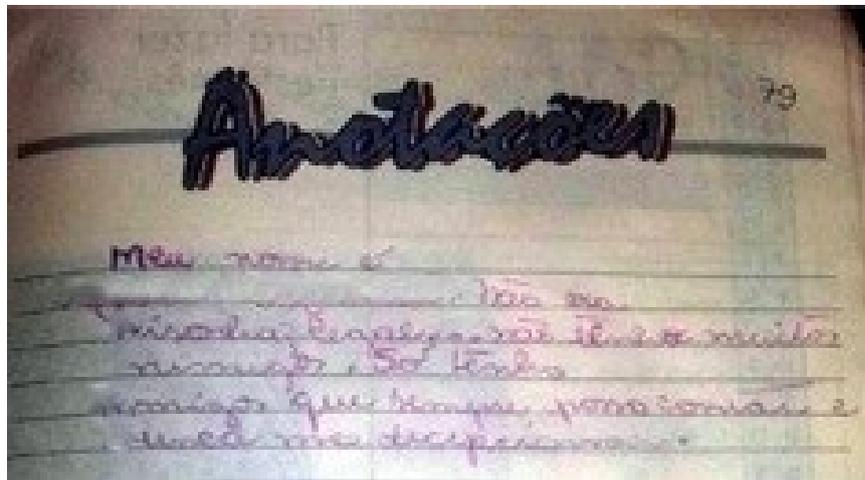


Figura 20: Diário de Lucy, 1992, p. 79.

Fonte: Acervo do Prof. Márcio Couto Henrique.

Se afirmar por meio do nome, como alguém querida, cheia de amigos com quem pode contar e nunca decepcionam, se perceber risonha e legal agora talvez se faça por não ter inimigos e ser rodeada de pessoas que a querem bem, como é confirmado quando cita o amigo mais fiel que a faz sentir feliz porque é parte de um grupo que lhe agrega, conforta e não a deixa sozinha, nem triste porque prefere sorrir, provavelmente com eles.

Assim como também o nome próprio é a possibilidade do reconhecimento social, no tempo e espaço que convive – como por exemplo no convívio de trabalho, lazer, vizinhança –, o nome identifica o sujeito através de registros oficiais, carteira de trabalho, curriculum, assinatura em agendas íntimas para garantir o agrupamento social, o reconhecimento do grupo de amigos, de colegas da escola, de professores, da família, de vizinhos e garantir o pertencimento, o reconhecimento de si. Como ela demonstra na página de “autógrafos” com assinaturas dos amigos:



Figura 21: Diário de Lucy, 1993.  
Fonte: Acervo do Prof. Márcio Couto Henrique.

O colorido da página anuncia a originalidade de cada assinatura, com cores diferentes e fortes, marcando a identidade pessoal de quem assinou, confirmando o eu num grupo documentado e autenticado no diário de Lucy. Assinaturas de nomes acompanhadas de afetos confirmam que Lucy era alguém reconhecida no ambiente social da qual fazia parte: “Maria, com carinho para Lucy”, “Amo você, filha”

É possível afirmar que a relembração é uma experiência social, coletiva, visto que as lembranças também se fazem pelos outros, como afirma Maurice Halbwachs (1990, p. 26): “[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos”. Dessa forma, a memória de uma pessoa está ligada à memória de um grupo, por sua vez inserida à memória coletiva.

E mais, a memória autobiográfica está imbricada na memória histórica, visto que, segundo Marina Maluf (1995, p. 35), a “[...] história de uma vida é parte integrante da história mais geral”. Isto porque a memória pessoal necessita de lembranças que são invocadas através das referências da sociedade.

Por meio da leitura de uma bibliografia específica, a busca do olhar para o documento será como se fosse um monumento, a fim de se perceber a intencionalidade com que foi produzido, selecionado e preservado (LE GOFF, 1990; HENRIQUE, 2009). Diários íntimos são documentações impregnadas de subjetividade, como já foi dito, e, em certa medida, podem levar a uma relativização dos fatos, contudo, não podemos perder de vista que cabe ao historiador ter o olhar crítico diante das fontes. Segundo Bloch (2001), sempre trabalharemos com os testemunhos do próximo e os diários se tornam mais relevantes, pois

nos registros podemos perceber através da impressão do outro: questões do cotidiano, de valores, de tradições.

De acordo com Le Goff (1990, p. 547), “[...] o documento não é inócuo. É antes de qualquer coisa o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram [...]”, portanto, cabe a intervenção crítica do historiador para buscar a(s) intencionalidade(s) com que foi produzido. Isto porque a história analisa a sociedade e os grupos que dela fazem parte sob perspectiva exterior, a memória analisa experiências pessoais a partir do grupo e faz analogias para que seus membros se reconheçam. Então, a história vivida está dentro do conceito de memória coletiva.

É possível perceber, por conseguinte, que a dinâmica do grupo sempre busca o desenvolvimento de uma memória comum, a fim de buscar a sua identidade. As várias experiências vividas por cada indivíduo de um grupo possuem sua própria temporalidade e sua própria história. Porém, as similitudes do passado possibilitam ao grupo o reconhecimento de sua identidade através do tempo.

Assim, segundo Marina Maluf (1995), a memória, elemento de unidade de um grupo, está imbricada num sentimento de tempo contínuo, fluido que age entre o que já foi vivido e o que se vive no presente. Isso fica claro nos diários de Lucy quando da mudança de Castanhal para Belém. Em novembro de 1993 ela escreve: “[...] A mamãe e o papai chegaram de Belém 9:00h. Vamos mesmo embora. Vou deixar a minha vida pra trás. Acho que eu sou a pessoa mais infeliz do mundo. Vou deixar meus amigos mais chegados” (DIÁRIO DE LUCY, 1993, p. 329). Nessa continuidade temporal se sustenta o grupo, capaz de recuperar do passado aquilo que está vivo. E isto é função do historiador, interpretar os significados do passado a partir dos fatos do presente, assim como se faz a relembração.

Daí o cuidado do historiador em analisar o documento, levando em consideração as interferências sociais que sofre, pois a história analisa e critica os cortes temporais, problematizando a memória, tornando o passado uma representação, a fim de entendê-lo e torná-lo inteligível (NORA, 1984, p. 19). Além disso, separa os fatos, seleciona acontecimentos, reconstrói criticamente os acontecimentos para confrontá-los analiticamente. Como afirma Peter Gay (1989, p. 20): “[...] os homens, nem mesmo os loucos, não inventam simplesmente seu mundo. Os materiais que empregam para construí-lo são quase todos de domínio público”.

## 2.3 “Fique por dentro!”: edição de si nas páginas dos diários

1993

Junho 10

SEG.	TER.	QUA.	QUI.	SEX.	SAB.	SOM.

NOME - *Lucy*

SIGNO - *Áries*

HOBBY - *Dançar*

MELHOR AMIGO -

MÚSICA - *Clássica*

CARRO - *Omega*

CULTURA - *Teatro*

DANÇA - *Balé*

FILME - *Em algum lugar no passado*

ODIO - *falsidade.*

ANIVERSÁRIOS MARCANTEs

*24.03.79 ~ ♡ ~ 02.07.78*

A M O R

*Aquele vivido verdadeiramente*

Figura 22: Diário de Lucy, 1993, p. 179.

Fonte: Acervo do Prof. Márcio Couto Henrique.

Nome: Lucy

Signo: Áries

Hobby: dançar

Melhor amigo: -

Música: clássica

Carro: ômega

Cultura: Teatro

Dança: balé

Filme: em algum lugar no passado

Ódio: falsidade

Aniversários marcantes: 24/03/1979 ~ ♡ ~ 01/02/1978

Amor: aquele vivido verdadeiramente

Como escrita da história, a narrativa biográfica está carregada de subjetividade, de afetos, de vivências, de percepção de si e do outro. É uma modalidade da história, na qual relações interpessoais somam vivências importantes, relativas do afeto da reciprocidade ou ausência dela, passional no olhar de curiosidade, peculiar no exercício da alteridade e sensibilidade de saber o outro necessário para o reconhecimento social e para a confirmação de sua própria identidade. Autores de diários falam também de um personagem, de uma percepção de si que nem sempre condiz com seu comportamento em grupo, projetando emoções, necessidades, valores morais.

Nos diários, Lucy demarca suas percepções ditando seus gostos, suas opiniões, fatos importantes na sua vida, pessoas especiais que têm algum significado na vida dela, preferências musicais e vontades de futuro, como é possível perceber na imagem acima. Também se nota propostas que ela mesma oferece a si, marcadas na vontade do carro que ainda não podia possuir e o amor “vivido verdadeiramente”, que ela almeja.

A julgar pela data, próxima do dia dos namorados, pelo cuidado da colagem do papel (transparente com estrelas), pela bolinha de gude (dentro do saquinho ao pé da página - que pode estar representando algo místico) e as datas de aniversários importantes (no caso, o dela e do amigo por quem nutria paixão) nota-se que Lucy se apresenta nesta página motivada, muito provavelmente, pelas revistas femininas da época, especialmente as voltadas ao público adolescente: “Querida”, “Capricho” e “Atrevida”, além de “Marie Claire” e “Manequim” que circulavam no período entre 1992 a 1996. Esse formato de apresentação, no qual se listam características e gostos da pessoa, era muito comum nessas revistas, a fim de comunicar de maneira mais rápida o público adolescente.

Quanto às letras em negrito, colocadas cuidadosamente para marcar as coisas de que gostava, eram moda nos anos 90. Era preciso colar letra por letra, pois as frases não eram originalmente elaboradas, denotando paciência e vontade em usá-las. Adesivos autocolantes, canetas para colorir, lápis de cor, clips para papel e outras infinidades de materiais escolares possibilitavam muitas maneiras de usos. Eram estimulantes, especialmente para os adolescentes, talvez por serem coloridos, de variados usos e formas. Por isso, Lucy abusava desses recursos a fim de editar sua vida de maneira bem lúdica. Abaixo, alguns exemplos de materiais usados nos anos 1990 <sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Para saber mais indico os sites: <http://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/12-coisas-que-os-estudantes-dos-anos-90-amavam>. <http://riopardense.com.br/noticias/15-provas-de-que-tudo-era-permitido-no-brasil-nos-anos-80-e-90>.



Figura 23: Clips para papel em material plástico.  
 Fonte: [http://flashbackmania.blogspot.com.br/2016\\_01\\_01\\_archive.html](http://flashbackmania.blogspot.com.br/2016_01_01_archive.html)



Figura 24: Estojos automáticos.  
 Fonte: [http://flashbackmania.blogspot.com.br/2016\\_01\\_01\\_archive.html](http://flashbackmania.blogspot.com.br/2016_01_01_archive.html)

### Canetas para colorir



Figura 25: Canetas para colorir.  
 Fonte: [https://www.buzzfeed.com/clarissapassos/meninas-adolescencia-anos-90?utm\\_term=.lk9aGNMKX#.vcKzM4Apn](https://www.buzzfeed.com/clarissapassos/meninas-adolescencia-anos-90?utm_term=.lk9aGNMKX#.vcKzM4Apn)



Figura 26: Estojo de desenho e pintura.

Fonte: [https://www.buzzfeed.com/clarissapassos/meninas-adolescencia-anos-90?utm\\_term=.lk9aGNMKX#.vcKzM4Apn](https://www.buzzfeed.com/clarissapassos/meninas-adolescencia-anos-90?utm_term=.lk9aGNMKX#.vcKzM4Apn).

Vê-se que Lucy ambicionava as possibilidades que a década na qual estava inserida oferecia representada pela vontade do carro Ômega<sup>22</sup>. O contexto histórico da década de 1990 possibilitava essa perspectiva de um futuro confortável. Mulheres se inseriam mais no mercado de trabalho, a economia, depois de anos de recessão na década de 1980, apresentava outras expectativas com o Plano Real. Um futuro que talvez quisesse prever nesta página que traduz esse ar místico, através do papel com estrelas grampeado na página e da bolinha transparente no saco plástico. Tudo demonstra como Lucy edita seus diários de maneira bem peculiar.

Entre os recortes e colagens de Lucy, veem-se muitos trechos de revistas e jornais. Entre as revistas, pude identificar páginas recortadas da *Veja e Isto É*, o que me fez pensar que talvez ela, ou a família, fosse assinante das revistas por conta da regularidade desses recortes. Além delas, identifiquei também, revistas femininas da época, como *Capricho e Marie Claire* que imagino terem permitido à autora ideias para criar sua própria revista – os diários – onde poderia dizer e formatar suas características.

A análise dos diários permite dois níveis de interpretação que podem ser feitos: primeiro diz respeito ao que ela afirma de maneira mais explícita e tem relação com os temas

<sup>22</sup> O automóvel Ômega foi produzido pela *General Motors* e lançado em 1985 na Alemanha, posteriormente exportado a vários países ao redor do mundo. A indústria automobilística brasileira, nos anos 90, possibilitou a reabertura do então estagnado mercado de automóveis, isto porque, a mudança do plano econômico, com o Plano Real, apresentou o Brasil como um mercado de investimentos em ascensão, portanto, multinacionais configuravam o ambiente econômico da época. Para saber mais, sugiro o artigo de Ronaldo da Silva, *Indústria Automobilística Brasileira nos Anos 90: uma nova territorialização*, disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4184/3678>.

que são relevantes para sua vida, e que muito provavelmente, passam pelo universo público e privado, como por exemplo, as relações familiares conflitos, ritmo de vida cotidiano na casa, suas atribuições nesse meio, as relações de amizade, as tarefas escolares, os passatempos. Outro nível possível de análise diz respeito ao imbricamento de dois mundos: o mundo do manuscrito e do impresso, que também parece muito presente nas suas fontes.

A agenda, utilizada por Lucy como diário, é um material impresso que pela perspectiva da editora há uma maneira de usá-la, a partir da representação do público que a utiliza. Normalmente, possui diagramação específica, obedecendo ao calendário anual, com datas e dias da semana impressos, combinados a espaços em branco nos quais se prevê que compromissos serão marcados para serem lembrados e cumpridos. Possui também fragmentos de textos que parecem, em certa medida, querer inspirar valores e condutas ao seu público leitor. Ela também possui uma capa com características gráficas específicas, e, historicamente marcadas. Por isso há um vetor de análise a ser explorado e ele diz respeito ao produto que a editora oferece ao seu público e o que ele nos diz sobre as representações acerca desse público. As agendas, a princípio, são elaboradas para marcações de compromissos, assuntos importantes que não devem ser esquecidos, mas Lucy as utiliza para produzir memórias, e como a produção é dela, edita suas agendas da maneira como prefere. Nota-se na imagem abaixo o espaço para “planejamento”, formatado originalmente pela editora, mas Lucy o destina para anotar aniversários de pessoas queridas por ela.

JANEIRO		FEVEREIRO		MARÇO	
1 Q	Confr. Universal	1 S		1 D	
2 Q		2 D		2 S	
3 S		3 S		3 T	
4 S		4 T		4 Q	
5 D		5 Q		5 Q	
6 S		6 Q		6 S	
7 T		7 S		7 S	
8 Q		8 S		8 D	
9 Q		9 D		9 S	
10 S		10 S		10 T	
11 S		11 T		11 Q	
12 D		12 Q		12 Q	
13 S		13 Q		13 S	
14 T		14 S		14 S	
15 Q		15 S		15 D	
16 Q		16 D		16 S	
17 S		17 S	In. das aulas	17 T	
18 S		18 T		18 Q	
19 D		19 Q		19 Q	
20 S		20 Q		20 S	
21 T		21 S		21 S	
22 Q		22 S		22 D	
23 Q		23 D		23 S	
24 S		24 S		24 T	
25 S		25 T		25 Q	
26 D		26 Q		26 Q	
27 S		27 Q		27 S	
28 T		28 S		28 S	
29 Q		29 S		29 D	
30 Q				30 S	
31 S				31 T	

Figura 27: Diário de Lucy, 1992, p. 5.

Fonte: Acervo Márcio Couto.

Noutra imagem, abaixo, uma página da agenda está diagramada de maneira a usar para marcação de compromissos provavelmente, pois, logo depois da indicação do mês e da data, segue uma linha horizontal com indicação do dia da semana e, mais embaixo da página, itens informando a “alimentação”, o “transporte”, o “vestuário”, a “casa” e “total”, indicando a soma dos outros itens como possíveis gastos. Porém, a autora faz outro uso diferente daquele que a editora propôs.



Figura 28: Diário de Lucy, 1922, p. 2.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

Na imagem da página do dia 2 de janeiro, Lucy reflete sobre a condição do analfabetismo no Brasil. Essa agenda produzida pela editora Recriar, de 1992, possuía aspectos religiosos e sociais, assim, em todas as páginas se percebe dizeres, trechos de textos que estimulavam reflexão quanto aos problemas sociais da época. Além de permitir uma análise íntima, de percepção pessoal. O personagem, de tirinhas de jornais, Garfield colado com papel adesivo ao centro da página é um dos muitos recortes que a autora se utilizava para ilustrar as páginas dos diários, além dos balões de falas utilizados em revistas de quadrinhos e a seta evidenciando o personagem como mediador da mensagem que se lê nos

dizeres de Chiara Lubich<sup>23</sup>, no canto esquerdo da página, confirmando assim a edição de sua vida nas agendas.

O projeto editorial de uma revista não chega ao público leitor, de maneira que, não existe acesso a documentos que o legitimem; no entanto, o modo como a publicação se estrutura direciona seus leitores para a ideia que a editora insinua. Por meio dos temas e suas abordagens, é possível saber como a linha editorial pensou seu leitor. No caso de Lucy, ela escreve sem um projeto formal, todavia, pela repetição dos temas tratados nos diários, pelo estilo como ela edita suas páginas, pelos recortes estabelecidos nos diários, é possível dizer que de alguma maneira ela estrutura sua memória. Isto porque nem todos os dias ela escreve, nem todos os dias são documentados, a não ser que tenham marcado sua vivência.

Algumas regras são exigidas no projeto gráfico de revistas, como, diagrama, letras, números, sinais. Num livro a estrutura é a seguinte:

Formato, número de páginas, tipo de papel, tipo e tamanho das letras, mancha (a parte impressa da página, por oposição às margens), diagramação (distribuição de texto e ilustrações), encadernação (capa dura, brochura, etc.), o tipo de impressão (tipografia, offset, etc.) número de cores de impressão, etc. (CAMARGO, 1995, p. 16).

Lucy também se utiliza desses recursos, de uma forma menos exigente e pensada, sem muita organização formal, mas num arranjo sentimental, traduzindo através das cores, do posicionamento dos recortes e das colagens, das músicas e poesias um projeto de edição de si. “A função primordial do projeto gráfico é a de conferir unidade e refletir a personalidade da publicação” (GRUSZYNSKI, 2006, p. 36). Assim como Lucy, que, através das páginas dos diários, confere sua personalidade pela diagramação que impõe às suas publicações, transgredindo aquilo que a editora havia pensado originalmente como uso, marcando de fato sua identidade, como se vê em suas ilustrações, imagens, colagens, recortes na imagem a seguir.

---

<sup>23</sup> “Chiara Lubich (1920-2008) fundou o Movimento dos Focolares (Obra de Maria) em 1943, é considerada uma das mais renomadas personalidades no campo espiritual do último século. Católica, dedicou-se, em posição de vanguarda, à comunhão eclesial, ao ecumenismo, ao diálogo inter-religioso e com pessoas de convicções não religiosas”. Disponível em: <http://centrochiaralubich.org/pt/chiara-lubich/para-conhece-la.html>. Acesso em: 15/10/2016.



Figura 29: Diário de Lucy, 1922, p. 102-103.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

O personagem da imagem acima é Calvin, também originário de tiras em quadrinhos de jornais, e, assim como Garfield, é um dos personagens mais recortados por Lucy, que tem como afinidade com o gato Garfield a personalidade forte e decisiva, algo traduzido bem nitidamente nas páginas de seus diários.

Como escrita da história, a narrativa biográfica está carregada de subjetividade, de estima, de experiências, de percepção de si e do outro. Construir uma biografia é também construir personagens que se integrem ao universo de quem escreve, tomado por uma ilusão em dar sentido à vida, necessária, já que o desejo humano se pauta na construção de si mesmo. Normalmente as colagens de Lucy tentam contar uma historinha, às vezes, demonstrando o que ela está sentindo naquele momento. Noutros casos, só ilustra diversão ou marca algum acontecimento importante. Como nas imagens abaixo, cujos personagens não consegui identificar.



Figura 30: Diário de Lucy, 1992, p. 86-102.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

A diagramação do diário, diferente da revista, não estrutura uma unidade, mas sempre enquadra a personalidade e marca da Lucy. No caso das revistas, esse esquema permite credibilidade da informação transmitida, no caso de Lucy, essa confiabilidade importa pela sua autenticidade, não pela verdade.

Ao sistematizar superfícies e espaços da página levando em conta critérios objetivos e funcionais, o diagrama sugere a idéia de ordem em uma publicação, tornando a diversidade de imagens e textos mais inteligível e clara, contribuindo para a credibilidade da informação transmitida (GRUSZYNSKI, 2006, p. 37).

Nas revistas a fonte, a família tipográfica escolhida, o design editorial mantêm uma unidade, um estilo, que emanam a mensagem pretendida. As fontes de Lucy variam de acordo com a emoção que, eventualmente, alguma ocasião pode provocar nela. Neste caso, a função tipográfica garante a ênfase do texto “o que pode ser comparado a elementos das linguagens oral e gestual como entonações, variações de ritmo, expressões fisionômicas, movimentos corporais, posturas, para citar alguns” (GRUSZYNSKI, 2006, p. 37). Portanto, a tipografia estimula a percepção da informação do texto, aprofundando assim a compreensão.

No caso de Lucy, quase podemos ouvi-la falar em sua escrita, pois suas expressões são bem marcadas com lápis de cor, com caneta esferográfica, com tinta de pincel, com colagens, bombons, recortes, fotos, tudo faz parte da linguagem dela como se fosse

possível vê-la gesticular, mexer-se, mostrar-se para quem não a conhece através de sua caligrafia tão versátil. Assim, seus desenhos denotam aquilo que tenta transmitir.

Adiante, o desenho de uma jovem, representando reprovação através da expressão “hunf” dentro de um balãozinho de fala, muito comum nas histórias em quadrinhos e bastante usado pela autora para expressar suas emoções ou historinhas que criava a partir de desenhos e colagens. A caricatura parece dialogar com o texto impresso, que informa sobre os riscos à saúde causados pelo cigarro, uma vez que a expressão afirmativa dentro do balãozinho indica insatisfação. A ver:



Figura 31: Diário de Lucy, 1992, p. 111.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

Noutro desenho, a autora pinta um peixe amarelo num plano azul dando a entender que o animal está contente, por meio do sorriso evidenciado no rosto do peixe. O texto precedente da pintura diz que Lucy se divertiu rindo a valer assistindo filme na casa da prima, mesmo depois da prova “horível” de química cuja nota surpreendeu a autora: “Nessa prova ainda tirei 5,5. Tá ótimo!”. Acredito que o peixe amarelo manifeste a satisfação de

Lucy, especialmente porque recebeu um bilhete de um amigo elogiando-a, grampeando o papel no canto da página de forma a não retirá-lo de lá, a não ser que se rompesse o grampo. Na análise dos diários, percebi que quando ela pretendia se resguardar de possíveis bisbilhotices grampeava ou colava ou riscava a informação.

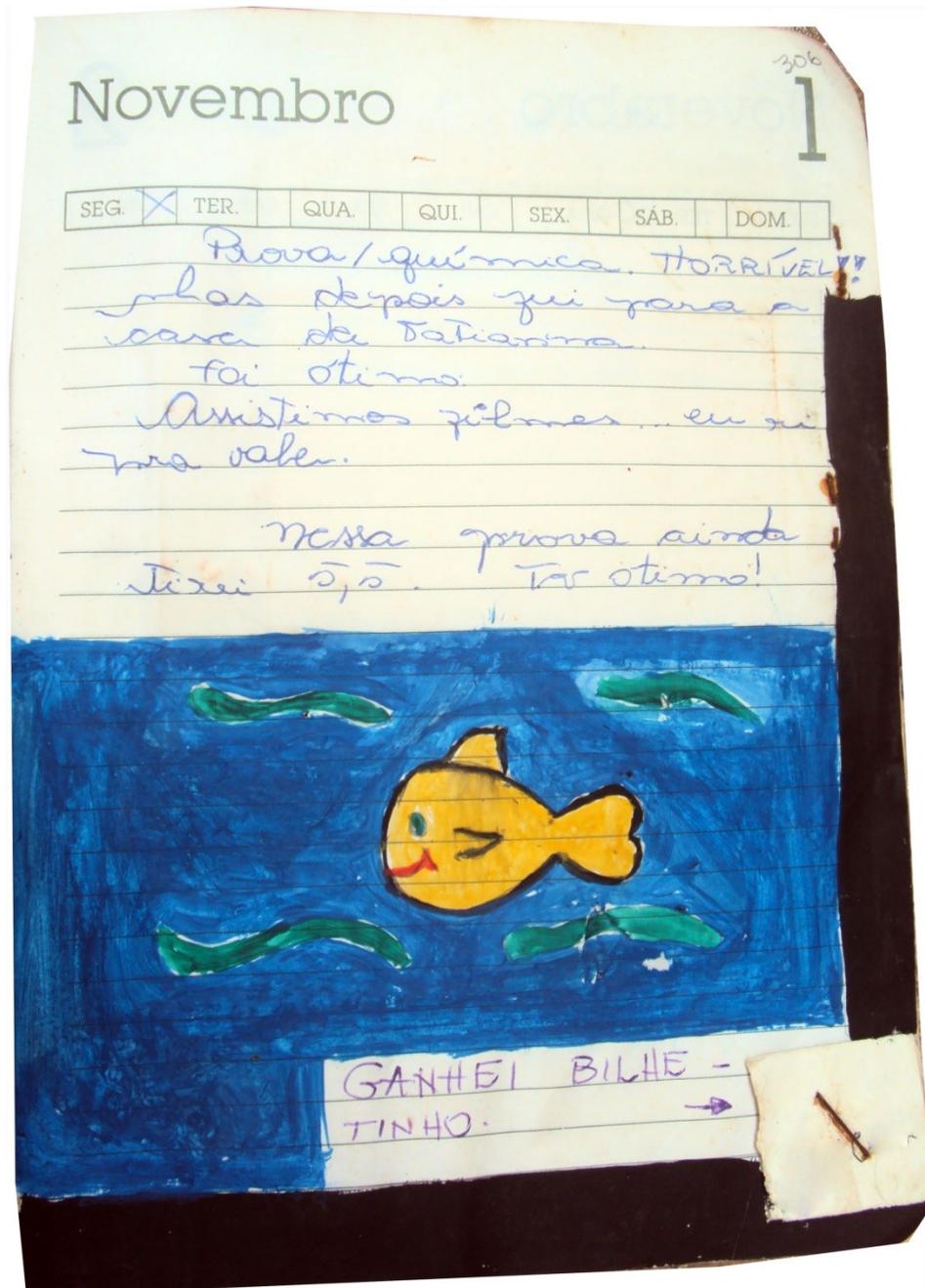


Figura 32: Diário de Lucy, 1993, p. 306

Fonte: acervo Márcio Couto Henrique.

Transcrição: "Prova/química. HORRÍVEL!! Mas depois fui para a casa da Ana. Foi ótimo. Assistimos filmes...eu ri pra valer.

Nessa prova ainda tirei 5,5. Tá ótimo!

GANHEI BILHETE - TINHO."

Lucy transforma as imagens numa maneira de comunicação mais rápida, sem muita descrição cursiva de suas emoções e vontades, de sua vivência no geral, deixando sempre a dúvida do que de fato pretende dizer, confirmando mais uma vez o cuidado com a ilusão biográfica, como já foi tratado anteriormente. Ana Gruszynsk aponta que num projeto gráfico as imagens alcançam funções diversas,

São elas: *pontuação*, que destaca aspectos do texto ou assinala seu início ou término; *descritiva*, que descreve objetos, cenários, personagens, etc. e é predominantemente didática; *narrativa*, que mostra uma ação, uma cena, conta uma história; *simbólica*, que representa uma idéia, pode ser uma metáfora; *expressiva*, que revela emoções através de postura, gestos ou expressões de personagens ou elementos básicos da comunicação visual como ponto, linha, cor, textura, etc.; *estética*: que se destaca pela maneira como foi realizada, chama a atenção para a linguagem visual; e *lúdica*: quando a imagem pode se transformar em jogo (GRUSZYNSK, 2006, p. 38).

A imagem abaixo ilustra esse jogo lúdico de linguagem. Pertence a agenda de 1992. Era pós férias, sendo que o mês de julho desse ano tinha sido bastante agitado e alegre para Lucy. Na imagem se vê códigos dos quais a significação não consegui traduzir em todos os diários nos quais ele aparece. Apenas pude descobrir que sua utilização sempre se dava para deixar em sigilo questões relacionadas aos amores e desejos que ela não demonstrava publicamente, confirmando que o diário não é um espaço tão pessoal assim, principalmente porque no canto esquerdo inferior ao recorte tem uma frase escrita por uma amiga dizendo que era seu aniversário, portanto o diário era lido por outras pessoas.

Perceba que a pontuação e descrição da página sugere insatisfação, já que afirma que vai ter que “cortar contatos”. O simbolismo da corda colada na borda da página, além de delimitar o espaço determinado pelo texto escrito, também pode sugerir alguma promessa ou vontade de transformação, uma vez que a corda é bastante utilizada na região nos círios<sup>24</sup> que ocorrem no Estado.

A festa religiosa é secular, sendo que em cada município ela é festejada em datas diferentes. Em agosto festeja-se o círio de Macapazinho, região rural de Castanhal, possivelmente a corda foi trazida de lá, uma vez que Lucy e sua família eram bastante religiosos, o objeto marca esta página do diário metaforizando os bons presságios que o

---

<sup>24</sup> “Realizado em Belém do Pará há mais de dois séculos, o Círio de Nazaré é uma das maiores e mais belas procissões católicas do Brasil e do mundo. Reúne, anualmente, cerca de dois milhões de romeiros numa caminhada de fé pelas ruas da capital do Estado, num espetáculo grandioso em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, a mãe de Jesus. No segundo domingo de outubro, a procissão sai da Catedral de Belém e segue até a Praça Santuário de Nazaré, onde a imagem da Virgem fica exposta para veneração dos fiéis durante 15 dias. O percurso é de 3,6 quilômetros e já chegou a ser percorrido em nove horas e quinze minutos, como ocorreu no ano de 2004, no mais longo Círio de toda a história”. Disponível em: <http://www.ciriodenazare.com.br/portal/historia.php>. Acesso em 14/10/2016.

simbolismo da corda apresenta. O clip na ponta da corda é um material rico nos diários de Lucy, capaz de prender outros objetos e marcar significações muito importantes para autora, a ponto de metamorfosear a estrutura física da agenda, chamando a atenção imediata de quem pudesse, porventura, ter acesso ao diário, deixando nítida a importância do evento sentimental marcado na página.

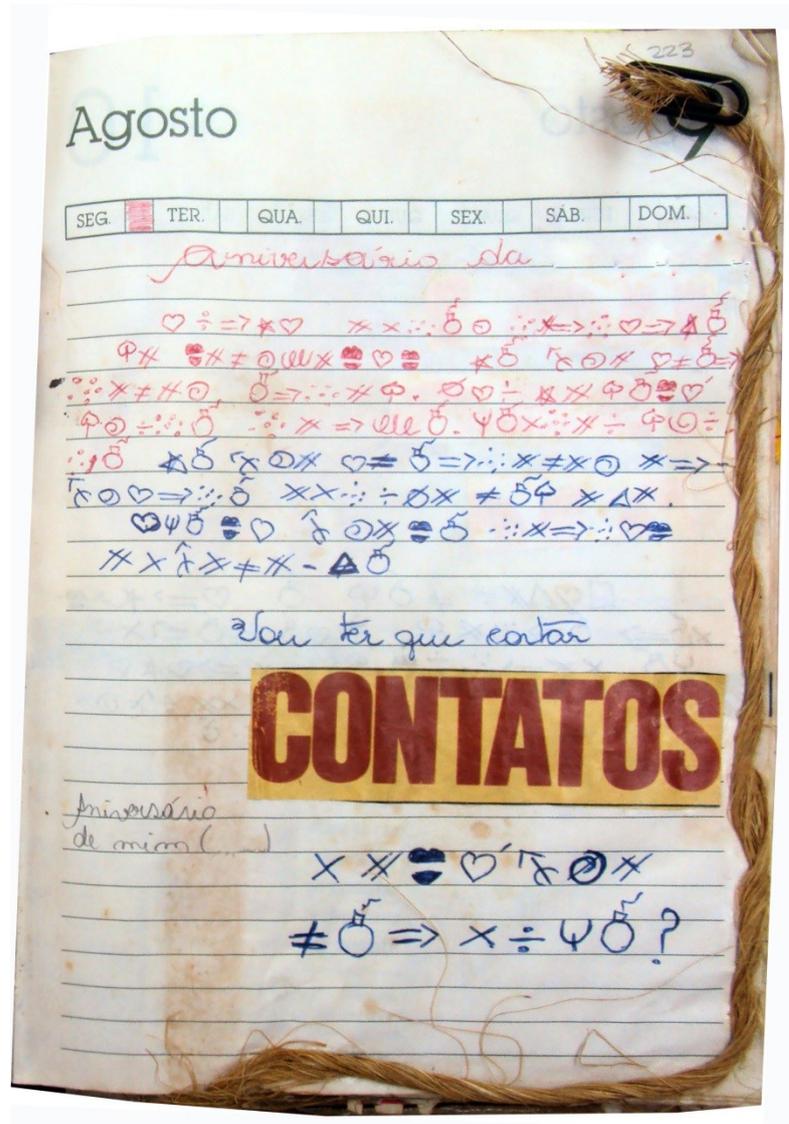


Figura 33: Diário de Lucy, 1993, p. 223.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

Adquirir diários poderia significar o pertencimento a um grupo, assinalar uma posição. Bem como ocorre na aquisição de revistas, dependendo da identificação do público-alvo, é comum efetuar a compra de várias edições ou fazer a assinatura da revista com o intuito de não apenas estar ao alcance das mãos informações contidas nelas, como também confirmar esse reconhecimento social de posse do periódico; nesse sentido, para Marília Scalzo,

Revista é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo. Entre garotas, por exemplo, sabe-se que quem lê *Capricho* é diferente de quem não a lê. O fato de ler a revista transforma as meninas num grupo que tem interesses em comum e que, por isso, comporta-se de determinada forma. Não é à toa que leitores gostam de andar abraçados às suas revistas – ou de andar com elas à mostra – para que todos vejam que eles pertencem a este ou àquele grupo. Por isso, não se pode nunca esquecer: quem define o que é uma revista, antes de tudo, é o seu leitor (SCALZO, 2004, p. 12).

No caso do diário, por se tratar de um suporte íntimo, o encontro com o leitor se faz de acordo com a escolha do missivista. Daí afirmar-se que o diário de Lucy não é secreto, o que se confirma nos códigos elaborados por ela, que transmitem mensagens (penso que amorosas e de desejo) que apenas quem conhece ou conhecia aqueles signos pode saber do que se trata.

Talvez Lucy levasse o diário para a escola, em algum momento, para se destacar entre as amigas, talvez, ou simplesmente, como amigo que acaba se tornando, talvez gostasse de estar com ele em outros ambientes fora daquele habitual onde, penso, escrevia com mais sigilo. Algumas páginas do diário evidenciam de que outras pessoas tinham acesso, já que nas páginas vê-se assinaturas de outras pessoas, mensagens de carinho e algumas outras intervenções. Visto na imagem abaixo.



Figura 34: Diário de Lucy. Folha avulsa.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

Para revistas, a periodicidade e os conteúdos são elementos importantes, pois não sendo diária nem quinzenal, as revistas mensais não tinham informações inéditas, então assuntos mais explicativos e atemporais são tratados nas revistas. Nos diários a periodicidade de Lucy depende de como suas emoções são ativadas.

a revista [é] como um objeto de contemplação, ou seja, algo para ser folheado nas horas vagas a fim de proporcionar relaxamento. Esse efeito seria dado pela

policromia, pelas imagens fotográficas e pela paginação bem cuidadas. (SODRÉ, 1988, p.37)<sup>25</sup>.

Os diários de Lucy proporcionam esse relaxamento citado por Muniz Sodré, pois a narração é bastante poética, engraçada e colorida. Outro fator são os objetos muito curiosos contidos nos diários que de alguma forma traduzem aquilo que a autora estava vivendo e sentindo. Nos diários, Lucy parece se divertir e relaxar escrevendo. Como nas revistas, as imagens, a policromia, o texto, contribuem para que

O acesso do leitor à informação de uma revista começa no manuseio. Ele, em geral, folheia antes de ler. A partir de um primeiro contato hábil e visual ele desencadeará a leitura em seus diferentes níveis. O aspecto gráfico é muito importante para essa seleção de leitura bem como na determinação da característica fundamental da revista: ser um objeto de lazer (Barbosa, 1996, p. 30).

As imagens representam bem o aspecto gráfico dos diários, repletas de objetos que marcaram vivências importantes para a autora. Perceba que o cuidado com a disposição dos objetos, das colagens e a mistura de cores atraem a curiosidade do leitor, bem como demonstram a ideia de edição da própria vida, verificada na imagem a seguir.

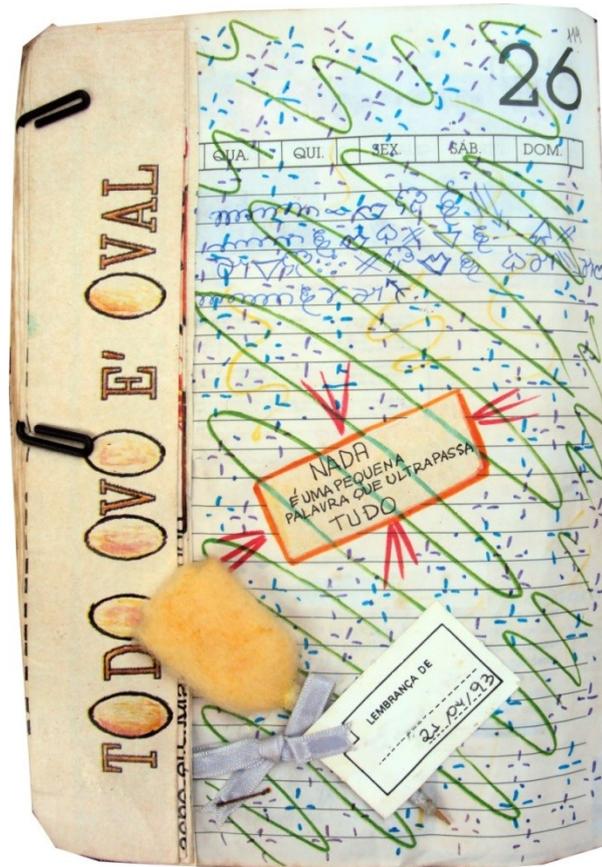


Figura 35: Diário de Lucy, 1993, p. 129.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

<sup>25</sup> SODRÉ, M. A Comunicação do Grotesco. Petrópolis: Vozes, 1988.

O hábito de escrever para si perpetuou-se durante os séculos, sendo a modernidade o período de maior efervescência, onde algumas modificações nas relações sociais contribuíram também para a transformação do indivíduo e de sua individualidade.

No que diz respeito à escrita e às relações sociais e/ou relações sociais nas escritas, não é possível afirmar ser uma ligação bilateralmente construída na contemporaneidade. De acordo com o historiador Philippe Ariès (1991), a partir do século XVI, as transformações ocorridas na França e Inglaterra modificaram o indivíduo, de forma que a introspecção foi se tornando a característica mais marcante daquela sociedade, sobretudo, a partir do surgimento da imprensa e a difusão da leitura. Então, com o passar dos anos, a alfabetização em larga escala subtraiu a “[...] leitura em voz alta, que durante muito tempo havia sido a única maneira de ler” (ARIÈS, 1991, p. 13).

Dentre as transformações, o aparecimento da “literatura da civilidade” contribuiu com uma atitude nova em relação ao corpo, ao próprio corpo e ao do outro. Assim, novas posturas sociais foram surgindo mostrando certo distanciamento entre as pessoas que antes possuíam contatos físicos mais exagerados.

Portanto, gestos “[...] ‘discretos e furtivos’ eram mais toleráveis em um cumprimento, já que não se fazia mais necessário fitar aos olhos dos outros, como antigamente costumavam se jogar ‘de barriga no chão’ perante uma dama que queriam homenagear” (ARIÈS, 1991, p. 14).

A literatura da civilidade imprimiu novo tratamento social, um ‘pudor novo’. Tudo favoreceu o isolamento, o momento de conhecer a si mesmo e a escrita permitia esta privacidade. Ato solitário e sigiloso, sendo os filhos os únicos avisados para que guardassem a memória. Surgem assim os diários íntimos, as cartas, as confissões, a ‘literatura autógrafa’ que permitiu estreita relação entre “leitura, escrita e autoconhecimento” (ARIÈS, 1991, p. 15).

A partir disso, a escrita sendo vista como “ato solitário e sigiloso”, muitas vezes, é compreendida como uma ferramenta para “ouvir a própria palavra”, como afirma Leonor Arfuch (2010). São vozes que não podem ou não são permitidas serem audíveis pelo social onde o autor está inserido.

O diário, nesse sentido, ao mesmo tempo em que é a extensão do ser social, muitas vezes, é a própria voz de quem o escreve, e durante a sua produção educa os sentidos, possibilitando uma constante sinestesia.



Figura 36: Diário de Lucy, 1992, p. 216-217.  
Fonte: Acervo Márcio couto Henrique.

Notamos, nas páginas dos dias dois e três de outubro, frases de autoestima recortadas de revistas, o que é comum na maioria dos diários, além de poesias que permeiam quase todos os diários, juntamente com seus personagens de história em quadrinhos preferidos, como o personagem Bidu e o Anjo que são criações dos quadrinhos da Turma da Mônica, do cartunista brasileiro Maurício de Souza.

A poesia, na parte inferior da página 217, indica o prazer de Lucy por esse tipo de leitura que serviam a ela como conselhos para se tornar alguém melhor. No caso da poesia de Chiara Lubich, intitulada *Sabedoria*, a reflexão é de cunho político, os dizeres são: “É preciso/ Que haja mais/ espiritualidade/ na política, mais contemplação/ na luta,/ mais sabedoria/ nos governantes,/ mais unidade em tudo”.

Lucy aponta essas preocupações políticas em suas declarações nas páginas do diário, como se vê na página do diário de 1992, do dia 16 de setembro. Possivelmente influenciada por sua mãe, militante do Partido dos Trabalhadores (PT), a autora se diz em greve e partidária ao PT.

Nesta época, o Brasil vivia o contexto de *impeachment* do, então, presidente Fernando Collor de Mello, que havia disputado, na campanha de 1989, com o candidato do partido dos trabalhadores, Luís Inácio “Lula” da Silva, a presidência da República.

Ao assumir o cargo, pois em funcionamento um polêmico plano de estabilização, o Plano Collor I, voltado ao combate imediato de uma inflação que atingia então a cifra de 80% ao mês. O plano previa medidas como a confiscação da poupança dos brasileiros e a limitação dos saques nos bancos.

Collor conseguiu, com o apoio do Congresso Nacional, efetuar sua política econômica, cujos objetivos eram a reforma administrativa e privatizações, entre outros. Porém, a economia brasileira entrou em recessão por conta de uma desorganizada intervenção do governo, confundindo, assim, a administração.

O fim da Era Collor ocorreu em seus recentes cem primeiros dias de governo, período em que foi denunciado o tráfico de influências, envolvendo Paulo César Farias, o PC, tesoureiro da campanha de Collor à Presidência<sup>26</sup>.

No diário, Lucy é irônica ao contexto político da época, ao afirmar que Collor e seu tesoureiro formavam um ‘casal perfeito’, certamente para levar à decadência a economia do país. Sua colagem ao meio da página sugere que se tenha na vida mais poesia, pois, talvez assim, influenciados pela sensibilidade e reflexão de si e do mundo que a poesia oferece, os dois políticos governassem mais justamente o país.

---

<sup>26</sup>LATTMAN-WELTMAN, F. *O impeachment de Fernando Collor*. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FernandoCollor>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

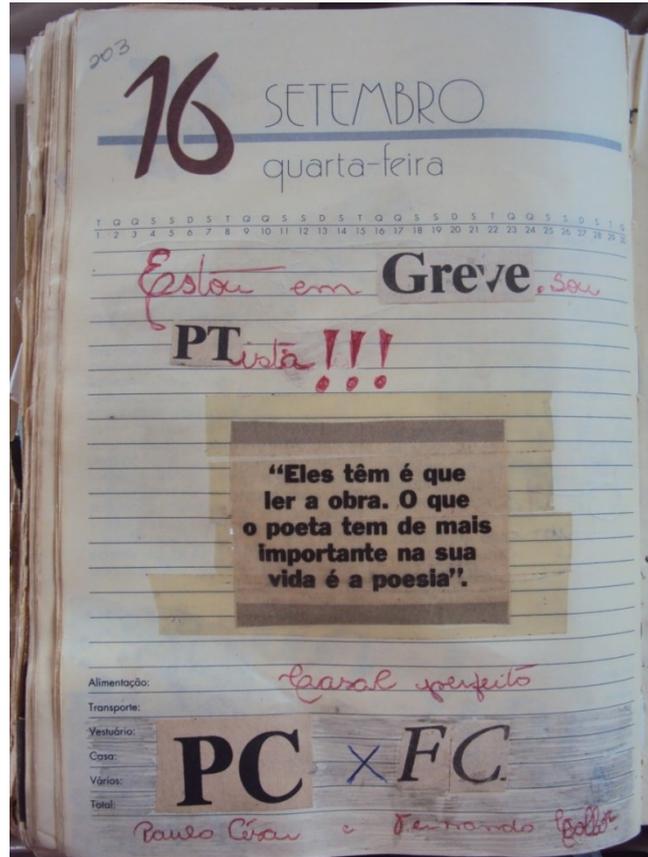


Figura 37: diário de Lucy, 1992, p. 203.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

É possível que a ironia de Lucy e o clima de deboche na página do diário dela tenha sido influenciado pela propaganda da época, como se vê na imagem abaixo. O SBT, uma das emissoras de televisão brasileira, publicou este anúncio de página inteira nos principais jornais. Chamando a atenção para o debate entre Lula e Collor, em 1989.



Figura 38: Chamada sobre o debate entre os candidatos à Presidência.  
Fonte: sbtpedia.com.br. Acesso em 10/10/2016.

A respeito da veracidade dos fatos abordados nas páginas dos diários de Lucy, segundo Marc Bloch, a história é campo de possibilidades/probabilidades, do qual cabe saber se o documento é um exemplar original, uma cópia, uma cópia de uma cópia, e, nesse último caso, se ela é fiel ou falseada.

Nesse sentido, a crítica exige saber a proveniência, a autoria. Então, o método de análise crítica torna relevante fazer uma análise das características do documento, como a letra, tipo de papel, marcas, decorações.

Na crítica de interpretação, vale saber o que o autor do documento disse, assim como o que o autor quis dizer, mas não disse. Cabe lembrar, que precisa haver uma crítica capaz de favorecer a credibilidade (valor do testemunho) do autor do documento.

Em meio à crítica da idoneidade do documento, o historiador precisa averiguar se o autor do documento é uma testemunha direta ocular, ou parte de testemunhos anteriores, uma vez que nem todos os relatos são verídicos, e os vestígios materiais também podem ser falsificados.

Portanto, à medida que a história foi levada a fazer dos testemunhos involuntários um uso cada vez mais frequente, ela deixou de se limitar a ponderar as afirmações explícitas dos documentos. Por isso, deve-se prevenir a soturna manipulação: interpolação em documentos autênticos e, no caso da narração, acréscimo de conteúdos inventados entre aqueles que são verídicos.

Ou seja, a construção da memória feita nos diários Num misto de estilos, possibilita recuperar a dimensão memorialística de alguém que está também preocupado em transmitir às gerações futuras ensinamentos, razões e estratégias utilizadas na escolha de determinadas decisões (MONTENEGRO, 2004, p. 320).

### 3 “ADESTRAMENTO DE SI”<sup>27</sup>: A construção da identidade como mulher no contexto da década de 1990

“A beleza e a feiura são miragens” (Frida Kahlo).

#### 3.1 Revistas femininas: o perfil de mulher formado nas páginas de revistas

De acordo com Roger Chartier (1991), o sentido da leitura é um processo histórico no qual modelos e modos variam a partir do tempo, do lugar e dos indivíduos. Para o leitor, o modo de significação variado e dinâmico de um texto depende da maneira como os signos textuais são recebidos, assim,

(...) é preciso considerar que as formas produzem sentido, e que um texto estável na sua literalidade investe-se de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os dispositivos do objeto tipográfico que o propõem à leitura (CHARTIER, 1991, p. 178).

Portanto, revistas, jornais, cartas, livros, diários e tantos outros suportes de leitura constituem maneiras de comunicação construídas dentro de um contexto histórico. A partir disso, a análise das revistas femininas, para este capítulo, pretende demonstrar de que maneira os editoriais delas comunicavam o público leitor, a partir do surgimento das revistas femininas, na década de 1950 no Brasil. Para tanto, faz-se necessário entender como essas revistas surgem no mundo e que tipo de leitoras almejavam atingir. Assim, considerar como esses periódicos influenciavam a construção da identidade de Lucy como mulher.

O surgimento das revistas femininas, no século XIX, durante o advento da imprensa, trazia nelas mais conteúdo do que os formatos como conheceram atualmente, isto assemelhava as revistas aos jornais. De acordo com a pesquisa realizada por Costa (2004), na Europa do século XVII ao XIX, especificamente na Inglaterra, Alemanha, Áustria, Itália e França, revistas femininas circulavam nos países com temas sobre literatura, sobre moda e sobre sensibilidades.

Na França, o *Courrier de la nouveauté*, de 1758, exportou a ideia para o Brasil. Até metade do século XIX, a imprensa voltada para o público feminino passava entre as elites, filhas da aristocracia e burguesia que possuíam acesso à educação e tempo para este lazer específico. Estados Unidos e Europa, em 1870, lançaram seus periódicos em livrarias e pontos comerciais, contribuindo para maior facilidade de acesso das leitoras, que antes se dava apenas pelo correio, aumentando, portanto, as tiragens em fins do século XIX.

---

<sup>27</sup> Foucault, 1992.

No século XX, as revistas ganham os contornos que conhecemos hoje, no qual a diagramação, *layout*, cores, imagens passam a importar tanto quanto o conteúdo. A linguagem, assuntos abordados, formatos, a informalidade que o caráter das revistas apresentava, garantia à imprensa feminina a escolha das revistas como periódico de veiculação.

A industrialização do século XX, nos EUA, possibilitou a veiculação de cosméticos, produtos de moda, produtos para casa e família. Assim, aliadas ao progresso da publicidade, as revistas femininas tornaram-se o veículo de propaganda ideal desses produtos, atingindo, portanto, o público feminino.

Os magazines passam, então, a ser sustentados pela publicidade, a ter circulação nacional e podem ser vendidos a preços muito baixos. A publicidade influencia a revista não apenas no seu conteúdo, mas também no formato, especialmente na padronização da página e no uso da cor, vantagem que a revista terá sobre seus concorrentes até o advento da televisão em cores nos anos 60. (MIRA, 2001, p. 10)

No Brasil, a imprensa passa a funcionar no início do século XIX. Influenciadas por hábitos portugueses, as mulheres da época atuavam nos espaços domésticos e religiosos, em igrejas. Para elas, leituras amenas, delicadas, baseadas em romances com final sempre feliz eram mais apropriadas, desta maneira, contribuindo para a formação de mulheres recatadas, elegantes e do lar.

Essas leitoras eram belas interlocutoras, louras, morenas, franzinas, amáveis leitoras, de quem os jornais necessitavam para dar vida e colorido às suas páginas. (...) Artigos, panfletos, crônicas, folhetins, notícias de modas e variedades, cartas ao leitor, notícias políticas eram as armas que utilizavam na conquista do público (...). (MORAES, 2002, p. 51)

O *Espelho Diamantino* foi o primeiro periódico brasileiro a circular no país, em 1827. O conteúdo versava sobre literatura, artes e moda. Em 1897 a 1900, *A Mensageira* falava sobre a condição da mulher, noticiários e literatura.

O contexto histórico da abolição da escravatura, a República e imigração estrangeiras, durante o século XX, contribuiu para a mudança do perfil de mulheres no Brasil, já que houve transformações na mão de obra, províncias se fortaleceram, eleições, formação da classe operária, crescimento da pequena burguesia e novas formas de urbanização interferiram no papel da imprensa.

Durante a Primeira Guerra Mundial e o entre guerras, a *Revista Feminina* permitiu a circulação, em todo o Brasil, de conteúdos que as outras revistas já circulavam, mas com a novidade de trazerem propagandas de produtos comercializados para o público feminino, desde cosméticos a livros de receitas, já que seus proprietários eram empresários do ramo de

produtos femininos. Era vendida através de assinaturas, o que garantia às leitoras concorrer a prêmios e concursos. Em três anos a tiragem da revista duplicou.

Uma nova revista passar a existir no cenário brasileiro, em 1921: *Scena Muda* foi novidade por conta do conteúdo de cultura cinematográfica e resumos de filmes. Nessa sequência de novidades, a *Cruzeiro*, de 1928, era a maior revista ilustrada do Brasil, posteriormente abrindo espaço para, na década de 1930, revistas vinculadas ao governo federal tomarem a cena: *O Carioca*, 1935 e *Vamos Ler*, 1936. Na década de 40, *Cruzeiro*, *A Cigarra* e *Carioca* tornaram-se populares.

Foi nesse período que as fotonovelas europeias chegaram ao Brasil, com a intenção de sentimentalizar a imprensa feminina, para isso, surgiu a revista *Grande Hotel*, em 1947, desenhada em quadrinhos, e quatro anos depois passou a utilizar fotografias em suas páginas (COSTA, 2004).

A década de 1950 brasileira, motivada pelo crescimento industrial e abertura econômica, possibilitou o amadurecimento da imprensa no país; neste sentido, surge a primeira grande editora: a Abril. Sua primeira circulação feminina foi da revista *Capricho*, em 1952, que chegava às bancas de revistas a cada quinzena e era destinada exclusivamente às mulheres.

A revista da época, contudo, tinha em comum com a atual apenas o nome, pois então publicava fotonovelas – chamadas cine novelas – para jovens donas de casa. Segundo Scalzo (2004), as fotonovelas surgiram na Itália, nos gigantes estúdios de cinema de *Cinecittà*, que aproveitava os intervalos entre as filmagens para produzir histórias românticas em fotos. O sucesso foi enorme e copiado no mundo todo, especialmente em países latinos. De acordo com a editora Abril, as regras de edição consistiam em tirar as cenas de sexo e cortar assassinatos, de modo a evitar tudo que ofendesse a moral conservadora da época (GRUSZYNSKI, 2006, p. 40).

Aos poucos outros temas foram colocados em pauta, saíram as fotonovelas e o espaço foi suprimido por outros temas, como moda, beleza, contos literários e variedades. Fez enorme sucesso, chegando a 500 mil exemplares, em 1956.

Em 1961, surge *Claudia*, a primeira revista que parecia ter personalidade. Com a mudança de padrão das mulheres dos anos 60, viventes da sociedade de consumo crescente, dos supermercados e shoppings centers, e de novos produtos como eletrodomésticos, exigiram novos assuntos que antes eram considerados tabus, e nesta década, passaram a ser abordados na revista.

Domésticas e consumidoras, muitas mulheres, no entanto, estava sofrendo a influência fortíssima das mudanças de padrão de comportamento que agitavam os anos 60. Também nesse aspecto, *Claudia* marcou época. Procurou introduzir

matérias que falassem dos assuntos mais polêmicos, muitos condenados pela igreja católica (...) (MIRA, 2001, p. 57.)

Na década de 70, o perfil feminino sofre novamente mudanças, veem-se ainda mulheres mais voltadas às suas atribuições domésticas, mas também frustradas com o casamento e lutando para mantê-lo. Assim sendo, mais uma vez os conteúdos das revistas sofrem variações; logo, sexo passa a ser assunto sobre prazer e não mais apenas para a procriação. Em fins de 1973, a revista *NOVA* chega ao mercado, voltada para o bem-estar físico e a forma padronizada de beleza de culto ao corpo.

Mais tarde, inaugurando a década de 1990, na contramão do conteúdo daquela revista, *Marie Claire*, em 1991, trazia o slogan “chic é ser inteligente” anunciando o perfil de mulher alvo da revista: inteligente e elegante. Por conseguinte, “(...) como a mulher vinha sendo construída, palavra por palavra, título por título, traço por traço, foto por foto. O que devemos hoje tem um antes que é valioso de conhecer” (BUIIONI, 1986. P. 42). As páginas das revistas mostram dois papéis para os quais as mulheres sempre foram treinadas: o da mulher sedutora, luxuriosa, fascinante e o de santa-mãezinha, recatada e dona do lar.

As leitoras não são fantoches sem vontade, manipuladas pela monstruosa indústria cultural. Pode-se manipular, sugerir e estimular, mas em última instância ninguém pode obrigar uma mulher a comprar uma revista. A persuasão coloca exigências precisas e a mais fundamental é a de responder, de alguma maneira, às necessidades daquele que deve ser persuadido. (SARTI; MORAES, 1980, p. 20).

Porém, a análise dos conteúdos das revistas mostra que a estrutura editorial, os assuntos abordados, a diagramação das revistas seduz de maneira muito eficiente a leitora, por sua vez atraída ao consumo do produto.

Nas revistas ainda é possível notar que, para as mulheres, a estrutura sexo/casamento/maternidade/homem/trabalho contém os temas que garantem o sucesso e bem-estar estabelecido de uma representação social bem sucedida. Seguindo neste viés a máxima machista e popular de que mulher ideal é aquela capaz de se comportar dignamente no âmbito social, como uma dama, e lascivamente no espaço íntimo e privado, como uma prostituta.

Se toda sociedade, só sobrassem as revistas masculinas e femininas, como provas documentais para outras espécies, causaria certamente espanto a existência de dois mundos tão separados convivendo paralelamente. (...) homens procurando companheiras para os jogos sexuais e mulheres sendo preparadas para a casa e os filhos. (SARTI; MORAES, 1980, p. 22).

Não espanta, a partir de tudo isso, a escrita de Lucy como uma espécie de fotonovela literária, na qual a memória e seus recortes ilustram as cenas da história. Ao invés

de imagens ou desenhos dos autores da fotonovela, a autora descreve sua personalidade por meio das colagens, dos recortes de revistas, das imagens dos famosos, dos presentinhos que recebia, dos textos poéticos, por meio de recordações que recortam lembranças coloridas e em branco e preto.

Nos diários, assim como nas revistas, a autora diagrama, edita, escolhe assuntos que informarão sob seus aspectos emocionais que também foram construídos dentro de um âmbito social histórico do qual faz parte. Para Cunha (2001, p. 253), os diários se constituem enquanto portadores de sensibilidades, antes que qualquer característica, pois eles possibilitam a “compreensão de vidas cotidianas, repletas de gestos de amor e ressentimentos, mas que também são marcados pelos freios morais de determinada época”.

A partir disso, verificar os espaços nos quais Lucy transitava, saber suas referências de leitura, os produtos que consumia, perceber o ideal de beleza que admirava conduzem a análise de sua construção identitária, portanto, a escola, a família, a cidade exprimem a maneira como ela edifica seu comportamento como mulher; isso pretendo abordar nos parágrafos a seguir.

### 3.2 Se amanhã todas as mulheres acordassem amando seus corpos, quantas empresas iriam falir?<sup>28</sup>: análise sobre padrão de beleza, sobre padrão de identidade, sobre como o sucesso feminino depende do casamento.

A construção do perfil feminino é individual, porém pautada num contexto social que estimula alguns comportamentos para a inserção no grupo social. A tríade sucesso-casamento-beleza é estabelecida para as mulheres desde há séculos, por imposições sociais construídas historicamente.

O diário, mesmo sendo uma fonte histórica subjetiva e íntima, traduz valores e conceitos de uma época na qual o autor se insere. No caso de Lucy, o período datado é a década de 1990, especificamente os anos compreendidos entre 1992-1996. É importante também notar que a cidade na qual estava inserida, Castanhal, nordeste do estado do Pará, contribuiu para a formação do perfil que circulava num contexto mais amplo, estimulado pela TV, como também, pelas revistas que Lucy lia.

---

<sup>28</sup> Parafraçando Gail Dines, doutora em Sociologia em Wheelock College, Boston: “Se amanhã as mulheres acordassem e decidissem que elas realmente gostam de seus corpos, apenas imagine o tanto de empresas que sairiam de circulação.” Seu livro mais recente é *Pornland: How Porn has Hijacked our Sexuality*. Para saber mais sobre a autora ver seu website: [stoppornculture.org](http://stoppornculture.org).

Nesse sentido, neste subcapítulo, abordarei a influência do contexto histórico social da década de 1990 para a formação do perfil feminino da época, mais precisamente, por meio dos diários de uma adolescente vivente de uma cidade do interior do Pará e como o contexto social do país contribuía para a influência da visão da autora no que tange ao ideal de beleza, ao sucesso como mulher e a necessidade do casamento.

Para isso, serão analisados os espaços culturais onde essas construções são formadas historicamente, no caso de Lucy: a escola, a família e os meios midiáticos pelos quais se informava. O que traduz de certa forma o perfil de uma adolescente paraense em transição para a vida adulta da década de noventa e o que se esperava dela na atuação como sujeito da história a qual pertencia. Nesse sentido, perceber a construção de sua identidade feminina é o viés pelo qual esta dissertação versará.

Para tanto, nos itens a seguir, abordarei em cada um as influências na construção de sua identidade como mulher nos ambientes onde Lucy agia como sujeito social, a exemplo da escola. Como também analisarei, de que maneira o sucesso feminino estava associado ao casamento e beleza, a partir das revistas, dos programas televisionados e outras influências culturais mostradas pela autora nas páginas dos diários.

### 3.2.1. “A galera do CSJ”<sup>29</sup>: o ambiente escolar como espaço de construção de identidade

Nos diários de Lucy, os assuntos relacionados à escola permeiam todos os diários utilizados como fontes desta dissertação, uma vez que ela começa a escrever na idade de treze anos, sendo filha de uma família financeiramente estável, para a época tão conturbada economicamente no país em recessão e trocas de moedas.

Segundo Lucy, a mãe, pessoa mais citada nas páginas depois das irmãs, trabalhava em um banco da cidade, bem como ministrava aulas de catequese em escolas particulares; tudo indica que a família possuía uma vida sem muitas limitações financeiras, o que garantia à Lucy estudar em colégio particular católico, por exemplo. A escola é um ambiente no qual crianças e adolescentes encontram espaço para socialização para além do ambiente familiar imposto desde o nascimento. É um local de emancipação de si, como demonstra Becker,

---

<sup>29</sup> Lucy. Diário de 1993, p. 39.

Todos os “Jogos de emancipação”, tais como se dão, por exemplo, na participação estudantil, na administração, adquirem outro significado na medida em que o próprio aluno participa individualmente ou em grupo da definição de seu programa de estudos e da seleção de sua programação de disciplinas, tornando-se por esta via não apenas mais motivado para os estudos, mas também acostumado a ver no que acontece na escola o resultado de suas decisões e não de decisões previamente dadas (BECKER, 2000, p. 182)<sup>30</sup>

A afirmação de Becker (2000) corrobora o protagonismo histórico de crianças e adolescentes na participação da vida escolar de forma ativa e não apenas como receptáculo de informações. O indivíduo desenvolve suas habilidades cognitivas e de pensamento de acordo com sua história social e a cultura em que está inserido. Dessa forma, sendo a escola o ambiente no qual a criança passa boa parte de sua vida, dar condições a esse desenvolvimento é uma das tarefas primeiras da educação.

De tal modo, a educação e o ensino tornam-se essenciais para o desenvolvimento cognitivo da criança e do adolescente. Vale lembrar que no processo de internalização a mediação da linguagem adquire signos repletos de significados e ações que são percebidas nas relações sociais estabelecidas entre os indivíduos, de onde surge a consciência. Para Freitas (2006, p. 6),

Os signos são os instrumentos que, agindo internamente no homem, provocam-lhe transformações internas, que o fazem passar de ser biológico a ser sócio-histórico. Não existem signos internos, na consciência, que não tenham sido engendrados na trama ideológica semiótica da sociedade.

Sendo assim, o homem é capaz de transformar e ser transformado em suas relações de uma maneira dialética com os meios social, cultural e ambiental. Portanto, o desenvolvimento humano não ocorre de forma isolada, mas sim a partir da reciprocidade entre o indivíduo e o meio.

Não por isso as diferenças entre indivíduos os tornem mais ou menos capazes em relação ao outro, a diferença não é definitiva para a aprendizagem. É neste viés que ocorre a interiorização, ou seja, as trocas sociais e culturais agirão com as informações adquiridas contribuindo com o desenvolvimento mental.

Nesse sentido, para Lucci (2006, p. 7),

A linguagem é o principal mediador na formação e no desenvolvimento das funções psicológicas superiores<sup>31</sup>. Ela constitui um sistema simbólico, elaborado no curso da história social do homem, que organiza os signos em estruturas complexas

<sup>30</sup> Ver Helmut Becker IN: ADORNO, 2000.

<sup>31</sup> “[...] as funções psicológicas superiores são de origem social; estão presentes somente no homem; caracterizam-se pela intencionalidade das ações, que são mediadas. Elas resultam da interação entre os fatores biológicos (funções psicológicas elementares) e os culturais, que evoluíram no decorrer da história humana” (LUCCI, 2006, p. 7).

permitindo, por exemplo, nomear objetos, destacar suas qualidades e estabelecer relações entre os próprios objetos.

A aprendizagem e o desenvolvimento, são elementos imbricados. Mesmo que a criança e o adolescente aprendam antes de frequentar a escola, novos elementos se somarão na vivência escolar. Conseqüentemente, o desenvolvimento desses sujeitos se dará a partir daquilo que sozinha, tanto a criança quanto o adolescente, aprende e também do que está sendo absorvido. Para Lucci (2007, p. 10), existe uma

zona de transição, na qual o ensino deve atuar, pois é pela interação com outras pessoas que serão ativados os processos de desenvolvimento. Esses processos serão interiorizados e farão parte do primeiro nível de desenvolvimento, convertendo-se em aprendizagem e abrindo espaço para novas possibilidades de aprendizagem.

Lucy apreende esses comportamentos e aprendizagem de maneira bem ativa. Participa das atividades regulares da escola, e de outras extraclasse, como as aulas de piano que frequentava. A respeito disso, a ementa abaixo do curso de piano demonstra o objetivo das aulas e o que se esperava dos alunos.

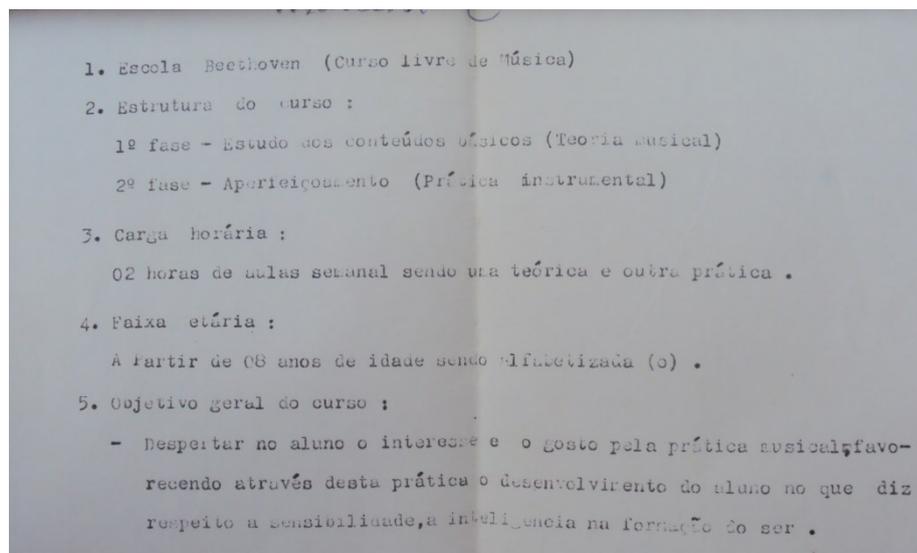


Figura 39: Diário de Lucy, 1993. Folha avulsa.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique

Despertar e desenvolver o gosto pela música, bem como a sensibilidade do aluno funcionou muito bem com Lucy, pois seus diários são repletos de músicas e poesias, demonstrando a disposição da autora em exercer sua habilidade sensorial, algo bastante presente no trato com seus colegas e amigos, boa parte do tempo.

O rigor com a disciplina era algo presente, pois nas páginas dos diários sempre existem anotações a respeito de seus afazeres escolares. Isto não era aplicado apenas por ela

mesma, mas também pela mãe, que garantia o controle tanto do pagamento das aulas, quanto da frequência da filha nas aulas de piano e as regulares da escola.

No século XX, crescia em nível mundial a mentalidade de civilização e educação como forma de progresso técnico e científico; no Brasil, portanto, instruir o povo era elemento essencial, uma atuação política que imprimia à nação os rumos pensados para a civilização.

Instruir ‘todas as classes’ era, pois, o ato de difusão das Luzes que permitia romper as trevas que caracterizavam o período colonial; a possibilidade de estabelecer o primado da Razão, superando a ‘barbárie’ dos ‘Sertões’ e a ‘desordem’ das Ruas; o meio de levar a efeito o espírito da Associação ultrapassando as tendências localistas representadas pela Casa; além da oportunidade de usufruir os benefícios do Progresso, e assim romper com as concepções mágicas a respeito do mundo e da natureza. (SCHWARTZMAN *et al*, 2000, p.12).

Ainda que o projeto civilizador quisesse contemplar “todo o povo”, ficaram de fora dele as mulheres, atribuindo, portanto, a elas o controle patriarcal e a educação doméstica. Já na década final do século XX, as mulheres ganham cada vez mais emancipação, são inseridas no mercado de trabalho, mas ainda assim, cobradas nos deveres femininos do início do século.

Em se tratando de escola religiosa, onde Lucy estudava, por exemplo, os deveres educacionais eram representados por doutrina e prática, então, “além de reivindicar o direito do ensino religioso, no decreto de abril de 1931, a Igreja pretendia que o próprio Estado se voltasse contra o ensino neutro e a favor do ensino confessional católico”. (SCHWARTZMAN *et al*, 2000, p. 42).

Educação, no início do século XX, estava vinculada ao conceito de civilidade, projeto a ser posto em prática no Brasil daquele período. Para Henri-Marrou, a civilização seria “uma forma que se constitui pela aquisição progressiva de conhecimento e valores materiais, científicos, intelectuais, morais, filosóficos, religiosos, transmitidos pela sociedade às suas gerações” (MARROU, 1975, p. 4).

Nesse sentido, o autor pretende mostrar como existia um curso que relacionava a ideologia cristã à ideia de civilidade, logo, o cristianismo salvaguardaria a herança da tradição greco-latina pedagógica para as sociedades ocidentais. Norbert Elias observou que para as meninas a educação se constituía “nas reações de um pedagogo da segunda metade do século XIX à publicação dos colóquios de Erasmo, um exemplo de processo instigador de sentimentos de recato, vergonha, embaraço e culpa” (ELIAS, 1994, p. 180).

Sendo assim, às mulheres não cabia o trato de assuntos ligados a sexualidade, algo no âmbito do não dito, que não se poderia falar, por isso, desconheciam-se. Consequentemente,

no exercício do controle dos indivíduos, àquilo que se relacionava ao campo íntimo de comportamento, a escolarização e o cristianismo trataram de civilizar, neste viés, a sociabilidade ganhava um campo íntimo e outro público, um comportamento secreto e outro mais público.

Portanto, à família, como instituição educadora, cabia o controle do comportamento feminino, em tal caso, “... a dependência social da criança face aos pais torna-se particularmente importante como alavanca para regulação e moldagem socialmente requeridas dos impulsos e das emoções” (ELIAS, 1994, p. 142).

A partir disso, faz-se necessário considerar a importância da escola como lugar para “criança bem-educada”, demarcando assim a diferença de comportamento entre adultos e crianças, especialmente às mulheres “que tiveram sua adolescência prolongada pela permanência nos conventos”. (ARIES, 1981, p.174).

Lucy gostava da escola anterior onde estudava, causando a ela, no início do ano letivo de 1993, certo desconforto na escola na qual passou a estudar. Ela estudava, anteriormente, num colégio religioso, mas depois mudou para o colégio não religioso. A saída da escola anterior aconteceu porque lá não havia ensino médio, por isso ela diz que “a galera do CSJ (iniciais da escola) estuda quase toda comigo”, porque vários colegas e amigos mudaram para lá.

Na escola religiosa onde estudou até a antiga oitava série, Lucy sempre se incomodou com a forte disciplina, que repercutia desde o uso do uniforme – uma saia de tergal abaixo do joelho – até o comportamento dentro do colégio, que incluía orações todas as manhãs antes da entrada em sala de aula; a verificação de agenda, no caso do aluno chegar atrasado, precisaria ser carimbado seu atraso; o acesso às salas de aula se davam por meio de duas escadas, nas quais, por um lado, subiam as meninas e por outro os meninos.

Depois de anos vivendo esse rigor, Lucy muda de escola, passa a estudar num ambiente sem o rigor religioso, portanto, ir para a nova escola significava liberdade, que se via, segundo declaração de Lucy, no uso do uniforme escolar, por exemplo, os alunos usavam jeans e o rigor com o uniforme era mais ameno. Lucy declara que a estadia noutra escola a deixou menos retraída e com isso, pode fazer novas amizades.

Na página abaixo nota-se a insatisfação ao voltar às aulas na escola nova. Foi um “tédio” iniciar o ano letivo com “a galera do CSJ”, pois além do desconforto da novidade de estar num novo ambiente, voltar às aulas era um suplício. Os colegas já eram conhecidos e, alguns, não interagem bem com a autora. Ela não especifica o porquê de sentir-se como um “zero à esquerda” ou “detestada” pelos colegas.

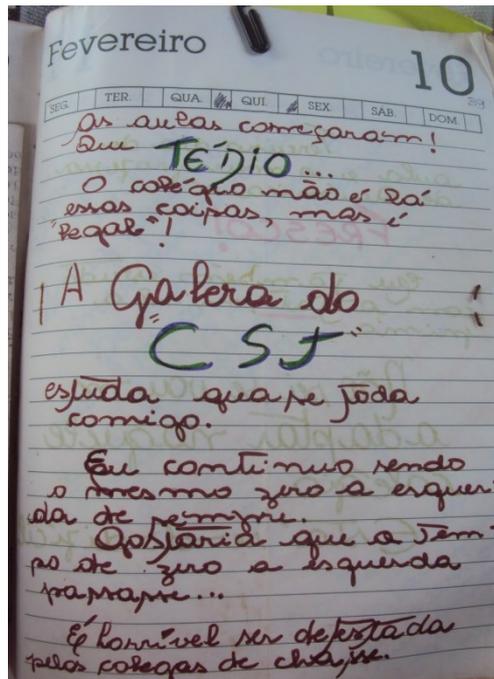


Figura 40: Diário de Lucy, 1993, p. 39.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

Existem discussões de fundamental importância no Brasil, que são as diversidades culturais, ideológicas, étnicas, raciais e sexuais. No texto de Gontijo (2003), a autora tenta apresentar o quanto o fenômeno da identidade nacional influencia até hoje nos parâmetros curriculares, contribuindo, portanto, para a formação de professores e alunos atentos a questão da diversidade. O texto faz uma investigação histórica de como, ao longo dos anos, tem sido avaliada a questão da construção de uma nacionalidade em base a conceitos que partiam das raças, culturas e etnicidades.

Esses conceitos vão sendo utilizados de forma a construir uma unicidade para o Brasil, mas contraditoriamente a diversidade dos brasileiros (seja ela religiosa, racial e socioeconômica), demonstra que o caminho para uma unidade e um projeto de nação para um território tão diverso passa por ver na diferença a marca característica do país. Pelo menos é essa uma das propostas mais vigentes: Aquela que vê o Brasil como país plural.

Contudo, nos anos 90 do século XX, essas discussões não eram pauta dos currículos escolares, tomando como referência o estranhamento de Lucy no que tange à sexualidade do novo professor, por exemplo. Na imagem abaixo, que deixa claro seu incômodo no uso da expressão “FRESCO!”, comumente utilizada na época para discriminar pessoas homoafetivas.

Não é possível saber o que fez Lucy declarar a opção sexual do professor, pois como fica claro na escrita era o “terceiro dia de aula”, tempo mínimo para conhecer os novos professores e colegas de classe. Era possível que fosse a primeira aula do professor naquela

semana o que indica, talvez, sua ênfase cursiva em cor vermelha e em letras caixa alta baseada apenas na aparência do professor.

Destacando, mais uma vez, a falta de discussões na escola a respeito da diversidade. Ainda existia a presença da prima, “Eu também estudo com a Joana, minha prima” (LUCY, 1993), o que provavelmente limitaria a liberdade e emancipação da autora no ambiente escolar, uma vez que, o parentesco poderia facilitar o conhecimento da família sobre o comportamento de Lucy na escola, por isso, “Não sei se vou me adaptar naquele colégio. Está sendo difícil” (LUCY, 1993). Ademais, as cores traduzem, como já foi falado anteriormente, a marcação editorial da escrita enfatizando a importância do descontentamento da missivista.

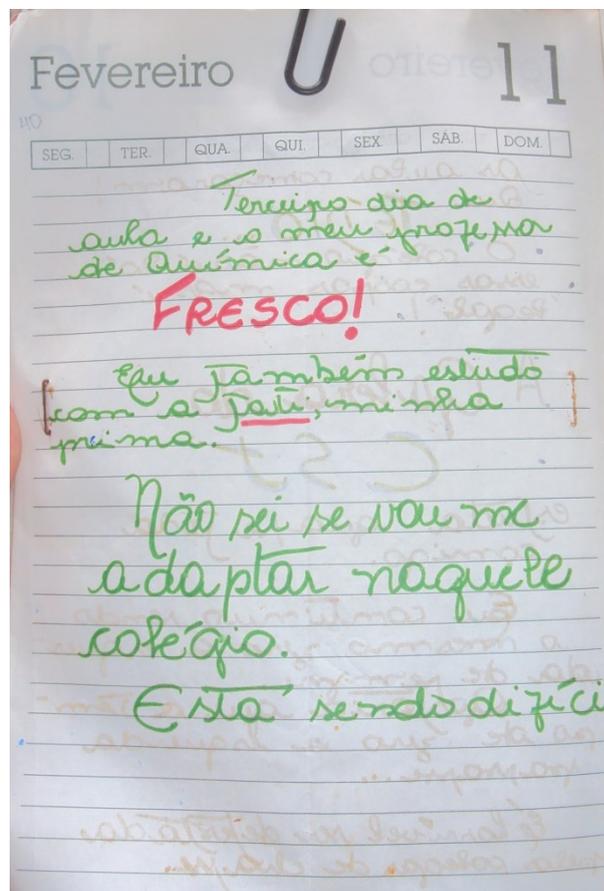


Figura 41: Diário de Lucy, 1993, p. 40  
Fonte: acervo Márcio Couto Henrique.

Essa discussão inicial tem fundamental importância para Gontijo (2003), pois possibilita fazer um paralelo sobre o tema da diversidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de 1996.

Este documento tem o papel de gerir o ensino em todo o território nacional, possibilitando ver como o pensamento político e social sobre a diversidade pode ser encarado nas escolas. Mesmo sendo um documento posterior aos diários analisados neste trabalho,

contudo, transmite, a partir do que é reivindicado nele para a educação, o cenário escolar brasileiro no início da década de 1990.

Os PCN vão encarar a discussão da diversidade como um “patrimônio sociocultural” de acordo com a lógica multiculturalista, deste modo, a escola seria o espaço privilegiado para o estudo da pluralidade porque seria onde encontraríamos indivíduos de diferentes origens.

Por isso, os PCN's fazem uma diferença entre diversidade cultural e desigualdade social. Acontece que esta discussão estava de fato fora dos debates escolares dos anos 90, ao menos na escola de Lucy. A página abaixo demonstra isso, ainda fevereiro, primeiro mês de aula e sexta feira, como mostra a marcação tabelada dos dias da semana. Era aula novamente do professor de química e Lucy marca em sinais orientais algo que traduzia a pessoa homoafetiva, nas expressões “Ocamá”, que segundo ela significava “Viado”, outro termo pejorativo reportando-se ao professor, muito provavelmente.

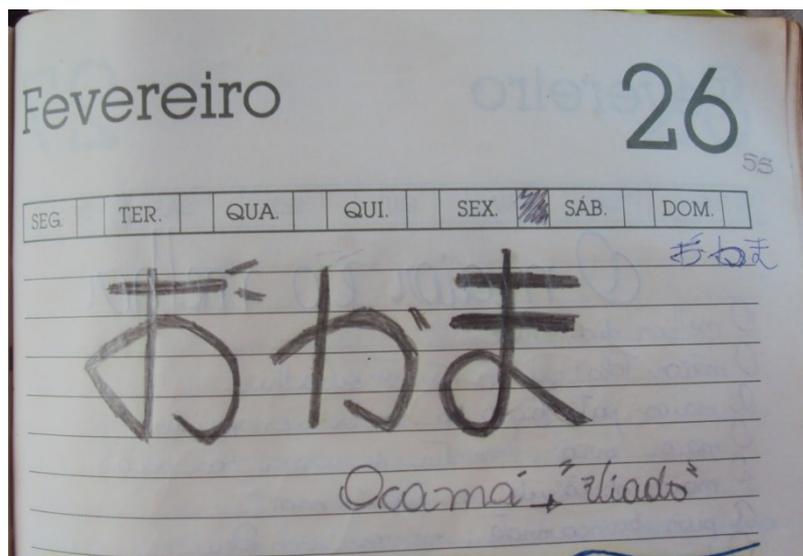


Figura 42: Diário de Lucy, 1993, p. 55  
Fonte: acervo Márcio Couto Henrique

Esta é uma discussão chave: diferenciar os dois temas. Mas o fato é que em certa medida os PCN's não apontam caminhos para a superação dos conflitos surgidos da desigualdade social, sendo observados na questão da concentração de renda em nosso país, no aumento do desemprego e na flexibilização dos direitos trabalhistas, especialmente durante a década de 90.

A lógica multiculturalista, na prática, apresenta uma perspectiva social, tomando como benéfica a diversidade cultural. Esquece, entretanto, de apresentar a desigualdade econômica como obstáculo à prática docente no tocante à reflexão de conceitos como

“cidadania” e “convívio pacífico”. Estes, por sua vez, escamoteiam a flagrante desigualdade real, desigualdade que passa não apenas pela diferença econômica, como também pela social e cultural.

Para os PCN, a função do ensino também adota essa lógica. A identidade nacional brasileira segue a Constituição e o regime político de nosso país. Na égide do neoliberalismo globalizante que descaracteriza as contradições sociais em uma concepção de exaltação à diversidade cultural, sem levar em conta o fato da cultura também refletir a situação socioeconômica do indivíduo.

Lucy estudou, boa parte de sua vida, em escola particular religiosa, de classe média, na qual conceitos bíblicos de respeito e amor ao próximo não garantiam reflexões no que tange à tolerância e diversidade. Além do que, marcava de maneira cristã o papel da mulher na sociedade, voltado para a obediência patriarcal.

Podemos observar isto na página abaixo, quase fim do ano letivo, onde Lucy declara que seria uma semana difícil por conta das tarefas referentes à exposição de trabalhos científicos na escola. O grupo no qual estava inserida faria um trabalho relativo à Química, cujo professor era mencionado nos diários.

Na escrita ela lista os colegas que estão em situação limite com o professor, “em boca”. Entre eles o “abestado do colega A” e a “idiota da burra da colega B”, dos quais a autora escreve, em expressão norte americana, “danem-se”, ao fim da página. É possível que o estresse da construção do trabalho em grupo tenha influenciado o desgosto da autora, contudo, numa escola religiosa como a dela esse tipo de discurso apenas deixa claro que o acompanhamento às questões da igualdade, tolerância e respeito à diversidade não estavam sendo eficientes.

Especialmente no trato com o colega que denominei de A, quando ela escreve “As meninas ficaram para ouvir uma explicação do Fernando [o professor] (e o colega A no meio: GAY)” (LUCY, 1993).

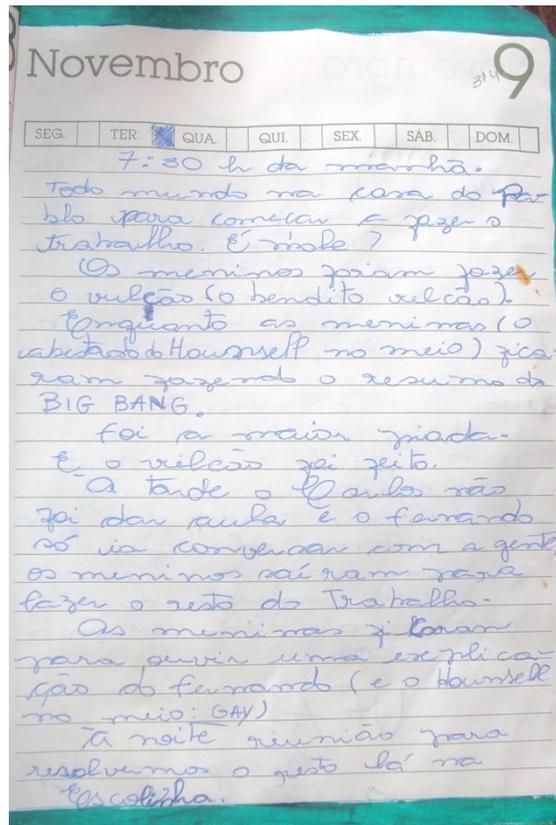


Figura 43': Diário de Lucy, 1993, p. 314.  
Fonte: acervo Márcio Couto Henrique.

No texto de Silva (2004), são analisados temas como o multiculturalismo e a diferença. Segundo Silva (2004), a identidade e a diferença não são conceitos retirados da natureza. As identidades são produzidas, inventadas e reinventadas pela sociedade.

O discurso de aceitação da tolerância à diferença e identidade, como atributo individual, é característica da ideia liberal nascida na modernidade com a introdução do sistema capitalista, no qual se criou as escolas para que o operariado aprendesse a lidar com as máquinas das indústrias, e assim, gerar mais lucro para a classe dominante.

Decerto essas escolas não foram pensadas para produzir cidadãos e sim operários reproduzindo relações de poder, forjadas pelo domínio daquela classe que acaba por criar artificialmente identidades pretensamente neutras, do ponto de vista do juízo de valor. Mas por outro lado, obtendo como resultado prático, a subordinação das classes subalternas com a manutenção do *status quo*.

Isso se reflete na forma como os alunos eram avaliados na escola de Lucy, promovendo a ideia de que acumular boas notas faz o bom aluno. Como ela demonstra na página do diário de setembro de 1993. Vê-se que a autora estava apta à estrutura avaliativa da escola, pois alcançava as notas necessárias à aprovação nas disciplinas, o que ainda é muito comum, atualmente, na maioria das escolas, universidades, faculdades como método de

avaliação dentro do sistema competitivo de ensino empregado no Brasil, estimulador das diferenças sociais e socioeconômicas.

Setembro						
SEG.	TER.	QUA.	QUI.	SEX.	SAB.	DOM.
Avaliações - 1993						
Geografia	10,0	5,0	6,0	9,0	395	
Liberalia	10,0	6,5	8,5	8,5	339	
Desenho	9,0	8,0	9,0	6,0	32,0	
História	8,0	7,0	5,0	5,0	28,0	2
E. P. P.	6,0	8,5	9,0	10,0	339	
Português	8,5	7,5	7,25	8,5	32,0	
Espanhol	6,0	7,0	7,5	5,0	25,0	5
Ed. Art.	9,5	5,5	9,0	10,0	340	
Pedagogia	9,5	6,5	8,0	10,0	340	
Química	7,5	6,0	6,5	5,5	25,0	5
Física	6,5	6,5	5,5	8,0	26,5	4,5
Matemática	6,0	7,0	7,5	10,0	30,5	
Biologia	7,0	7,0	7,0	8,0	29,0	1
Matérias	1º	2º	3º	4º	5º	Final
AVALIAÇÕES						

Figura 44: Diário de Lucy 1993, p. 262.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

A experiência em sala de aula oportuniza a observação dessas diferenças por dentro da escola tanto pública como privada. Experiências com discentes oriundos de diversas matizes étnicas, sexuais e físicas (nestes dois últimos casos fala-se de jovens homossexuais, jovens com deficiências físicas e jovens femininas) constataam a falta de um projeto político pedagógico emancipador e de planejamento de aula dos professores.

Entretanto, não se compreende esses fatores degenerantes da atividade escolar como um problema social passível de solução apenas por parte da direção escolar. Muito pelo contrário, a direção pode e deve atenuar essas contradições, mas é também papel do Estado subsidiar financeiramente e, politicamente modificações coerentes na escola pública.

Neste sentido, Diniz e Vasconcelos (2004) propõem lidar com o problema da diferença falando sobre ele, pois segundo elas “ninguém avança na busca de solução para algo problemático sem passar por uma rica e ampla exploração” (DINIZ; VASCONCELLOS, 2004, p. 9).

Silva (2004) trabalha com a ideia de fixação das identidades, neste sentido, a língua define a identidade de um povo, utilizando fatos e mitos para definir essa identidade através de características físicas ou não. Esta concepção de apenas uma identidade faz a

sociedade negar suas multiplicidades, pois não é questão apenas física tampouco cultural, são posturas de sujeitos múltiplos que não tem um centro único.

Outro ponto relevante no texto de Silva (2004) é a experimentação e a exploração de outras possibilidades na prática escolar, pois as identidades são múltiplas, atravessadas de diferenças das mais diversas dimensões, nas quais os sujeitos são distribuídos em diferentes contextos, posições e visões.

Sendo assim, colocar em prática o pensamento de que a educação deve estar pautada na possibilidade construtora de uma sociedade capaz de assegurar os direitos sociais, políticos, econômicos e culturais a todos os brasileiros sem distinção de raça, sexo ou religião.

Para isso, um ponto fundamental a ser praticado na escola é a inserção do aluno como sujeito de sua história. De acordo com Cainelli e Schmidt (2004), um dos objetivos da educação é compreender a realidade social por meio da história de um povo, inserindo o aluno como sujeito atuante do processo, desmitificando assim a historiografia dos grandes heróis, construindo desta forma um ambiente de compartilhamento de saberes, posto que “o processo ensino-aprendizagem é uma reconstrução de conhecimento, e não mera justaposição deles” (CAINELLI; SCHMIDT, 2004, p. 50).

Neste viés de sucesso e controle de produção escolar, o currículo da escola religiosa de Lucy estimulava também o comportamento padronizado feminino pautado na produção literária e poética. Tanto é assim que as páginas dos diários apresentam sempre uma vontade de casamento como garantia de sucesso para a mulher, pautados no lirismo literário do amor romântico como caminho de salvação.

O discurso sobre a identidade da mulher urbana, e suas percepções sobre maternidade, relações afetivas, sexualidade, casamento e carreira profissional é constructo elaborado historicamente e estimulado nos ambientes onde se atua, Lucy faz parte desse constructo, como discursarei a seguir.

### 3.2.2 “Que seja infinito enquanto dure”<sup>32</sup>: A beleza e o casamento como idealização de sucesso e realização femininas

Como constructo elaborado historicamente a identidade agrega características “próprias” das mulheres, são elas: docilidade, fragilidade, descrição, fala baixa, abnegação tudo define a "identidade feminina". Essa imposição social unificada transmite a noção de que

---

<sup>32</sup> Trecho do poema “Soneto da fidelidade”, de Vinicius de Moraes. Em “Antologia Poética”. Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1960, pág. 96.

as pessoas são iguais, sentem igual, contudo, como um processo, uma narrativa, um discurso sempre se pauta pela posição do outro, pelo olhar do outro, de acordo com Stuart Hall. Neste sentido, a identidade

é sempre em parte uma narrativa, sempre é em parte uma espécie de representação. Ela sempre está na representação... É aquilo que é narrado no eu de alguém. (HALL, 1997, p. 49).

Sujeitos marginalizados historicamente sempre tiveram suas identidades marcadas pelo olhar colonizador do outro,

A emergência de novos sujeitos, novos gêneros, novas etnicidades, novas regiões, novas comunidades, até então excluídas das principais formas de representação cultural, incapazes de localizar-se, a não ser como descentrados ou subalternos, foi adquirida por meio da luta, algumas vezes de maneiras muito marginalizadas, dos meios de falar por si mesmas, pela primeira vez. E os discursos do poder em nossa sociedade, os discursos dos regimes dominantes, certamente foram ameaçados por esse poder cultural descentrado e local (HALL, 1997, p. 34).

Movimentos feministas, por exemplo, desconstruem identidades forjadas pelo outro, pelo colonizador. Para as mulheres isso se fez pelos homens no sistema patriarcal, que tentou desde sempre adequar a identidade feminina às suas próprias narrativas e satisfações do modo de se beneficiar dessas narrativas fixadas pelo patriarcalismo em detrimento às mulheres.

Nesta perspectiva, a contemporaneidade confronta os sujeitos a identidades variadas e dinâmicas, com as quais se identificam, por sua vez, as mulheres que impõe suas características sem submeter-se ao silenciamento social, são frequentemente marginalizadas, ridicularizadas e humilhadas por meio de clichês já naturalizados, como o da loucura ou da histeria. Para tanto, a

limitação da mulher aos papéis de esposa, mãe e educadora, e com a entrada da mulher, especificamente a da classe média, no mercado de trabalho – uma vez que a mulher das classes populares quase sempre trabalhou para garantir a sua sobrevivência e a sobrevivência da família -, a identidade feminina teve que ser alterada, não sem grandes dificuldades, para incluir este novo papel: o de trabalhadora e pessoa com uma carreira profissional (ROCHA-COUTINHO, 2004, p. 4).

Sendo assim, as mulheres, antes limitadas ao espaço doméstico, passam a ocupar o espaço público, começam a sustentar seu próprio trabalho, é figura cada vez mais presente nos ambientes profissionais, mesmo que ainda assim, esses lugares comportem uma quantidade de homens em número superior ao de mulheres.

Tendo em vista a recente ascensão da mulher ao mercado de trabalho, por mais postos de atuação profissional que ocupem, nota-se uma prevalência da presença masculina

no mercado de trabalho. Pode ser que esteja relacionado ao fato de secularmente a mulher ter sido obrigada a arcar com a responsabilidade da casa e dos filhos muito mais do que o companheiro, limitando sua atuação à esfera doméstica.

Entretanto, a modernidade do século XX possibilitou mudanças nos comportamentos femininos, garantindo espaço para que mulheres pudessem escolher por seguir a vida sem companheiro ou filhos. Nesse caso, para as mulheres que se lançam às carreiras profissionais, sem intenção de construir família, as pressões sociais serão voltadas para a necessidade dela adquirir essa estrutura familiar para, assim, ser considerada bem sucedida.

Caso contrário, mesmo sendo uma excelente profissional, se não for capaz de estabelecer e manter uma família com filhos e/ou marido sua condição de mulher, dentro dos padrões normativos, normalmente será questionada. E isso tem seu preço, sob diversas formas de estereótipos.

Estudos como os que foram realizados por Crosby (1982, 1984) e Tsui e Gutek (1984), por exemplo, mostram que, mesmo em países onde a discriminação contra a mulher, quando comprovada, pode ser severamente punida, como é o caso dos Estados Unidos, o salário médio das mulheres ainda é inferior ao salário de homens que exercem a mesma função e o número de mulheres ocupando posições de maior poder e prestígio nas empresas é também inferior ao número de homens, mesmo quando as mulheres aparentemente recebem mais promoções do que os homens, o que aponta, inclusive, para o fato de que o efeito real das promoções para as mulheres pode, em muitos casos, ser relativamente pequeno<sup>33</sup> (ROCHA-COUTINHO, 2004, p. 4).

Dez anos depois da pesquisa de Crosby & Tsui e Gutek, o cenário da década de noventa não estava muito diferente. Isto pode ser comprovado no artigo de Araújo & Ribeiro, onde afirmam que a diferença salarial entre homens e mulheres sempre é superior para os homens.

A partir dos dados do PNAD, fez-se uma análise descritiva e comparativa da diferença de salários entre homens e mulheres no Brasil, através de algumas variáveis consideradas importantes para o mercado de trabalho. Analisamos a média salarial por distribuição etária, por escolaridade, por região, por grupo ocupacional, comparando as médias salariais por gênero. Comprovamos que o salário masculino é sempre superior ao feminino. Constatamos que os maiores diferenciais salariais entre homens e mulheres ocorrem na região Sul e Sudeste e que os menores diferenciais salariais ocorrem na região Norte e Nordeste (ARAÚJO & RIBEIRO, 2001, p. 16 e 17).

---

<sup>33</sup> Ver: Crosby, F. J. (1982). *Relative deprivation and working women*. New York: Oxford University Press; Crosby, F. J. (1984). *The denial of personal discrimination*. *American Behavioral Scientist*, 27 (3), 371-386 & Tsui, A. S. e Gutek, B. A. (1984). *A role set analysis of gender differences in performance, affective relationships, and career success of industrial middle managers*. *Academy of Management Journal*, 27, 619-635.

Mesmo com o advento do aumento de número de mulheres em diversas profissões consideradas antes masculinas, é possível perceber, ainda atualmente, a diferença salarial entre profissionais masculinos e femininos, algo pautado, possivelmente, pela condição historicamente construída de ser mulher.

Assim como a conquista no espaço de trabalho é algo considerado como sucesso na vida de mulheres, a maternidade segue como conquista quase obrigatória na esfera social e particular. Exemplo disso é a imposição da maternidade como algo intransferível, cujo sucesso só pode ser garantido pela mãe que geriu e pariu o filho, sobrecarregando responsabilidades às mulheres que não são deveriam ser atribuídas como apenas femininas.

Isto é, é bem possível que as mulheres atuais, assim como suas mães e avós, ainda relutem em abandonar o controle e poder que sempre tiveram, mantendo e reforçando a ideia de que a mãe é insubstituível no cuidado de seus filhos porque só ela, que os gerou e pariu, sabe como desempenhar bem esta tarefa. (ROCHA-COUTINHO, 2004, p. 5).

Portanto, para a mulher, alcançar destaque nas muitas esferas sociais, para além dos encargos já atribuídos historicamente, ela precisou incorporar sua conduta profissional a uma jornada já bastante exigente. Deste modo, ela garante a identidade feminina imposta secularmente, mesmo em condições sobre humanas, tanto no que tange ao aspecto financeiro, moral, emocional, afetivo e social.

De acordo com Ferreira (2000), houve uma mudança significativa nas características imputadas ao estereótipo feminino

no sentido das características tradicionalmente masculinas estarem sendo incorporadas ao estereótipo feminino, e das características tradicionalmente femininas estarem diminuindo a sua importância na configuração desse estereótipo” (FERREIRA, 2000. p. 136).

Ainda assim,

como consequência da incorporação deste discurso, para muitas mulheres brasileiras a família permanece uma prioridade, mesmo que para isso elas tenham que sacrificar possíveis satisfações em termos de crescimento profissional. Desta forma, frequentemente sem se dar conta, a mulher continua a contribuir para a preservação do esquema machista que prevaleceu na sociedade tradicional e contra o qual ela própria, ainda que amiúde apenas no nível do discurso, se rebelou. Assim, é possível que a mulher atual continue a ser levada a se dividir e multiplicar, carregando, como suas mães, uma imensa culpa por não estar se desempenhando como gostaria nas duas esferas, culpa esta difícil de ser resolvida. (ROCHA-COUTINHO, 2004, p. 5).

Contudo, não significa que as transformações ocorridas pelos sujeitos sociais tratados aqui tenham sido edificadas ao discurso social. Sendo um constructo histórico, como dito anteriormente, visões distintas são percebidas em diferentes períodos, em diferentes

discursos sociais, principalmente quando se fala de uma sociedade tão complexa como essa ocidental moderna, na qual vivemos.

No caso do Brasil, um país colonizado por religiosos católicos, as imposições patriarcais às mulheres atravessaram séculos, impondo um perfil moralizante crônico feminino. No período colonial brasileiro, mulheres consideradas decentes eram aquelas voltadas às atividades religiosas, domésticas, com comportamento recatado e obediente ao pai, depois ao marido. Usar esse argumento nesta dissertação pode parecer exagero, já que estamos num século bem diferente daquele do período colonial, portanto, padrões de comportamento certamente foram modificados para o século que vivemos agora.

Entretanto, muito recentemente, uma das revistas de maior circulação nacional veiculou uma matéria a respeito daquilo que estou discutindo desde o início do capítulo: padrão feminino de comportamento. Trata-se da reportagem intitulada “Bela, Recatada e do lar”, que gerou enorme repercussão, a partir da divulgação na revista *Veja*.

A reportagem, datada em 21 de Abril de 2016<sup>34</sup>, referiu-se a esposa do atual presidente Michel Temer - em uma edição especial da revista que tratava do Impeachment da presidenta Dilma Rousseff. No período em que o senado federal discutia o impedimento, ou impeachment, da presidenta Dilma Rousseff (aprovado em fins de agosto de 2016), no mês de abril, a revista *Veja* deu destaque para Marcela Temer (casada com o então presidente atual) como um perfil de mulher a ser seguido e admirado.

Na abordagem da revista, as características de boa mãe, de boa esposa, de boa dona de casa, de mulher discreta, reservada, ficam evidentes como um perfil exemplar de mulher. Diante disso, é no mínimo curioso que estes traços parecem contrapor as características da presidente Dilma: com idade diferente da esposa do então presidente, com trajetória de vida pautada em militâncias sérias e traumáticas durante a juventude, mãe de uma filha, solteira, atuante política conhecida por sua seriedade e firmeza.

A repercussão do assunto nas mídias sociais fez parecer que o perfil da esposa ideal, na figura de Marcela, propagado desde o Brasil colonial, seria o mais aceitável socialmente, padrão esse difundido também nas revistas femininas nos anos 90, bem como pela televisão.

Padrões de beleza e de comportamentos femininos são construídos historicamente, representando o contexto social da época a que se refere. Através dos diários de Lucy é

---

<sup>34</sup> Sobre a reportagem, acessar o link: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>.

possível perceber e exemplificar a construção histórica do período através dos objetos e pessoas as quais se refere nas páginas de sua escrita.

A partir disso, é possível traçar o perfil de mulher que a década de 90 apresentou; sendo assim, é importante começar a abordagem no que diz respeito ao ideal de beleza especificado pela autora, tratado como caminho para o sucesso pessoal e, conseqüentemente, porta de entrada da realização de vida a partir do casamento.

As formas de comunicação de Lucy, os gestos e articulações se veem nas carinhas de expressões que ela desenha, nos recortes de desenhos e imagens tradutores de suas emoções. A narração de Lucy transmite aspectos da tradição oral por conta da informalidade de suas anotações, assim como, da subjetividade, portanto,

A história oral se apresenta como umas das melhores formas de fazer com que as pessoas falem sobre suas vidas porque permite que o pesquisador explore tanto fatos e atividades como também a experiência emocional de seus sujeitos a esse respeito. (ROCHA-COUTINHO, 2004 p. 6).

Lucy não faz uma história oral, ela documenta cursivamente seus argumentos e emoções. Contudo, a forma de falar de si, os sentimentos expressos na escrita parecem ser expostos tal qual ocorre na narrativa oral, portanto, como se trata de um diário o “falar” da identidade narrativa possibilita a construção de um eu não idêntico a si mesmo, mas que se desdobra em outros eus.

Neste sentido, na imersão da memória, no processar da recordação aciona-se o coletivo, com isso, a experiência comunitária é expressa tanto no contato presencial com outras pessoas, como também, na absorção de comportamentos conferidos socialmente, de acordo com Carla Damião (2006), declarados por meio da sensibilidade.

Maria Tereza Cunha (2001, p. 259) atenta que numa segunda leitura dos diários devemos perceber como os “atos de memória” e “redutos de expressões de sensibilidades que, mesmo em seus traços descontínuos, são modos de fazer e compreender a vida do dia a dia”.

Também devemos estar atentos para as formas de registro dos acontecimentos. Nos diários de Lucy as formas são variadas, sendo textuais e fragmentadas em desenhos, códigos pessoais e colagens. É preciso problematizar o registro, percebendo até que medida as experiências individuais são experiências compartilhadas por um coletivo (Cunha, 2009. p. 260), não podendo o historiador pensar que “cada problema histórico corresponde a um tipo único de documentos, específico para tal emprego” (BLOCH, 2001, p. 80), é necessário o diálogo constante com outras fontes, no caso, secundárias, como revistas, jornais.

Cunha (2009, p. 260), fazendo alusão a Bourdieu, ainda alerta que devemos evitar a ilusão biográfica, ou seja, as idealizações. Vale ressaltar, que um objeto é passível de diversas interpretações de acordo com o contexto social no qual se insere. No caso dos diários de Lucy, a análise se faz por meio das lembranças imbricadas a um “sentimento de realidade” ligado a um tempo e espaço dependentes dos acontecimentos físicos e sociais que estão relacionados à família, aos grupos sociais, à comunidade sendo reconhecidos por homens de sociedade, como nos diz Marina Maluf (MALUF, 1995). Sendo assim, o passado é evocado pelo presente porque ele se reconstitui pelas lembranças do presente, neste sentido a dimensão social da qual o indivíduo faz parte atua na construção da memória e dos acontecimentos da vida desse sujeito histórico.

Além disso, o sentimento de pertencimento social é construído a partir da absorção de comportamento impostos pelo grupo que se quer reconhecimento. Para Lucy, a questão da beleza, em alguns momentos, é tratada sob um aspecto negativo, uma vez que suas características físicas não condiziam com o padrão de beleza ditados pela década na qual estava inserida.

Sendo assim, demonstra essa pressão social, que se vê na frustração de não conseguir um namorado por conta de seus traços físicos que achava insuficientes para seduzir o amor “verdadeiro”. Como se vê nesta declaração: “Decidi fazer regime. Estou ficando gorda e feia, ‘Fofolete do demo’” (DIÁRIO DE LUCY, 1996, p.141). “Fofolete” era uma boneca produzida pela indústria de brinquedos “Estrela”, veja na imagem abaixo. Foi lançada na década de 1970, pela indústria “Trol”, posteriormente relançada pela “Estrela”, tornando-se grande sucesso de vendas no Brasil.



Figura 45: Boneca Fofote. Indústria Estrela  
 Fonte: <http://www.propagandashistoricas.com.br/2013/10/objetos-do-bau-bonecafofolete.html>. Acesso em: 12/10/2016.

“Pequenina, superfofinha... uma gracinha!”, dizia a propaganda na caixa da boneca. Talvez Lucy tenha se comparado à boneca, mas de maneira pejorativa e negativa ao se sentir “fofolete do demo”. Em algumas páginas dos diários, fica clara a insatisfação da autora com seu corpo. Mesmo sendo magra, como comprova o documento abaixo, achava que precisava estar mais dentro dos padrões de beleza ditados pelas revistas que lia.

Lucy, como toda adolescente, preocupava-se com sua aparência. É comum encontrar nas páginas dos diários informações sobre sua saúde, seu bem estar físico e, sobretudo, o bem estar emocional. A imagem abaixo está grampeada no diário de 1994, período no qual contava a idade de 15 anos.

Diz respeito ao seu peso, é um “certificado de peso” datado no dia 06/01/1994. Não é possível saber onde foi feito nem a razão do exame. Por conta da qualidade da tinta, sua leitura é difícil, mas, sumariamente, mede o peso considerado ideal “baseado em tabela do I. B. G. E”, indicado no final do documento.

O diagnóstico concluiu que Lucy estava 4% abaixo do peso considerado padrão médio e sugeria uma alimentação mais equilibrada. Em comparação ao mesmo exame feito por sua prima, e guardado junto com o dela, tudo indica que as mulheres da família de Lucy eram magras, pois no exame da prima está concluído que ela também estava abaixo do padrão médio do I.B.G.E. e seus pesos eram mais ou menos equivalentes. Certamente Lucy se incomodava com seu tamanho e aparência, já que em várias páginas do diário deixa isso claro.

Jardino

CERTIFICADO DE PESO

NOME: I

DATA: 06/01/94 HORA: 12:21:18

SEU TRAJE:  
TOPSIDER, VESTIDO,

SEU PESO COM TRAJE (Bruto).....	44,500 kg
PESO DO SEU TRAJE .....	0,920 kg
SEU PESO SEM TRAJE (Liquido) .....	43,580 kg
SEU PESO IDEAL (Técnico).....	45,600 kg
SUA DIFERENÇA: PARA MENOS .....	2,020 kg

DIAGNOSTICO:  
Sua diferença de peso está 4% abaixo do padrão médio.  
Você está pesando um pouco abaixo do ideal.  
Procure adotar uma alimentação mais equilibrada.

ATLETAS NÃO DEVEM CONSIDERAR O EXCESSO DE PESO

GUARDE ESTE CERTIFICADO PARA CONTROLE DE SEU PESO QUE SERÁ ÚTIL PARA SEU MÉDICO E PARA FUTURAS COMPARAÇÕES.

Figura 46: Diário de Lucy, 1992, p. 74  
Fonte: acervo Márcio Couto Henrique.

Vê-se que Lucy estava bem descontente consigo, talvez, querendo algum apoio como mostra a imagem de duas mulheres se dando as mãos, no canto direito da página na imagem que segue. Ao se considerar “100% feia; 200% horrível; 300% horrorosa; 400% repugnante; 500% terrível; 1000% abestada” (Lucy, 1992), adjetivos que em crescente proporção significavam sua insatisfação tanto com seu corpo quanto seu comportamento.

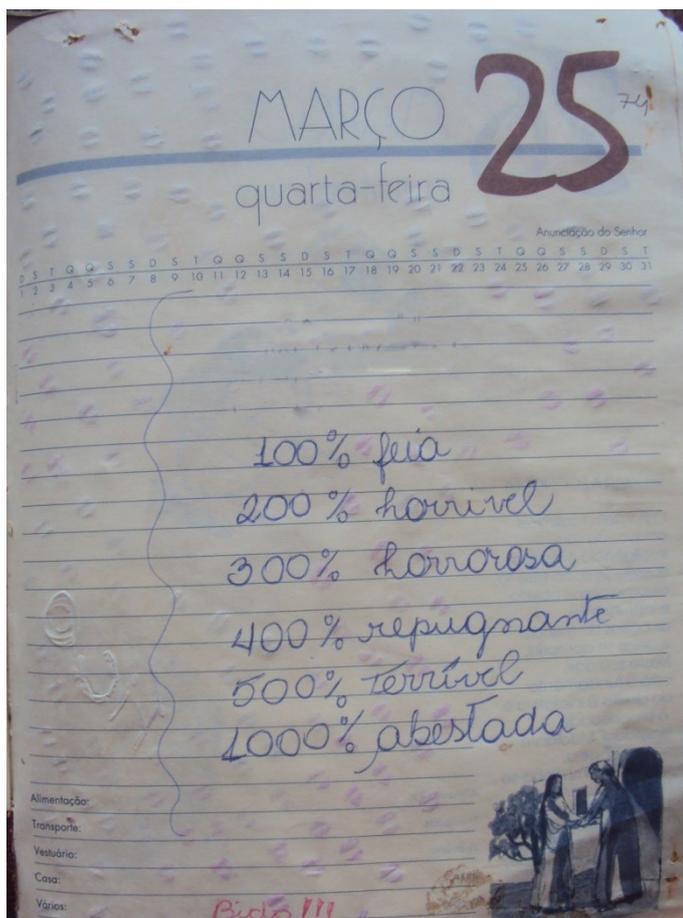


Figura 47: Diário de Lucy, 1992, p. 74  
 Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

É possível que esta insatisfação de Lucy esteja demarcada pelo padrão de beleza vigente na década de 90, que para Lucy estava resguardado na figura midiática da personagem Xuxa, uma vez que suas páginas do diário de 92 e 93 possuem muitas colagens da apresentadora de programa infantil da rede de televisão Globo. A imagem de Xuxa aparece nos diários mais de dez vezes, garantindo assim a admiração da autora pela apresentadora, como é possível ver na parte superior da imagem abaixo escrito: “minha musa”.



Figura 48: Diário de Lucy, 1992, p. 26.  
 Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.



Figura 49: Diário de Lucy, 1992, p. 100.  
 Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

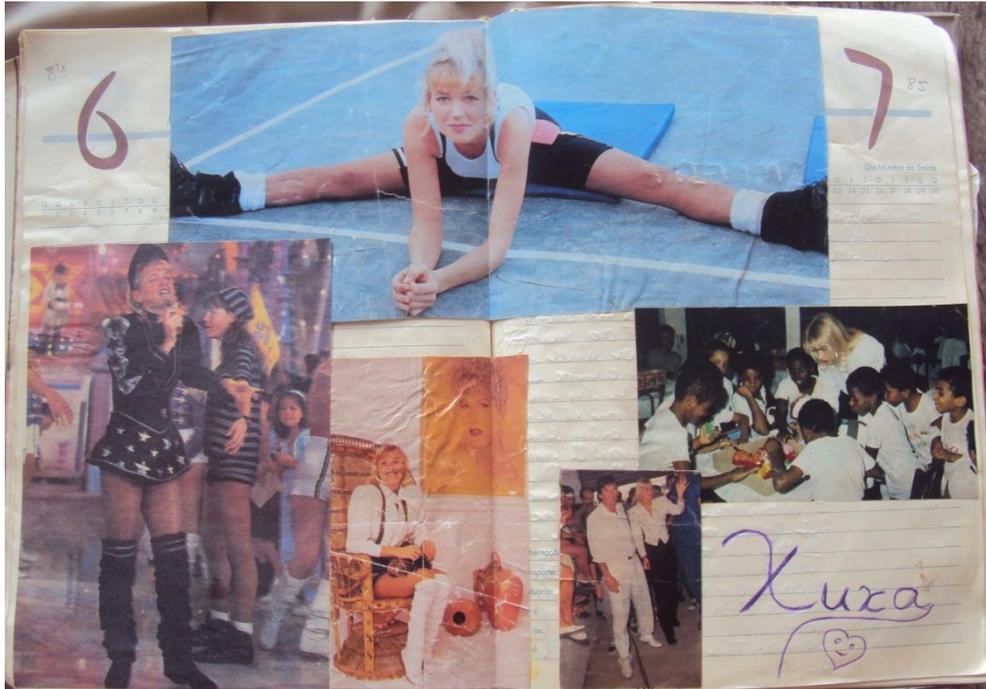


Figura 50: Diário de Lucy, 1992, p. 84-85.  
 Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

Xuxa é branca, é alta, possui olhos azuis, é loira e magra. Virou símbolo de beleza nos anos 80 e 90, assim como outras modelos, com estereótipo físico parecido com o de Xuxa, também se tornaram símbolos de beleza. Era “musa” para Lucy, “linda”, assim como para a grande maioria das meninas da época. Quem nessa idade não quis ser Paqueta?, por exemplo.

As paquitas eram assistentes de palco da apresentadora, assim como ela, loiras, brancas, magras, altas. Ser paqueta era o desejo de boa parte das meninas, que sonhavam em participar dos concursos para tornar-se assistente de palco de Xuxa, gerando verdadeira comoção nacional com a escolha de cada uma através de concurso televisionado. Xuxa era a própria personificação da beleza criada pela mídia. Foi capa de revistas femininas por anos consecutivos, sempre como figura bela, espontânea e envolvida com causas sociais.

Mulheres que fotografavam para capa de revistas, modelos de passarelas e televisão influenciavam diretamente aquelas da vida real, de acordo com Angelina Nascimento (2007). O mal-estar contemporâneo em busca de um corpo magro imposto por veículos de comunicação faz com que mulheres fora do padrão estabelecido sintam-se menos atraentes ou bem sucedidas, gerando o que a autora chama de “lipofobia”, ou o pavor excessivo em engordar.

Ocasionalmente, portanto, uma histeria coletiva para se ter a barriga da atriz “X”, o nariz da modelo “Y”, os seios da apresentadora “Z”, levando os centros de cirurgia estética a desenvolverem as mais criativas formas de intervenção cirúrgica em quem estiver disposta a pagar o valor imposto. Muito caro, por sinal.

(...) Durante as primeiras décadas do século XX, os encantos da mulher estiveram limitados às prescrições médicas e às regras da moral católica presentes nos manuais e nas revistas femininas. Segundo esta moral, “*a mulher de mais má pinta é a que mais a cara pinta*”. Assim, a brasileira deveria, segundo os padrões da época, se contentar com o uso de jóias, chapéus e luvas. Fora deste uso e para além das prescrições médicas, que incluem a higiene do corpo e a cultura física, o embelezamento corre o risco de denotar uma moral duvidosa. (NASCIMENTO, 2007, p. 136).

Além de precisarem ser bonitas a qualquer custo, era também necessário ter boa conduta moral também, para os primeiros anos do século XX. Contudo essa ideia se estende para a década final do mesmo século, mesmo com a emancipação das mulheres em âmbito profissional, moralmente ainda prevalecia antigos comportamentos. Especialmente se a mulher desejasse casar.

Para elas, a habilidade de valorizar seu próprio pensamento e sua experiência é, muitas vezes, bloqueada por dúvidas e hesitações quando sua experiência pessoal não está de acordo com os mitos e valores que dizem respeito a como uma mulher “deve” se comportar e sentir. Uma análise mais atenta da linguagem e dos significados de palavras importantes por elas utilizadas para descrever suas experiências nos permite melhor compreender como as mulheres estão se adaptando à cultura na qual estão inseridas (ROCHA- COUTINHO, 2004, p. 6).

Manuais de comportamentos eram extremamente comuns nas revistas, na década de 90, e ainda são, ensinando às mulheres como precisavam se comportar para agradar ou conquistar seu homem. Como se vê na imagem abaixo, retirada do diário 92 de Lucy. Trata-se de uma secção da revista *Cláudia*, de outubro de 1990, intitulada “Vida a dois”.

Curioso que na capa vê-se a chamada para uma matéria que trata sobre o feminismo e como ele foi revolucionário na vida das mulheres, contudo, e o conteúdo de dentro da revista apresenta um espaço destinado a saber como agradar os homens, informando a leitora sobre aquilo que os homens gostam e odeiam no comportamento feminino.



Figura 51: Capa da revista Claudia, nº 349, outubro de 1990. Editora Abril.

Fonte: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-797326498-revista-claudia-n-349-out-de-1990-ed-abril-an-JM>. Acesso em: 17/10/2016.



Figura 52: Secção “Vida a dois”. Revista Cláudia, outubro de 1990.

Fonte: Diário de Lucy, 1993, p. 85 .

A capa da revista mostra uma mulher representante do padrão de beleza da época: branca e loira, além de dicas de beleza e comportamento, bem comum nas revistas da época.

A secção que informa sobre aquilo que homens gostam ou não nas mulheres, possui um desenho de uma figura masculina, com braços cruzados e uma expressão negativa no rosto, denotando raiva. Enquanto está cercado por outros desenhos de figuras femininas em atividades diversas e voltadas para ele. Isso sugere um comportamento de subserviência feminina em relação ao homem, o que é confirmado nas páginas seguintes da secção, a ver.



Foto 53: Secção “Vida a dois”, revista Cláudia, outubro 1990.  
Fonte: Diário de Lucy, 1993, p. 85

Além disso, propagandas de produtos para casa colocavam as mulheres nos papéis que a sociedade pensava para elas, propagandas que desde o surgimento da industrialização e abertura econômica, no caso do Brasil, permitiam às mulheres o desejo do sonho da vida doméstica.

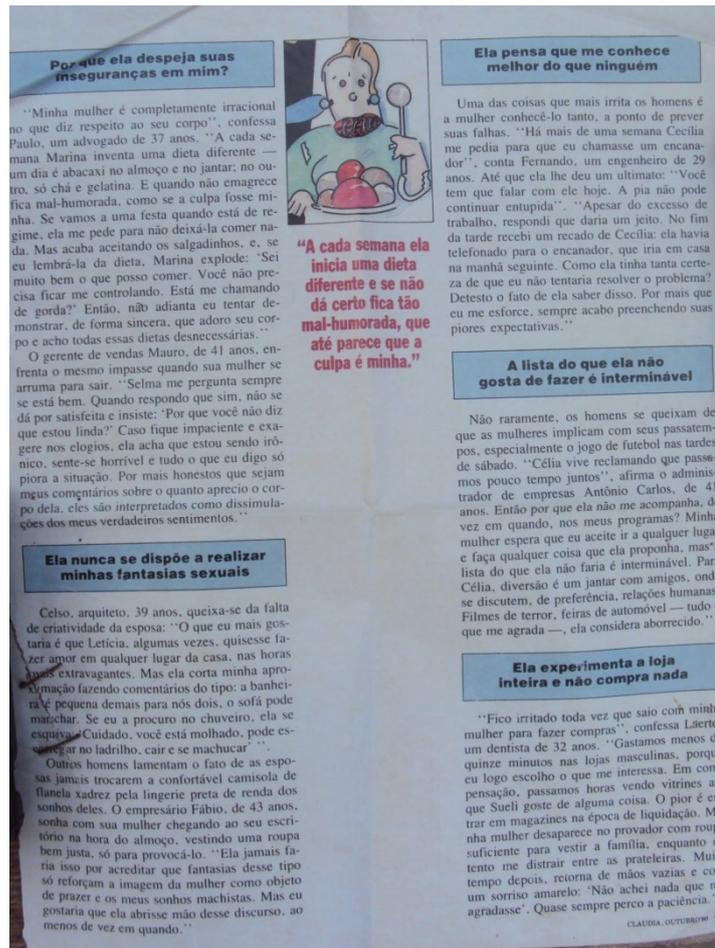


Foto 54: Seção “Vida a dois”, revista *Cláudia*, outubro 1990.

Fonte: Diário de Lucy, 1993, p. 85.

Na página 43, da revista *Cláudia*, o destaque em vermelho acentua: “A cada semana ela inicia uma dieta diferente e se não dá certo fica tão mal-humorada, que até parece que a culpa é minha”, essa fala seria do advogado Paulo, de 37 anos, reclamando sobre sua companheira. Cada coluna da página conta a história de um casal, na qual o homem reclama sobre o comportamento da mulher com quem se relaciona.

Sendo assim, o título de cada história já resume numa frase o problema do casal. São frases como: “Porque ela despeja sua insegurança em mim?”; “Ela nunca se dispõe a realizar minhas fantasias sexuais”; “Ela pensa que me conhece melhor do que ninguém”; “A lista do que ela não gosta de fazer é interminável”; “Ela experimenta a loja inteira e não compra nada”. Isso nos fala sobre a imposição à mulher de responsabilidades para além daquelas já rotineiras, induzindo a leitora a se comportar da forma como o homem espera que ela faça.

Portanto, não são poucas as reportagens, os artigos, as matérias que tratam os desejos masculinos como prioridade em detrimento ao das mulheres; tanto é assim, que Lucy

destacou essas folhas da revista grampeando na sua agenda de 1992, quando ela possuía apenas 13 anos de idade.

É interessante perceber como o padrão estabelecido socialmente à mulher de uma vida bem-sucedida realizada a partir do casamento. Como percebi, ainda na agenda de 1992, uma lista feita por ela sobre bodas de casamento, a seguir.

ANIVERSÁRIOS DE CASAMENTO	
1º ano: Bodas de Algodão	15º ano: Bodas de Cristal
2º ano: " " papel	20º ano: " " Bata
3º ano: " " couro	25º ano: " " Prata
4º ano: " " Flores	30º ano: " " Pérola
5º ano: " " Madeira	35º ano: " " Coral
6º ano: " " Açúcar	40º ano: " " Rubi
7º ano: " " Lã	45º ano: " " Safira
8º ano: " " Bronze	50º ano: " " Ouro
9º ano: " " Vinho	55º ano: " " Esmeralda
10º ano: " " Estanho	60º ano: " " Brillante
11º ano: " " Aço	75º ano: " " Diamante
12º ano: " " Lã	
13º ano: " " Pérola	
14º ano: " " Marfim	

Figura 55: Diário de Lucy, 1992, p. 29.  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

Lucy demonstra nos diários uma vontade de casamento, já na adolescência. Boa parte de seus diários referem-se a um amor ideal, no qual encontrará um amigo que possa compreendê-la. Seu ideal de homem também é pautado pelas revistas e televisão. Como veremos nas imagens a seguir.

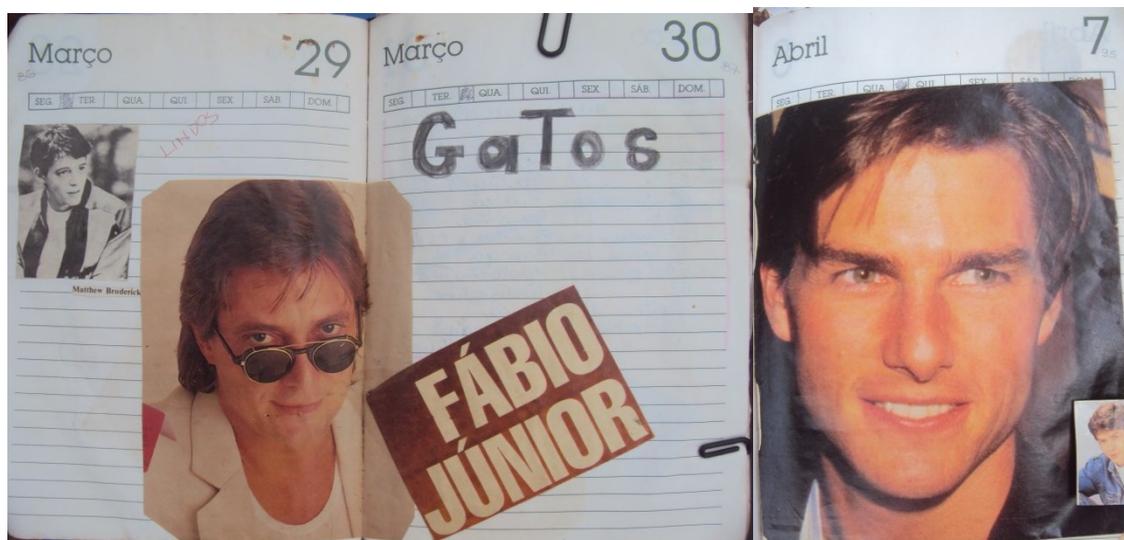


Figura 56: Diário de Lucy, 1993, p 86-87; p. 94  
Fonte: Acervo Márcio Couto Henrique.

O cantor Fábio Júnior e os atores Tom Cruise e Fábio Assunção, ao canto da página, eram os ideais de homens bonitos da década de 90. Isto demonstra que de fato a realização amorosa estava pautada pela imposição da mídia quanto àquilo que a mulher precisava desejar para si.

Padrão que mesmo que em suas mentes pudessem repelir, ao mesmo tempo, almejavam alcançar como a idealização do que mulheres devem pensar e sentir, argumento que por sua vez é reforçado pela cultura dominante.

Significado que as mulheres atribuem a seu próprio comportamento não redutível ao comportamento em si ou à ideologia dominante é derivado da consciência das mulheres que é influenciada pelas ideias e valores dos homens, mas está, ainda assim, situada de maneira única na concreta posição reflexiva das mulheres na estrutura patriarcal (ROCHA-COUTINHO, 2004, p. 7).

O real do corpo seria a questão do corpo feminino atravessado entre ele mesmo e o outro. O corpo feminino é um instrumento para a entrada no universo feminino, descrevê-lo é tarefa difícil, e na falta de algo que dê significado, o feminino parece inesgotável.

Obviamente, a compreensão psicanalítica da mulher vai além do que concerne às vicissitudes das pulsões e à sexualidade feminina. A escuta do discurso das históricas, marcado pelo contexto da sua época, possibilitou a Freud elaborar reflexões importantes sobre as consequências da feminilidade para a cultura. Apresentava-se uma figura feminina subjugada em diversos âmbitos: o sociocultural, em que ela era impedida de exercer suas possibilidades intelectuais e criativas, ficando excluída do mundo produtivo e sem poder exercer nenhuma atividade fora do lar; e o âmbito sexual, em que ficava subjugada à figura masculina, sendo impedida de representar esse desejo, visto como um dano psíquico. Não havia espaço para prazer ou gozo, pois sua função social não era compatível com um ser desejante e de gozo (Soler, 2005). A histórica denunciava no corpo uma civilização demasiadamente fállica, que se opunha ao querer feminino (BATISTA, 2013, p. 53)

A modernidade trouxe novos comportamentos, a medida em que as décadas passavam. Mulheres tornaram-se cada vez mais independentes nos aspectos sociais. Falar de si em alto e bom som, e não mais cochichando como era dever da mulher, projetou os desejos femininos a uma esfera não mais privada. Portanto, falar de desejos, de vontades sexuais fica, com o tempo, cada vez mais possível. Segundo Soler (2005, p. 124), “(...) a instituição familiar, os semblantes e os discursos referentes ao gozo sexual já não são o que eram há algumas décadas”.

Nos diários de Lucy, sentimentos mais íntimos, da ordem da sexualidade, declarados nos diários, eram feitos por meio de códigos, cuja tradução fica a cargo da autora dos diários. O modelo de feminilidade dos anos 90 é marcado pela valorização exacerbada do corpo como objeto de gozo, ou seja, a “mulher sensual, erótica, bela e sujeita a uma imagem de seu corpo, tentando a qualquer custo manter o ideal de beleza e juventude, para responder

ao imperativo de gozo da sociedade de consumo, que é “goze a todo custo” (BATISTA, 2013, p. 54), isto podia ser visto nas capas de revistas, na televisão ou qualquer outro meio de comunicação que associava a imagem feminina ao consumo.

O excesso de consumo da sociedade contemporânea impõe à mulher um corpo ideal, escravizada no gozo do corpo perfeito. Isto porque, nessa mesma sociedade o modelo ideal de mulher marca uma supervalorização do corpo, na figura da mulher sensual, erótica, bela. Ao mesmo tempo que critica esse modelo de feminilidade aceito apenas no ambiente da erotização, pois no lugar da figura de esposa, mãe e dona de casa perfeitas esse modelo de mulher sensual não serve. Contraditório, não?

A imagem do corpo, ao ocultar e indicar, ao mesmo tempo, a condição feminina, mostra-nos quão multifacetada pode ser a feminilidade. A mulher, que, historicamente, teve a palavra tão impedida, passa a se servir do *real do corpo* no lugar da sua palavra, porque no corpo dessa mulher contemporânea, que segue os padrões determinados, se inscreve algo que denuncia a lógica do capitalismo contemporâneo, que é tamponar a falta. (BATISTA, 2013, p. 54).

A busca pelo corpo perfeito seria para reduzir o mal-estar imposto historicamente. Por isso a busca por procedimento estéticos aumentam a cada ano. A urgência feminina de beleza estética desdobra no corpo simbólico, mas não é suficiente para suprir as experiências dos sentidos, pois a dependência do olhar do outro incitando desejo é insaciável. A mídia é a grande responsável por essa necessidade de reconstrução continua a construção da performance identitária.

Nesse sentido, para Batista, a veiculação em revistas femininas, em televisão, em redes sociais de corpos femininos ideais a um padrão estabelecido desde há muito tempo, mas que vem passo a passo sendo desconstruído, já que a mídia contribui para a construção de um corpo feminino, de um ser feminino condicionado aos instrumentos da mídia. A ação do sujeito histórico ocorre dentro de um contexto social que o influencia em suas práticas cotidianas, permitindo que ele deixe os rastros de seus testemunhos.

De acordo com Carlo Ginzburg (2007), há um destaque à realidade histórica do ponto de vista do testemunho no que diz respeito às inclinações morais ou julgamentos de valor do sujeito histórico. Nesse viés, o indivíduo de acordo com sua origem molda a realidade à sua maneira, a partir do tempo que vive.

No curso da modernidade, a figura feminina na sociedade foi se transformando, ganhando mais espaço. Desconstruiu padrões estabelecidos há séculos, e com o passar dos tempos, a mulher fortalece, legitima e estabelece uma nova conduta de si, cada vez mais independente marcando seu testemunho como sujeito da história.

As grandes transformações do comportamento feminino mudaram também hábitos sociais; nesse sentido, a imprensa, que foi tão responsável por difundir e padronizar comportamentos às mulheres precisou se adequar a cada novo comportamento feminino. Portanto, se as mulheres estão em constante transformação no percurso histórico, é natural que a sociedade na qual está inserida também precise se adequar.

Nesse viés, é possível dizer que após os *Annales*, uma nova concepção de tempo histórico foi construída. O ritmo da história mudou, parece diferente, dinâmico, responsabilizando o historiador a identificá-los. Portanto, uma análise mais profunda, na qual o foco seria a mudança vagarosa da realidade, no que tange a cultura, mentalidade, espaço geográfico, as estruturas, permitiria uma análise do tempo histórico pautada no conceito de Braudel, as longas durações.

Consequentemente, a crítica à noção de fato histórico proporcionou a percepção de negligências quanto a outras realidades que a história marginalizava, entre elas a história das representações. Logo, as produções não ligadas aos textos, especificamente, foram visibilizadas, como as palavras, os gestos, as imagens, o imaginário, a mentalidade, a sensibilidade. A partir disso, toda fonte literária e artística é considerada como documento histórico analisável, de acordo com Le Goff (1990).

Para Ginzburg (2007, p. 111), “o acúmulo de conhecimento sempre ocorre por linhas quebradas em vez de contínuas; por meio de falsas largadas, correções, esquecimentos, redescobertas; graças a filtros e esquemas que ofuscam e fazem ver ao mesmo tempo”.

## CONCLUSÃO

Contar e Narrar, servindo-se dos rastros do passado para escrever histórias verdadeiras continua a ser um dos principais ofícios do Historiador. As relações entre as narrações históricas e as ficcionais, ora se aproximando, ora se distanciando, é uma questão que constitui, ao longo do tempo, uma disputa pela representação da realidade. Nesse sentido, o historiador deve considerar a ficção como um elemento a serviço da verdade; portanto, não pode haver descarte da tese que destaca a possibilidade de as narrativas históricas apresentarem indícios quanto as intenções e a realidade em volta daquele que a construiu.

Assim, como fonte, perceberíamos o caráter profundo mantido, até mesmo nos documentos não autênticos, acerca da mentalidade de quem os escreveu (GINZBURG, 2007. p.10). Para o autor, há uma realidade exterior à própria evidência, e ela precisa ser considerada pelo Historiador, por isso, se faz necessário examinar os testemunhos de forma que haja como sabermos aquilo que não intencionavam expor. Isso, considerando que nas evidências existem elementos incontroláveis, contra as intenções de quem os produziu.

Diante das relações entre ficção e realidade, se estabeleceria um espaço representado pelo falso, o não autêntico – o fictício que se faz passar por verdadeiro (GINZBURG, 2007. p.13). Nas evidências, podemos detectar testemunhos involuntários acerca de usos e costumes, especialmente, nos textos literários, que comumente estão repletos de ações históricas.

Então, contra a tendência do ceticismo pós-moderno de eliminar os limites entre narrações ficcionais e narrações históricas, em nome do elemento construtivo, que é comum a ambas, o autor propõe considerar a relação entre umas e outras como uma contenda pela representação da realidade. Mas, em vez de uma guerra de trincheira, pode-se levantar a hipótese de um conflito feito de desafios, empréstimos recíprocos e hibridismos.

Cabe, até mesmo, analisar o tempo dos verbos servindo-se, ora de livros de literatura, ora de livros de história, explorando as implicações das analogias. A história, para este fim, trata de uma análise de fontes que possa promover uma investigação em busca de elementos conclusivos, ou indícios, que sustentam a autenticidade da fonte. Há riscos em se promover uma investigação a partir de uma única fonte, de acordo com Ginzburg (2007, p. 16). Sendo assim, fazer a pesquisa histórica expandindo o uso de fontes, como por exemplo na literatura e na arquitetura, há como identificar costumes e tradições, já que, os mesmos corroboram e refletem na construção literária e arquitetônica.

Logo, a ficção, em outro plano, pode ser imagem verdadeira de usos e costumes. Um escritor que inventa uma história, uma narração imaginária, que tem como protagonista seres humanos, deve representar personagens baseados nos usos e costumes da época em que viveram (ver GINZBURG, 2007. p. 82). Nesse sentido, metodologicamente, pode-se extrair elementos de informação histórica de textos ficcionais, uma vez que, a história é uma arte que pode muito bem ter como objeto coisas falsas e inexistentes, ou seja, mitos e ficção, já que, uma das tarefas da história é a exposição daquilo que é falso ( ver GINZBURG, 2007. p. 90)

Em vista disso, deve haver uma busca pelo reconhecimento de uma dimensão ritual, se não pura e simplesmente religiosa, dos elementos (aparentemente, sem importância) manejados e produzidos pelo homem. Não sendo a exceção, mas a regra, o acúmulo de conhecimento sempre ocorre por linhas quebradas em vez de contínuas, por meio de falsas largadas, correções, esquecimentos, redescobertas, tudo graças a filtros e esquemas que ofuscam e fazem ver ao mesmo tempo (ver GINZBURG, 2007. p.111).

Sendo assim, a narrativa permite reunir e organizar dados sobre usos e costumes, levando em conta que a literatura está entranhada de elementos históricos, documentos inventados podem servir para sustentar a autenticidade das evidências. Destarte, a ficção, alimentada pela história, torna-se matéria de reflexão histórica ou ficcional.

Por isso, é importante atentar que, entre as obras literárias, há fragmentos de realidade e ficção, que exigem do historiador o empenho em distingui-las em meio ao emaranhado que envolve as duas. As mais variadas obras artísticas expressam costumes e atitudes morais, por isso, literatos podem compor de forma conectada (influenciada) pelo historicismo, através de um relato baseado em personagens e acontecimentos inventados, assim, ele (o literato) procura alcançar uma verdade histórica mais profunda (ver GINZBURG, 2007. p.174).

De acordo com Marc Bloch (2001), trabalhar com a historicidade é colocar em perspectiva temporal e espacial as ações humanas que são apreendidas da análise das evidências. Assim, é inerente à História dialogar com outras disciplinas sociais, mas, não se deixar confundir com elas, uma vez que é necessário analisar a vivência pessoal e civilizacional através do tempo. Neste sentido, permite ao historiador trabalhar com a relação entre tempo, memória e formação do relato histórico, isto por meio de fontes escritas ou não escritas.

Eric Hobsbawn afirma que história é como uma fonte para a criação de mitos que são essenciais à política de identidade pela qual pessoas ao se definirem por etnia tentam encontrar alguma certeza (ver HOBSBAWN, 1998. p.19). Deste modo, para o autor, o

passado é uma seleção de daquilo que é lembrado ou capaz de ser lembrado. A memória, neste sentido, marca os registros, os rastros de uma época que são apresentados sob diversas fontes, entre elas, o diário íntimo.

Em “O pacto autobiográfico”, Lejeune (2008) explica que o diário é um vestígio de condutas, dentro dele sensações são guardadas, conservam memórias, sobrevive-se, desabafa-se, conhece-se, delibera-se, resiste-se, pensa-se, escreve-se. A autenticidade do momento marca os registros do diário, deixando vestígios de momentos importantes. Tudo que se marca no diário é o único exemplar, já que o diário é uma série de vestígios. Ele não acompanha o fluxo do tempo, mas fixa-o no momento origem. (LEJEUENE, 2008. p.260). O diário íntimo, portanto,

é um vestígio com suporte próprio: cadernos recebidos de presente ou escolhidos, folhas soltas furtadas ao uso escolar. Às vezes, o vestígio escrito vem acompanhado de outros vestígios, flores, objetos, sinais diversos arrancados à vida cotidiana e transformados em relíquias, ou desenhos e grafismos. Quando se lê “o mesmo texto” impresso em um livro, será de fato o mesmo? Assim como as obras de arte, o diário só existe em um único exemplar” (Lejeune, 2008. p. 260).

De acordo com Jeanne Marie Gagnebin, o rastro, para a filosofia e psicologia, é uma noção que mantém junto a “presença do ausente e a ausência da presença”. Por essa perspectiva, o rastro é a lembrança de uma presença que já não existe pode eventualmente deixar de existir definitivamente. “O trabalho de pesquisa simbólica e de criação de significação é também um trabalho de luto” (Gagnebin, 2002. P. 45).

A linguagem escrita traduz a oral na relação do fluxo narrativo que fala sobre nossas histórias, nossas lembranças, nossas tradições e identidades. Assim, o reconhecimento do outro é um passo importante para se sentir afirmado num grupo, favorecendo a construção de si.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ARAÚJO, V. F. & RIBEIRO, E. P. *Diferenças de salários por gênero no Brasil: Uma Análise Regional*. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/ppge/pcientifica/2001\\_11.pdf](http://www.ufrgs.br/ppge/pcientifica/2001_11.pdf). Acesso em: 17/10/2016.

ALBERCA, M. *La escritura invisible: testimonios sobre el diario íntimo*. España: Sendoa, 2000.

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. “Por uma história da vida privada”. *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 7-19. 3v.

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, n. 21, p. 9, 1998. Disponível em: <<http://virtualbib.fvg.br/ojs/index.php/reh/article.view/2016/1200>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

BACELLAR, C. de A. P. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 23-79.

BARCELLOS, Sérgio. Aproximações: teorias contemporâneas da literatura, identidade e diários. *Terra Roxa e Outras Terras*, v. 9, p. 44-56, 2007.

\_\_\_\_\_. Diários íntimos: documentos para uma História. *Texto Vivo, Narrativas da Vida Real*, Rio de Janeiro, v. n/a, p. n/a, 2006.

BASTOS, M. H. C. et al. (Org.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

BORGES, V. P. Uma mulher e suas emoções: o diário de Eugénie Leuzinger Masset (1885-1889). *Cadernos Pagu*, v. 19, p. 113-143, 2002.

BUITONI, D. *Mulher de papel: Representação da mulher na imprensa feminina*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BURKE, P. Abertura: a nova escola, seu passado e seu futuro. In: \_\_\_\_\_. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p.7-38.

\_\_\_\_\_. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 183-91.

CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004. p. 49-81.

CAIROLI, P.; GAUER, G. C. A adolescência escrita em blogs. *Estudos de Psicologia I*, Campinas, v. 26, n.2, p. 205-213, abr./jun. 2009.

CALLIGARIS, C. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.

CAMARGO, L. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

CAMARGO, M. R. R. M. de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser. In: MIGNOT, A. V. et al. (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 203-228.

\_\_\_\_\_. Escreva-me urgente... Um estudo dos elos comunicativos na carta. In: BASTOS, M. H. C. et al. (Org.) *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 159-180.

CARDOSO, C. F. S.; VAINFAS, R. (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTRO, C. O diário de Bernardina. In: GOMES, A. de C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 229-239.

CATELLI, R. Práticas femininas da memória paulista: uma leitura da correspondência dos Pacheco e Chaves. *Cadernos Pagu: gênero, narrativas, memórias*, Campinas, 1997.

CELSO, A. J. V. C. de M. Subsídios para uma biographia. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1898.

CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 77-105.

\_\_\_\_\_, R. A História hoje: dúvidas, desafios e propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.13, v.7, p.97-113, 1994.

\_\_\_\_\_, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. Vol. 5. n. 11. São Paulo, Jan./Apr. 1991.

CHIARA, A.; ROCHA, F. C. D. (Org.). *Literatura brasileira em foco: escritas da intimidade*. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2009.

CUNHA, M. T. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. de (Org.). *O historiador e suas fontes*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2001. p. 251-280

\_\_\_\_\_. Por hoje é só... Cartas entre amigas. In: BASTOS, M. H. C. et al.(Org.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 181-204.

DAMIÃO, C. M. Sobre o declínio da sinceridade: *filosofia e autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

Diário de Lucy, 1992. Acervo pessoal Márcio Couto Henrique.

Diário de Lucy, 1993. Acervo pessoal Márcio Couto Henrique.

Diário de Lucy, 1994. Acervo pessoal Márcio Couto Henrique.

Diário de Lucy, 1996. Acervo pessoal Márcio Couto Henrique

DINIZ, Margareth; VASCONCELOS, Renata Nunes (orgs.). *Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Formato, 2004.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. Vol 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FACHIN, P. R. M. *Critérios de leitura de manuscritos: em busca de lições fidedignas*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/flp10-11/fachin.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2011.

FARIAS, C. M. de. Entre lembranças e silêncios: reflexões sobre uma autobiografia feminina. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 238-257, jan./jun. 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 314-332, dez. 2002.

Ferreira, C. (2000). Os estereótipos de gênero como constructos dinâmicos [Resumo]. Em R. S. L. Guzzo (Org.), *Anais do VIII Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico* (p. 136). Serra Negra, S.P.: ANPEPP.

FLEXOR, M. H. O. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008. (Publicações Técnicas, n. 53).

FRANCO, M. P. Histórias de Ivanilde no Alto Rio Juruá. In: *Cadernos Pagu: gênero, narrativas, memórias*. São Paulo: UNICAMP, 1997. p. 115-158.

FREITAS, M. T. de A. apud NEVES, Rita de Araújo; DAMIANI, Magda Floriana. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. *UNIrevista*, v. 1, n. 2, p. 6, abr. 2006.

FURTADO, J. F. Testamentos e inventários: a morte como testemunho da vida. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 93-117

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Lisboa: Vegas, Passagens, 1992. p. 129-162.

GAGNEBIN, J. M. *O rastro e a cicatriz: metáfora da memória*. Pro-Posições - vol. 13, N. 3 (39) - set./dez. 2002.

GAY, P. *A experiência burguesa da rainha vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, C. *A microhistória e outros ensaios*. São Paulo: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_, C. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GOMES, A. de C. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004. p. 7-24.

GONTIJO, R. Coração: um diário, vários tempos e algumas histórias. In: ROCHA, H. A. B. R.; REZNIK, L.; MAGALHÃES, M. de S.(Org.). *A história na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 49-70.

\_\_\_\_\_. Identidade nacional e ensino de história: a diversidade como 'patrimônio sociocultural'. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Orgs.). *Ensino de história: conceitos, temáticas, metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 55-79.

GRUSZYNSKI, A. C. O projeto gráfico de revistas: uma análise dos dez anos da revista Capricho. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 10, jul./dez. 2006.

GUSDORF, G. *auto-bio-graphie*. Paris, Odiele jacob, 1991.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo. Vértice, 1990.

HALL, S. The local and the global: globalization and ethnicity.. IN: D. Anthony (Ed.), Culture, globalization and the world aystem. Contemporary conditions for therRepresentation of identity (pp. 18- 68). Minneapolis: University of Minnesota Press. 1997.

HENRIQUE, M. C. Um toque de voyeurismo. *PHYSIS: Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 285-303, 2005.

\_\_\_\_\_. *Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887)*. 2008. 285 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – PPGCS, UFPA, Belém.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

\_\_\_\_\_; SULIMAN, S. da S. Diário íntimo: fonte de pesquisa e instrumento pedagógico. *Anuário de literatura*, Florianópolis, v.17, n. 2, p. 27-44, 2012.

HOBSBAWN, E. *Sobre história*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JESUS, M. C. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2001.

KNAUSS, P. de M. Documentos históricos na sala de aula. *Primeiros Escritos*, Rio de Janeiro, n. 1, jul./ago. 1994. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/primeirosescritos/sites/www.historia.uff.br.primeirosescritos/files/pe01-3.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2011.

LAPA, J. R. do A. O imperador e o cotidiano. In: \_\_\_\_\_. AMARAL, J. R. do. *A história em questão: historiografia brasileira contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 116-129.

LE GOFF, J. Os sonhos na cultura e na psicologia colectiva do Ocidente medieval. In: \_\_\_\_\_. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993 (1977).

\_\_\_\_\_. Documento/monumento. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990. p. 461-475.

\_\_\_\_\_. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 1990.

LEJEUNE, P. Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário. *Cadernos Pagu*, v.8, n. 9, p. 99-114, 1997.

\_\_\_\_\_. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização e tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, M. C. P. A escrita adolescente como cena dos impasses do feminino. *Revista Mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, v. VII, n. 1, p. 29-43, mar./2007.

LIMA, N. L. de; SANTIAGO, A. L. B. A escrita íntima na puberdade: a tessitura de um véu no encontro com o feminino. *Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*, v. IV, n. 08, maio/ out. 2009.

LUCCI, Marcos Antonio. A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica. *Profesorado: Revista de currículum y formación del profesorado*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 7, 2006.

MACHADO, M. H. P. T. A sensualidade como caminho. Notas sobre diários e viagens. *Revista Usp*, São Paulo, n.58, p. 134-147, jun./agos. 2003.

MAGALHÃES, J. V. C. de. *Diário íntimo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MALATIAN, T. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, C. B.; MALUF, M. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 195-222.

MARIA, A. *Diário de Antônio Maria*. Apresentação de Joaquim Ferreira Santos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MIRA, M. C. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'água/fadusp, 2001.

MORAIS, M. A. C. de. *Leituras de mulheres no século XIX*. Belo horizonte: Autêntica, 2002: p. 51-54.

MARQUES, E. C. DE R. & RODRIGUES, J. M. *O Civilizar Da Mulher Na História Da Educação*. Disponível em: [bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec03/article/view/310/386](http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec03/article/view/310/386). Acesso em: 15/10/2016.

LUCA, T. R. de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MIGNOT, A. C. V. (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: UERJ; Rede Sirius, 2003.

MALINOWSKI, B. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro, Record, 1997.

MARROU, H. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: E. P. U., 1975.

NASCIMENTO, A. B. A busca do corpo canônico. In: *Comida: prazeres, gozos e transgressões* [online]. 2nd. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 135-153. ISBN 978-85-232-0907-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

NORA, P. Entre mémoire et histoire. In: \_\_\_\_\_. *Lês lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. p. XVII-XLII.

OVIANO, L. H. da Silva. Escrita e subjetividade feminina: um mundo de papel e tinta construído no diário de Helena Morley. *Revista de Artes e Humanidades*, n. 6, maio/out. 2010.

PANTOJA, M. Histórias de Ivanilde no Alto Rio Juruá. *Cadernos Pagu: gênero, narrativas, memórias*. São Paulo: UNICAMP, 1997.

PESAVENTO, S. J. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. de (Org.). *O historiador e suas fontes*. Editora Contexto, 2001.

PONTES, H. Vida e obra de uma menina nada comportada: Pagu e o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo. *Cadernos Pagu*, v. 26, n. 1, p.431-441, jan./jun. 2006.

VARGAS, G. *Diário*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995.

VILANOVA, M. A história presente e a história oral: relações, balanços e perspectivas. In: \_\_\_\_\_. *Páginas de História*. Belém: Universidade Federal do Pará/Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Laboratório de História,, 1998. p. 1-15.

RAMOS, T. R. O. Querido diário: agenda é mais moderna. In: MIGNOT, A. V. et al. (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 191-202.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia da SBP*, 2004, Vol. 12, no 1, 2– 17. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

THIES, V. G.; PERES, E. Quando a escrita ressignifica a vida: diários de um agricultor - uma prática de escrita masculina. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, p. 216-231, 2009.

SARTI, Cynthia & MORAES, Maria Quartim de. “Aí a porca torce o rabo”. IN: BRUSCHINI, Maria Cristina & ROSEMBERG, Fúlvia. *Vivência – história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: brasiliense, 1980.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHWARZ, R. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

SCHWARTZMAN, Simon; BONEMY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Fundação Getulio Vargas e Editora Paz e Terra, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_ (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 73-101

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. Petrópolis: Vozes, 1988.

<[http://www.abril.com.br/institucional/50 anos/sumário.html](http://www.abril.com.br/institucional/50_anos/sumario.html)>. Acesso em: 20/09/2016.

WHITE, Hayden. Teoria literária e a escrita da história. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 7, n. 13, 1991.